

WLADIMIR OLIVIER

O GATO FANFARRÃO

E

OUTRAS CRÔNICAS

Equipe do Eterno Regresso

Professor Mário

ÍNDICE

Reconhecimento	
1. O gato fanfarrão	
2. Do grotesco e do ridículo	
3. Formosa criatura	
4. O arrojo	
5. Um caso sem graça	
6. Carta aberta para toda a humanidade	
7. O esqueleto	
8. O controlador do tempo	
9. Os desígnios de Deus	
10. Eu ainda pego aquele cachorro	
11. De asas cortadas	
12. O repicar dos sinos	
13. Meu vestido de noiva	
14. Trilhos e trilhas	
15. Inteligência reprimida	
16. A armadura	
17. A bola de futebol	
18. Beijos ardentes	
19. Algodão-doce	
20. As intervenções de Mário	
21. Frutos verdes e maduros	
22. Eu comi a semente	
23. Interpretações erradas	
24. A dançarina da cobra	
25. Meus brincos de pérolas	
26. Um humilde servidor do Cristo	
27. Sem pena do médium	
28. Como as fases da Lua	
29. Na hora H	
30. A nostalgia da carne	
31. Nitrato de prata	
32. A visão noturna	
33. A teia	
34. O <i>rasgador</i> de seda	
35. O piloto e a aeromoça	
36. O coco furado	
37. Perigo iminente	
38. O contador de anedotas	
39. O salvador da humanidade	
Reflexão final	

RECONHECIMENTO

Abrimos estas comunicações agradecendo efusivamente a todos os que, direta e indiretamente, nos proporcionaram momentos de realização através do trabalho de pesquisa íntima e nos compêndios das diversas bibliotecas da instituição.

Não podemos, contudo, efetuar levantamento de todos os aspectos que receberam apoio intelectual e afetivo dos companheiros e amigos, tantas e tão profundas foram as contribuições, desde tempos bastante remotos, quando ainda vivíamos na Terra.

Decerto, compreenderão os leitores que estamos remetendo aos vínculos fraternos que unem os seres em todas as esferas existenciais, porque ninguém haverá de afirmar que se fez sozinho.

Sendo assim, ao Criador elevamos nossas preces agradecidas. A Jesus, agradecemos o abraço carinhoso de amigo e mentor inolvidável. Aos nossos pais, o afeto traduzido no agasalho e, muitas vezes, no sacrifício pessoal. Aos irmãos, aos cônjuges, aos filhos e consanguíneos, a compreensão de que todos somos criaturas imperfeitas em busca de progresso espiritual. Aos trabalhadores manuais que se estimularem a efetuar a transcrição dos textos, registramos antecipadamente nosso muito obrigado.

Sentimos a tremenda responsabilidade desta mediunização e pedimos que nos entendam os comentários carentes de melhores desenvolvimentos. De qualquer modo, sempre poderemos contar com novos amigos na seara maravilhosa dos conhecimentos doutrinários espíritas.

Deus esteja com todos nós!

Equipe do Eterno Regresso.

Orientador: Professor Mário

1. O GATO FANFARRÃO

Quantas histórias inventei ao passar pela sombra daquele gato postado no alto da casa!

Toda tarde, cansado do trabalho na joalheria, prestes a me aposentar, cruzava os quatorze quarteirões que levavam a minha casa, não vendo a hora de observar aquele semblante impassível, aquela cabeça erguida, aquele orgulho de pedra.

Jamais vi o animal trepar no telhado, nunca passei por lá sem vê-lo. Em dias de grande chuva, lá estava ele equilibrando-se, indiferente aos grossos pingos, como não se deixava perturbar pelos raios de sol dos dias claros.

Coloquei palavras em sua boca:

— Ó passante infiel, por que não te afastas desta calçada e não procuras os teus?

Em outra ocasião:

— Queres ouvir a minha súplica outra vez? Pois irás arrepende-te de haver nascido.

Mais adiante:

— Querido irmão sofredor, por que não sobes até aqui e te colocas ao meu lado, para que tua sombra se estenda ao lado da minha?

Em casa, a imagem do gato ainda se guardava em minha memória e eu estendia os temas, pondo peripécias em enredos absurdos, como no dia em que levei o gato a dormir comigo, aos pés da cama, ronronando e agradecido, sonhando juntos a felicidade de existir.

Minha mulher não sabia nada disso. Não lhe revelei aquele segredo até que me surpreendi sozinho. A morte a levou num dia em que eu passara junto ao gato e ele não estava. Cheguei em casa

estranhando a ausência e encontrei o cadáver da esposa atravessado na sala. Morrera do coração.

Por uns dias não passei por debaixo da marquise. Evitava o feitiço daquele olhar tremendo. Mas o tempo passa e dá voltas a vida, de sorte que tive de volver ao trabalho. O patrão me ofereceu sociedade, já que estava desejoso de aposentar-se e não queria perder os meus valiosos préstimos. Não tinha ambições, recusei o convite, tendo indicado um dos empregados mais diligentes e confiáveis para atendê-lo. Tudo acertado, o novo patrão me despediu, fazendo-me recolher os direitos previdenciários da falta da justa causa, aconselhando-me a que me aposentasse, já que minha vista, tão falha à distância, começava a claudicar até com a ajuda das lupas.

Naquele dia, saí mais cedo. Surpreenderia o gato ainda debruçado sobre os pedestres? À medida que me aproximava da casa, sentia o coração bater mais rápido. A recordação de que não estivera ali naquele dia de luto somente então me assaltou. Teria abandonado o transeunte certo por algum amor incerto?

Quando cheguei junto à sombra, lá estava o vulto querido a acenar-me com a estabilidade das coisas. Notei, porém, que as orelhas se erguiam como a desafiar a argúcia do observador. Seria o efeito do sol mais alto? Temi olhar para cima.

— Tu aí em baixo, vais passar sem sorrir para mim?

Era o convite que me faltava. Ergui a cabeça, já com os lábios armados para retribuir a alegria com que me recepcionava, quando quedei estático e frio. Estava ali um cão tão orgulhoso e imponente quanto o gato que se fora. Teria este espantado aquele? Que lutas misteriosas teriam ocorrido longe de minha vista?

Pela primeira vez ousei encostar um caixote ao muro, onde subi para espiar o terreno vazio. Procurava pelo bichano escorraçado do pedestal.

Realmente, lá estava ele encostado na parede, a cabeça ao lado do corpo, sem mancha de sangue, sem queixa e sem

arrogância, pobre figura patética, arrebatada por um raio em meio à tempestade. Era de metal sua estrutura e ele não aguentou o embate de não sei quantos graus centígrados da faísca mortífera.

Estava despedido. Não tive oportunidade de inventar histórias a respeito do cachorro...

2. DO GROTESCO E DO RIDÍCULO

Forçaram-me, certa vez, a realizar uma comunicação durante sessão mediúnica no centro espírita.

Tinha eu requisitado ajuda dos seres mais poderosos, crente de que iriam alçar-me ao paraíso, como nas histórias que conhecia em que os anjos descem para buscar as almas dos cristãos.

Naqueles tempos, passava de um lado para outro da escuridão, atropelado e atropelando, clamando por vingança e por justiça, como se tais coisas fossem compatíveis perante o Senhor.

O convite, assim entendi a verdadeira ordem recebida, se deu de forma convencional, aparecendo um grupo de sujeitos vestidos um pouco melhor que eu, que andava andrajoso, sem rodeios:

— Ouvimos as suas preces e estamos prontos a ajudá-lo. Venha conosco.

— Esperem aí! Para onde vão me levar?

— Para um lugar em que será instruído a respeito de algumas providências necessárias para que você alcance atingir o seu maior objetivo, ou seja, livrar-se dessa situação penosa.

Eu mal havia entendido aquele palavrório, mas, como de tudo desconfia o condenado às galés após ouvir o douto pronunciamento que o sentenciou, quis saber mais:

— Se estão pensando...

— Nós sabemos o que se passa com você. Na realidade, vamos conduzi-lo a um centro espírita onde você irá receber as referidas instruções.

— Por que vocês não falam agora do que se trata?

— Você sabe o que se passa dentro de um centro espírita?

— Já fui a muitos. Lá o povo se diverte, bebe, canta e dança...

— Não é dos terreiros que estamos tratando. É do sagrado ambiente de reuniões entre vivos e mortos, sob o amparo de mentores de bom calibre moral.

— E os orixás não são assim?

— Você viu algum?

— Eu vi muito pai e mãe de santo conversando com entes de grande poder e força, tanto que a minha turma nem podia chegar perto.

— Viu algum?

— Não vi.

— Sabe por quê?

— Porque eles não se mostraram.

— Por que eles não se mostraram?

A pergunta estava muito além de minha capacidade de raciocínio. Saí pela tangente:

— Era da conta deles, decerto.

— Perfeitamente, como será da conta dos nossos bons amigos da espiritualidade superior mostrar-se, para nos darem tranquilidade, paz, sossego, que é o que lhe tem faltado.

Percebi que desejavam atrair-me com boas palavras e retraí-me:

— Pois ainda acho que vocês poderiam atender-me aqui mesmo, se é que me entendem.

— Como queira. Vamos montar a nossa pequena assembleia neste lugar...

— Vocês vão ser chamuscados pelo fogo dos perversos que atacam os pobres inocentes.

— Você se considera inocente?

— Claro que sim, principalmente porque ficaram me devendo satisfações e dinheiro...

— Você não ficou devendo nada a ninguém?

— Fiquei, mas foi muito menos.

— Diga apenas um dos seus débitos.

— Deixei de pagar a conta do telefone...

— Estou falando em relação às pessoas e não às instituições.

— Levei algum dinheiro de meu irmão, mas, como ele era da família, não se aborreceu comigo.

— Que certeza você tem disso?

— Ele nunca me cobrou nada.

— Você nunca machucou ninguém?

— Agredi um sujeito que me atacou na rua.

— Estou perguntando se magoou moralmente.

— Só minha mulher, mas isso não conta...

— ...porque ela nunca deu queixa na polícia?...

— Não deu mesmo. Até me agradeceu muito a vida que dei a ela quando morri.

— Você está sabendo que morreu?

— Não sou tão ignorante assim.

— E não se arrependeu de nada até agora?

— Estou arrependendo-me de lhe dar trela...

— Deseja parar?

— Sim.

— E voltar a correr desesperado por aí?

— Não. Quero continuar conversando sobre outras coisas.

— Não está mais disposto a revelar sua condição infeliz?

— O que está me deixando cansado são tantas perguntas.

— Então, vou lhe afirmar algumas coisas. Primeiro, você está devendo uma grande soma a muitas pessoas...

— Não é verdade.

— Está devendo satisfações e desculpas, por ter ofendido aos familiares e amigos, muitos que você traiu...

— Se vocês sabem de tudo isso, por que me atormentam com perguntas?

— As perguntas se acabaram. Chegou a vez de conversarmos a respeito das atitudes honestas e virtuosas. Você, como sabemos, é bem capaz de repetir todas as virtudes e dizer de cor as leis de Deus, segundo sua fé católica. Mas isso tudo se passa no seu coração e na

sua cabeça da mesma forma que deseja que os anjos venham levá-lo à presença de Deus.

— Não tinha pensado em ficar na frente dele.

— É porque você ficaria envergonhado. Está na hora de descobrir a melhor maneira de crescer espiritualmente.

— E de sair da escuridão e das perseguições?

— Perfeitamente.

— Que devo fazer?

— Acompanhe o grupo de amigos que foram buscá-lo.

— Você quer dizer: que vieram buscar-me...

— Foram buscá-lo e o trouxeram até aqui, no centro, onde você conversou comigo, um simples trabalhador espírita.

— Quer dizer que eu vim parar aqui sem perceber?

— Acho que sim, pois você está presente.

Naquele momento percebi que podiam transportar-me sem minha anuência e protestei:

— Não é justo desrespeitar a minha vontade.

— Sua vontade de ficar na escuridão ou sua vontade de ser resgatado das mãos dos perversos?

A alternativa sentenciou-me ao silêncio e às lágrimas. Haviam quebrado a minha crista. Estava pronto para receber o carinho dos socorristas. Atinei que fora sempre um beócio ou capadócio, que eram as melhores palavras que utilizava contra os meus algozes. E deslizei para o seio do grupo que me amparou e me transportou para estadia em hospital de deficientes espirituais...

3. FORMOSA CRIATURA

Não tinha o pendor da humildade. Desde que nasceu, seus ademanes naturais lhe propiciavam o louvor dos circunstantes, cativando os corações. Era feminino de aspecto, ainda que bebê de colo.

Os olhos, ah!, os olhos! Tinha-os azuis como o céu, profundos como o oceano, virginais como a mais translúcida das fontes.

E o sorriso expandia-se em alegria, como mil sinos festivos a conclamar o povo para as festividades da religião.

Não me iludia, contudo, e me mantinha afastado dos trejeitos e facécias daquela inteligência privilegiada.

Eu a conheci no berço, a carreguei no colo auxiliado pela mãe, que me proporcionava carinhos da mais gentil amizade. E palmilhamos juntos todas as veredas e becos da vida.

Um dia — estava adentrando o ciclo colegial —, li uma obra machadiana e me pus na pele de Bentinho, rejeitando para Isabel as prendas sutis da Capitolina, infiel pela desconfiança ensimesmada do casmurro marido.

Nós dois constituímos lares e fomos felizes, cada qual com seu cônjuge. Entretanto, os laços que nos uniam eram fortes e saudáveis, tanto que nos tratávamos por compadre e comadre, pelas bênçãos aos rebentos que leváramos à pia batismal.

Voltei para a esfera espiritual mais cedo, cerca de trinta anos antes que ela. Por isso, tendo vagado bom tempo pelos horrorosos umbrais da consciência pejada de culpas, não lhe acompanhei os derradeiros anos de vida.

Já na colônia, refeito dos sustos e das correrias, consagrando-me ao socorro dos entes a quem me afeiçoei na Terra, fui convidado pelo mentor a fazer parte de comitiva que sairia em busca de Isabel, arremessada nas profundezas de escura caverna. Tinha por ela as

preces de quase todos os que se constituíram em parceiros de existência, o que nos deu muito ânimo de arrebatá-la dos braços tenebrosos do mal.

Coube-me aproximar-me para o primeiro contato:

— Isabel, querida, você me reconhece?

— Não reconheço nem pretendo. Você, seja quem for, está perdendo tempo. Se não quiser ser envolvido pelo fascínio de minha personalidade, vá embora. Deixe-me curtir as dores e sofrimentos de uma vida inútil, sem proveito.

— Isabel, sou o Francisco, seu amigo de todas as horas, aquele companheiro dos folguedos da infância, da matreirice da adolescência, dos arrepios da juventude...

— Você está vindo acusar-me de quê? Eu mesma já não sei mais o que possa ter feito para provocar a sua raiva, o seu desejo de vingança.

— Mas se estou chamando-a de *querida*, como é que poderia passar-lhe ideias tão funestas e depreciativas? Venho por ter sido enviado, mas teria vindo por conta própria, soubesse de suas necessidades de amor e compaixão.

— Não fale bobagens. Estou aqui definhada e feia, banguela, quase careca, enrugada, cega e meio surda. Por que fui deixar-me viver até esta maldita idade?...

— Você pereceu aos oitenta...

— Pois devia ter morrido aos trinta, quando estava jovem e tinha o poder sobre as pessoas. Na velhice, mal consegui aconselhar os netos nos estudos, sem sucesso, já que nenhum seguiu as carreiras que sugeri.

— Seus netos e bisnetos recomendaram-me que a tratasse com extremo carinho, dando-lhe todo o conforto que me for possível amealhar junto aos espíritos protetores que cuidam da colônia.

— Suas palavras são por demais bonitas e me afagam os ouvidos.

— Então, você não acha que eu estou querendo o melhor para você, pela amizade que nos uniu?

— Você veio buscar-me para levar-me aonde?

— Venho autorizado a conduzi-la a um lugar de restabelecimento físico e moral.

— Estas minhas feições irão ganhar de novo o viço da juventude?

— Se você alcançar entender que Deus é o supremo bem para as criaturas que amadurecem as virtudes, como a fé, a caridade, a esperança...

— Entendi todas as suas palavras, mas devo dizer-lhe que minha vida anterior...

— O passado a gente sepulta debaixo do amor do presente. Não tema e siga-me. Se preferir, posso carregá-la como fazia quando éramos crianças.

— Minha mãe irá ajudá-lo?

— Sua mãe e todos os que desejam o seu bem.

— Vou aceitar, com uma condição: você irá envolver minha cabeça num saco de estopa, para que ninguém me veja assim.

— Poderei fazê-lo, porque não quero desagradá-la, por todos os momentos de felicidade que curtimos juntos.

Criei uma espécie de gorro felpudo que passei a ela e tomei-a nos braços, frágil e dócil, como se me favorecessem todos os dons da espiritualidade. Era meu primeiro ato socorrista e eu me enchia de preces para não ufanar-me com o sucesso da empreitada, aspirando o hálito que me embalava a saudade.

A caminhada foi curta, assumindo os companheiros as tarefas da preparação do perispírito para os primeiros curativos fluídicos.

Hoje, dois meses depois do episódio do resgate, terei oportunidade de encontrar-me com Isabel nas dependências do hospital destinadas aos seres crestados pela vaidade. Preveniram-me quanto a não ser envolvido pela estonteante beleza da amiga.

Ardo na expectativa de abraçá-la, minha irmã queridíssima, como também anseiam por isso o esposo, minha mulher, as irmãs e irmãos, a mãe e o pai, cada qual a seu tempo e hora, segundo seus próprios merecimentos.

4. O ARROJO

Revelei-me a mim mesmo quando tive o ensejo de guarnecer minha personalidade com o hábito da morigeração, da cautela, do bom aviso.

Antes, metia-me em problemas por *dá cá aquela palha*, esquentado e tolo, julgando de modo imediato e temeroso a quanta postura me era exigida perante os acontecimentos mais corriqueiros.

Não avaliava direito a responsabilidade de cada um e assumia, empenhando-me para isso, o total desafogo das questões, buscando soluções rápidas e definitivas.

Isso mudou quando me vi envolvido numa tragédia doméstica, havendo um filho meu recebido fatal choque elétrico, vindo a falecer.

De quem era a culpa? Quem havia facilitado aquele contato? Tais eram as perguntas que me assaltaram a mente e logo me puseram afogueado e temeroso de enfrentar as crises que viriam como consequência do sentimento de culpa, do remorso, tendo em vista as acusações que me assaltaram desde o primeiro instante.

Deixei-me conduzir para o centro espírita como teria ido a qualquer culto religioso. Tudo que vinha fazendo tinha o dom do automatismo, zumbi que me sentia, morto para as alegrias do mundo, vivo apenas para o arrependimento.

Note-se que não houve ninguém que levantasse qualquer suspeita de haver o pai contribuído para a morte do filho. Tudo se desenrolava no meu íntimo, tendo as pessoas ficado impressionadas com a tristeza que me abatera e me prostrara.

No começo, ia às palestras e às sessões de estudo por mera cortesia ao querido mano, que me incitava a coragem para vencer a dor. Aos poucos, porém, a suspeita de que pudesse receber palavras de conforto do espírito que soube evoluído e não infantil daquele

que partira, pôs-me atento às lições de Kardec que se repetiam nas aulas.

Muitas palavras foram tornando-se especiais, havendo uma em particular que me ofereceu o primeiro trago de resignação à sorte: *cada qual colhe o que plantou*.

Meu primeiro raciocínio foi bastante periférico e nada conclusivo:

— Quer dizer que meu espírito está endividado?

Primeiro pus as causas do sofrimento em vidas anteriores. Comecei achando que aquela criatura que me dera tanta satisfação constaria entre a minha prole por débitos meus e que sofreu a desdita da súbita partida para me castigar.

— Não é verdade que estou magoado, sentido, abismado?...

Por sorte, logo em seguida, pus tento em outra expressão saudável: *Deus é pai de misericórdia e jamais desampara um filho seu*.

Está claro que me passou um frio pela espinha, porque logo me lembrei de que desamparara eu meu filho. Mas, de imediato, rejeitei aquela impressão dolorosa e atribuí ao Criador o sentido do perdão absoluto das faltas, imaginando que Jesus era o filho querido que fora enviado para perecer na cruz.

— Deus, que é puro amor, não enviaria seu filho para a morte, sem que houvesse um objetivo sagrado, qual seja o da salvação da humanidade pela divulgação do evangelho.

O pensamento, versado em comprovação muito capenga da vontade divina, manteve-me ocupado durante bastante tempo, até que, um dia, sentindo-me infeliz, perguntei:

— Senhor, se o evangelho se promulgou durante a vida do Cristo, por que haveria necessidade de sofrer morte ignominiosa, perante a humanidade? Seria para que esta se atribuisse o mesmo sentimento de culpa que me consome as entranhas?

Veio-me, então, à lembrança a terceira condição para meu restabelecimento: *fora da caridade, não existe salvação*.

Se não deixei claro ainda que me sentia perdido, era exatamente essa a ideia que me alimentava a desesperança.

O sentido da caridade unido à salvação me clareou a mente, porque me pareceu absolutamente certo que ninguém pode ser condenado pela eternidade. Meditei a respeito de até quando teria de sofrer com a desdita da tragédia familiar e cheguei à conclusão de que, se levasse a ferro e fogo o pensamento negativo, não descansaria em vida nem após a morte.

Somente nesse dia é que passei a considerar o meu procedimento arrojado de antigamente como a causa mais correta para o sofrimento. Era o impulso de querer saber tudo, de querer estabelecer as normas e regras, de querer resolver todos os dramas através da simplificação das respostas, transformando a complexidade da vida na mera questão aritmética do *dois mais dois igual a quatro*.

Abandonei a intuição das vidas anteriores, do carma trazido do etéreo, da angústia natural dos imperfeitos, e passei a considerar a possibilidade do acaso, do encadeamento de causas fortuitas para o desenlace dos fatos que não contêm a participação da consciência e do livre-arbítrio.

Jesus morreu sabendo que iria ser crucificado, porque estava ciente de que ofendera os príncipes e sacerdotes. Não quis fugir e adentrou em Jerusalém, respeitando a profecia.

Meu filho, pobrezinho, não tinha noção de que aqueles fios carregavam energia suficiente para carbonizá-lo.

Se Jesus era inocente e puro, puro e inocente também era meu filho. Jesus foi vítima da sanha dos homens; meu filho, de um conjunto de fatores costurados dentro de civilização que visa ao bem-estar material.

O resultado dessas reflexões me foi muitíssimo proveitoso, porque passei a trabalhar em prol dos necessitados, dando-lhes de mim, com esforço e dedicação, porque não podia tirar dos membros de minha família. Por sorte, obtive a compreensão de todos.

Somente deste outro lado da vida, no entanto, é que compreendi que fora a transformação que me dera a aprovação dos companheiros, porque já não lhes causavam mal-estar a minha arrogância, a minha firme deliberação, os meus arrojados e destemidos pontos de vista.

5. UM CASO SEM GRAÇA

Sem graça mas cheio de ensinamentos, conforme puder ser apreciado por pessoas medianas, que não queiram ou não possam assimilar profundas teorias espíritas, tantas são as lições que se contêm nas obras doutrinárias.

Vi-me, certo dia, diante de forte dilema de vida: ou comprava um automóvel novo, ou me casava com aquela com quem namorava há alguns anos.

Parece um problema tolo, do ponto de vista masculino, mas perguntem à moça se era assim que ela via a minha hesitação e irão saber que havia fortes emoções envolvendo a nossa relação.

Dois anos depois, acreditem, estava casada com outro, de carro novo, de casa nova e até de operação plástica recente. Eu é que bati meu automóvel, sem seguro, e me vi de cara no chão, arcado sob o peso da burrice.

Tanta falta de sorte (segundo me parecia), fez-me buscar consolo na religião. Como morava diante do portão de um centro espírita, para cujos dirigentes minha mãe prestava alguns serviços, como o de abrir e fechar as portas para a faxineira, guardar os pacotes da correspondência mais graúda, atender às pessoas que encontravam o estabelecimento fechado, fui levado, também pela curiosidade, a ouvir as palestras ministradas toda quinta-feira.

Não me conheciam o caso amoroso nem o desastre financeiro. Considerei o fato bastante excitante para ser contado, como o fiz na abertura desta mensagem. Pensava que aquelas pessoas poderiam, avisadamente, explicar-me os acontecimentos à luz dos conhecimentos extrafísicos que esperava encontrar ali.

Mas, para obter audiência, precisava comparecer em dias de reuniões fechadas, de estudo ou de orientação mediúnica. Alistei-

me em ambas, crente de que teria oportunidade de manifestar-me quanto ao tema de meu interesse.

Um dia, estando o grupo dos estudos debatendo o acaso ou a inexistência dele, arrisquei:

— Que vocês dizem do fato de eu haver escolhido comprar um carro a casar-me?

A pergunta não provocou o rebuliço que esperava. Achando que não havia elaborado a questão em termos adequados, repeti:

— Terei feito a coisa certa, segundo os termos da lei do amor, do trabalho e da justiça? Terei cumprido a determinação que se acha na lei da defesa?

O diretor da aula esclareceu:

— Você quer dizer: lei da conservação?

— Exatamente.

Achei que iria ser esclarecido, mas o coordenador atalhou-me o desejo:

— O que você fez, como entendi, foi fruto de seu livre-arbítrio, portanto, foge ao tema da aula. De qualquer modo, acho que você mesmo poderá refletir sobre isso e trazer a resposta na próxima semana.

Fiquei admirado com a minha perplexidade. Não esperava que me dessem explicação canônica de última geração, mas ser quase ignorado não me satisfez. Não preciso dizer que, na semana seguinte, faltei à reunião, comparecendo apenas à sessão de instruções para desenvolvimento da mediunidade.

É de se supor que tenha meditado bastante a respeito do problema que me dominava a mente, acabando por descobrir que poderia ouvir a resposta pretendida diretamente no fundo da consciência, como informação advinda na forma de intuição. Também supus que, havendo, entre os instrutores e colegas, médiuns poderosos, seria possível aos espíritos, principalmente ao meu anjo guardião, ditar um recado dirigido a mim.

Tendo aprendido com a decepção da outra turma, calei-me e não descrevi nada do que se passava no íntimo.

Depois de três semanas, não tendo ouvido nenhuma resposta pessoal nem recebido comunicação falada ou por escrito dos mensageiros habituais da casa, também deixei de frequentar as aulas. Permaneci, porém, fiel às exposições das quintas-feiras, ouvindo com interesse as teses explanadas, todas eivadas de boas sugestões e recomendações morais de muita valia. Queria ver se passava um ônibus cujo itinerário me levasse ao ponto em que almejava descer.

Mas as coisas que ocorrem furtivamente tendem a revelar-se, porque, se se mantiverem ocultas, não há vantagem nenhuma que existam. Foi assim que aquele mesmo instrutor da sessão de estudos, encontrando-me no auditório, procurou-me para perguntar:

— Por que você desapareceu? Ou melhor, por que não veio trazer a resposta à interessante questão que nos propôs?

Desfaçado e curioso, inquiri-lhe:

— Qual foi mesmo a questão?

— Você estava interessado em saber se estava amparado por seus protetores espirituais quando preferiu a compra do automóvel a casar-se. E também nos interrogou se havia recebido um castigo por ter optado contra a moça que namorava.

Notei de imediato que ele também havia pensado no assunto. Arrependi-me de não haver comparecido aos estudos e prometi-lhe que não perderia mais nenhuma sessão.

Assim se conta a história sem graça de como me tornei um dos mais fiéis seguidores da doutrina espírita no bairro.

6. CARTA ABERTA A TODA A HUMANIDADE

Aos quinze anos de idade, impressionavam-me os crimes hediondos que feriam as pessoas inocentes. Estudioso, descobri que as guerras causavam males tremendos aos povos, cada vez mais às mãos do poder bélico. Os prisioneiros cadavéricos expostos ao mundo pela cinematografia me deixaram aterrado, tanto que resolvi escrever uma carta endereçada a todos os homens e mulheres responsáveis no mundo.

Em mais de quinze laudas de papel almaço, em letra miúda, execrei todos os vícios e apontei culpados, principalmente os governantes e o alto comando das forças armadas.

Terminava assim:

“Se Deus não os mandar para as profundezas dos infernos, será porque vocês vão aprender o caminho sozinhos.”

Cinco anos depois, achei aquele escrito juvenil no meio de uns cadernos de rascunhos e sorri desapontado, já que não encontrara meios de publicar o libelo.

Li o texto e encontrei muitas incoerências, terminando por suspeitar que o melhor mesmo foi guardar o trabalho, esperando amadurecer a inteligência e a sensibilidade. Por desfastio, busquei corrigir os exageros do estilo veemente e abreviei a composição, mantendo o tom reprovador, acrescido de outros muitos acontecimentos ainda mais funestos para os humilhados.

Concluía assim:

“Outros tempos virão em que os homens saberão honrar seus compromissos para com a verdade.”

Um chamado telefônico me fez esquecer a preocupação de caráter universal, acabando a missiva escondida na mesma pasta jogada no fundo do armário.

Formei-me, casei-me, desquitei-me, tornei a casar-me, gerei três filhos e, aos trinta e cinco anos de idade, de mudança para uma

casa maior e mais confortável, revirando os pertences antigos, deparei-me com a tal carta reescrita.

Não me lembrava do conteúdo mas sabia tratar-se de um impulso juvenil. Sem emoção, antes de jogar fora o produto de minha jovem concepção do mundo, percorri rapidamente o texto. Fui estimulado a refazer o conteúdo, crendo-me absurdamente mais confiante no poder de compreensão do espírito humano.

Comecei riscando frase a frase, substituindo parágrafos inteiros por meras anotações esparsas. Ao cabo de algum tempo, estava diante de um rol de termos essenciais para levar à consciência da humanidade um sentido bastante profundo, filosoficamente arquitetado.

Elaborei alguns pensamentos, recomendei aos leitores que se esforçassem para não praticarem nada de que pudessem arrepender-se mais tarde e encerrei assim:

“Façam o que quiserem, desde que mantenham as pessoas cômnicas de seus deveres e obrigações.”

Aos setenta anos, ainda cheio de viço, experiente nas lutas contra a miséria humana, auxiliar dedicado nos serviços de assistência de uma casa espírita, tendo precisado de espaço para guardar as obras que ia adquirindo, topei com a tal pasta das cartas derradeiras.

Puxei pela memória, mas não pude situar-me perante as três versões, parecendo-me que não passavam de um exercício escolar qualquer. Não atinei com a progressão textual, já que pouco havia restado dos dois primeiros exemplares. Apenas o terceiro estava completo.

Li buscando criticar o autor, sem me preocupar muito com o destinatário. Achei meio burlesca a recomendação final e coloquei a papelada toda no lixo, considerando intimamente:

“Se cada qual fizer o que escreveu em seu programa de vida, dando oportunidade a que o bem supere a maldade cristalizada por várias existências desperdiçadas, todos os homens e mulheres

poderão progredir, segundo as suas próprias obras. Deus cuidará do Universo.”

Não achei aquela meditação definitiva. Parecia-me que algo não estava batendo com as teses doutrinárias que vinha estudando há uns quinze anos. Embatucado por não decifrar exatamente onde se situava a falha do pensamento, resolvi escrever o pensamento, colocando-o como marcador dentro de *O Livro dos Espíritos*, de Kardec.

Agora tinha constantemente sob a vista a reflexão de um dia. Contudo, terminei o estudo da obra, levando-a a um lugar de destaque na estante. E lá ficou a observação pessoal esperando pela sorte de ser encontrada.

Pouco antes de abandonar a carcaça, julgando necessário distribuir pelos netos e pelas instituições que frequentava todos os meus pertences, topei com a anotação. Procurei minha lupa, que a vista estava deveras arruinada, mas logo me apareceu um bisneto, exigindo de mim que o levasse ao parque. Foi a última lembrança que guardei daquela folha amarelecida.

7. O ESQUELETO

Por injunções da sorte, meu cadáver foi parar no necrotério de uma escola de medicina.

Os lentes logo perceberam que meus metro e oitenta e tantos de altura indicavam estrutura óssea capaz de servir de modelo para os alunos. Tendo perecido de mal orgânico, não tive nenhum osso danificado, embora tivesse até jogado futebol durante algum tempo.

Descarnado, logo montaram o esqueleto, peça a peça, e tão bom ficou o trabalho que mereceu um armário de vidro para exposição permanente.

Isso tudo presenciei muitíssimo admirado por não me afetar emocionalmente, como se se tratasse do corpo de outra pessoa.

Por aquela época, lá vão mais de trinta anos, quase quarenta, eu mantinha o cérebro bastante enevoado, como se não conseguisse sair da esbórnica da noite anterior.

Mas era de boa índole, tendo, no máximo, conforme procurava atestar para mim mesmo, prejudicado o meu próprio organismo, sem ter levado tristeza e sofrimento a nenhum coração.

Ao contrário de muitos espíritos que permaneciam por algum tempo lamentando o passamento, à vista da putrefação da carcaça, e logo iam embora, eu fiquei por ali, filosofando à maneira de Hamlet, ele, com o crânio nas mãos, eu, com o esqueleto inteiro.

— *Que fazes aqui, meu amo e senhor? Não sabes que a tua indecisão quanto a buscar novos roteiros de existência não pode prender-se a meros restos materiais, menos ainda porque estão ameaçando conservar-se para muito além do que seria lógico esperar dos cadáveres sem tratamento?*

Sabia que aquela voz não poderia existir, já que não havia aparelho fonador a apoiar o movimento do maxilar. Desconfiava de que era eu mesmo quem estava emitindo opiniões que

impressionavam a minha visão do aparelho à minha frente e ria, sem atinar com a seriedade dos dizeres.

— *Que pretendes, ó fiel e rica complexidade espiritual, deste teu servo de alguns minutos? Queres discutir comigo as razões existenciais deste encontro inusitado? Por que não te perdes na poeira dos tempos remotos, poeira de que participam outros corpos teus esparsos na atmosfera das façanhas inconsistentes?*

Sorria, incrédulo, como se aquelas palavras não significassem uma lição a ser aprendida e estendida para as condições do momento. Passei a considerar até a possibilidade de algum daqueles visitantes estar a mangar com minha boa-fé, com minha bonomia.

E me deixava quedar ali, a contemplar a brancura das peças, muitas vezes agradecendo a fortuna de ter todos os trinta e dois dentes inteiros e sadios. Parecia que meu riso não mais era do que o reflexo daquele eterno sorriso escarninho.

— *Queres que os alunos aprendam anatomia óssea, para te sentires útil de algum modo, já que tua vida desperdiçaste para a realização de algo de bom ou de proveitoso? De que te valeram tantas partidas de futebol, se as vitórias foram efêmeras e sem nenhuma repercussão espiritual?*

Já não sorria com satisfação. Emitia um sorrisinho amarelo, como a reconhecer que algum espírito brincalhão estivesse à cata de alguma ingênua criatura para azucrinar-lhe os laivos de consciência. Houve até um dia que pensei que um daqueles órgãos conservados em formol estaria com inveja da esplêndida montagem que proporcionei com meu corpo e me molestava com considerações desagradáveis.

— *Quem te disse, meu querido fantasma, que tua presença aqui me agrada? Tu me lembras os esforços que realizava para flexibilizar os movimentos, escravo de tuas vontades sem peias, já que não te alimentavas conforme a melhor dieta, muito embora, inconscientemente, ias mantendo as minhas funções em dia.*

Pensei que algo de bom havia feito, mas o gajo não tinha terminado ainda:

— *Pois fica sabendo que tua falta de consideração por mim e por todos os meus companheiros orgânicos terminou por ofender-te o cérebro, tanto que ainda não és capaz de manter raciocínio lógico capaz de te levar a ponderações mais espertas, quanto a te ofereceres para novos encantamentos de vida.*

Definitivamente, aquela caveira estava a refletir pensamentos muito estranhos e desconjuntados. Eu não me sentia absolutamente em débito para com meus miolos, ainda mais que acompanhava dissecações em que tais partes do conteúdo cerebral eram criticados pelos estudantes como de pessoas totalmente, com perdão do péssimo trocadilho, acéfalas. Até me considerava brilhante, dado o *savoir-vivre* a que me impus, mantendo-me alheio à sorte de qualquer outro ser humano, para não tornar-me peso para ninguém.

— *Eis aí a tua última consideração neste velório em que transformaste o necrotério. Já não irás mais ouvir de mim nenhuma recomendação ponderada e justa. Se quiseres conversar com alguém, terás de procurar quem te ofereça respostas com mais carne, sangue e vida. Boa sorte!*

Pensei que era um blefe que minha mente estava a pregar a si mesma. Esperei por novas manifestações, porém, os sons que ouvia partiam das criaturas em desespero esvoaçando pelo ambiente, até desaparecerem, nenhuma dando mostras de me ver ali.

Daqueles quase quarenta anos, fiquei ali cerca de dezessete ou dezoito, os últimos cinco sem obter nenhum comentário.

Cansado do eremitério, resolvi acompanhar um aluno que me parecia com feições familiares. Acreditei que se tratasse de algum parente, sobrinho-neto, qualquer coisa assim. Caminhou por ruas conhecidas. Ia decidido para casa. Sentia-lhe o coração aliviado pela proximidade do conforto da família.

Perdi-me em tais pensamentos e não notei que o rapaz começava a subir uma escada envolta em névoa esbranquiçada. Achei bastante esquisito que ele continuasse cada vez mais calmo, cada vez menos pesado, até que, de repente, dei um salto para a frente e assumi aquele corpo, como se lhe desse a estrutura óssea que estava faltando-lhe.

Passei por um portal magnífico e logo ouvi uma voz conhecida:

— Bem-vindo, meu querido interlocutor. Vejo que tu estás decidido a caminhar por estas paragens. Queres companhia?

Olhei bem para a doce fisionomia do velho que me encarava e caí nos braços do avô que me ninara.

Não é verdade que esta minha história bem que poderia ter sido evitada?

8. O CONTROLADOR DO TEMPO

Precavido quanto a respeitar os limites de tempo estabelecidos para esta transmissão, elaborei um texto de gosto duvidoso, embora absolutamente íntegro no que respeita a verdade de minha existência.

Antes de aqui chegar, precisamente há quarenta e três anos e meio, vivi quase cem anos na Terra, na verdade, noventa e nove anos e dez meses...

Bastam estas referências para demonstrar minha obsessão por controlar a passagem do tempo, ou melhor, por dar-me oportunidade de realizar sempre algo a que objetivava e que tinha por princípio jamais deixar para trás.

Vivi de relógio à vista, assinalando até os segundos que demorava para executar os mínimos serviços, por mais corriqueiros e repetitivos fossem, como o abotoar do paletó, o riscar do fósforo com precisão, para não ter que fazê-lo mais de uma vez, e assim por diante.

— *Que importância poderá ter para nós tal relato?* — hão de perguntar os leitores.

Pois eu explico.

Quantos anos em média vivem os homens? Cerca de sessenta, sessenta e cinco, talvez um pouco mais numa região, bem menos noutra, e por aí vai. Quantos têm noção exata do que significam sessenta segundos para a formação de um minuto? Desperdiçam quase todos a maravilhosa invenção do gênio, para se aterem a cumprir as tarefas segundo as batidas do próprio coração, sem atinarem para o fato.

— *Ainda não ficou claro o porquê de tanta ênfase para o resgate dos segundos, dos minutos ou das horas.*

Um pouco de paciência, por favor. Não digam que não têm tempo a perder com quem está experimentando fazê-los compreender algo valiosíssimo.

Pois bem, quando se estabelecem rigorosos roteiros de trabalho, dentro de muito pouco tempo a pessoa passa a agir coordenadamente, tornando simples e direto tudo quanto faz, impedindo a repetição inócua dos movimentos, dos gestos, dos pensamentos, para adquirir habilidades automatizadas ou mecânicas, de forma a liberar o cérebro para a filosofia ou para o estabelecimento de diretrizes de procedimento fundamentadas nas leis morais superiores.

— *Desculpe-nos, mas não nos parece que haja estreita correlação entre a medição constante do tempo e o fato de padronizarmos o comportamento pelas virtudes essenciais que ornamentam os espíritos mais evoluídos. Ainda que mal perguntemos, existem relógios no etéreo?*

Cada vez menos, conforme vamos progredindo, isto porque vamos introjetando na personalidade o controle espontâneo do tempo.

Explico.

Quando aqui cheguei e me encontrava desorientado, apareceram-me (se não houvessem aparecido, eu os teria criado) muitos relógios, cada qual marcando um tempo diferente. Demorei para descobrir que mediam várias realidades concomitantes, como o tempo na região dos encarnados, o tempo na escuridão das cavernas, que não dava mostras de avançar, o tempo em que meu pensamento formulava as teorias fundamentadas nos tópicos doutrinários espíritas, cujos ponteiros se moviam com extrema velocidade, e assim por diante.

— *Achamos que o amigo estava, sim, angustiado, sofrendo a desdita da excessiva meticulosidade quanto a impor-se até ao desenvolvimento natural dos fatos biológicos, químicos, físicos, orgânicos etc. Pela experiência que temos quanto aos testemunhos*

de diversas entidades espirituais, nenhuma estabeleceu como norma de conduta para nós a denotação temporal dos feitos que nos predispomos a empreender. O máximo que nos pedem é para não perdermos tempo, já que os dias e as noites se contam para nós, positivamente, na soma dos anos produtivos, ao contrário de tantos que deixam passar, por ócio e por despreocupação, os momentos oportunos para realizarem o bem ou adquirirem as propriedades morais que os elevariam na escala espírita. Mas isto nada tem que ver com relógios...

Foi pensando assim que cheguei à conclusão de que era importante avaliar o quanto poderia ainda estar faltando para completar tais ou quais tarefas de cunho redentor. Correndo o risco de parecer ridículo, quando completei noventa e dois anos de idade, considerei que ainda poderia estabelecer programas de avanço intelectual, caso tivesse pela frente alguns anos. Foi o que sucedeu, tanto que, ao falecer, trazia a consciência temerosa de não haver cumprido tudo que planejara, já que me faltava adquirir a noção exata da condição algébrica do tempo.

Mas isso se esclareceu ainda antes de ser trazido para esta colônia, já que me foi possível avaliar o quanto de inteligência precisaria acrescentar à minha lucidez, para efetuar aqueles cálculos.

É bem verdade que ainda não possuo suficiente discernimento para entendê-los, uma vez que meus mestres insistem em que devo pensar seriamente na natureza do tempo, havendo um, pelo menos, que me fez ver que existe a possibilidade de não existir o tempo como categoria, mas apenas como função, o que é muito mais complicado do que estar atento ao transcurso das horas para a consecução dos objetivos.

— *Caro amigo, quer parecer-nos que a sua preocupação não chegou até nós como problema a ser resolvido, pelo menos no que nos diz respeito. Se você estiver contente apenas com o fato de haver agitado um tema que o tem infernizado, não espere que fiquemos*

atormentados com isso. Se quiser um aviso de muita responsabilidade, podemos dizer-lhe que sua maneira de esclarecer os fenômenos naturais carece de estudos mais aprofundados na área do fazer o melhor possível, no mais curto espaço de tempo.

Agradeço-lhes haver acompanhado a minha modesta dissertação, contudo, devo observar-lhes que a expressão *espaço de tempo* importa na junção de duas condições compatíveis entre si, mas totalmente improcedentes quanto a...

Tendo esgotado o tempo do ditado, peço-lhes que encerrem a leitura com a bela prece dominical.

Deus esteja conosco!

Ramiro.

9. OS DESÍGNIOS DE DEUS

Devo declarar inicialmente que jamais acreditei, em vida, pelo menos na última jornada, que Deus pudesse expender pensamentos, ideias, vibrações ou o que quer que seja para expressar desígnios. Até o pai-nosso alterei na passagem que diz *“seja feita a sua vontade”* para *“saibamos cumprir nossos deveres humanitários”*.

Já se vê que acreditava na existência de um criador supremo, sem caracterizar-lhe direito o poder, cômico das naturais limitações de minha capacidade de compreensão ou de apreensão da realidade divina.

Ao chegar a esta colônia, fiquei atônito com o fato de que o pai-nosso era rezado por todos, em várias circunstâncias, com diferentes finalidades, sem que ninguém argumentasse como eu.

Temia por minha participação nas orações coletivas, julgando que as reflexões presentes na memória a cada vez que se repetia o trecho citado poderiam perturbar o ritmo das frases, dado que era de esperar-se que os mais sensíveis captassem a vibração diferenciada.

Na primeira oportunidade, referi a preocupação ao mentor da turma, que me esclareceu:

— Jesuíno, não tema ofender o princípio das preces, já que a sua modificação não atinge o cerne da solicitação que se está expressando por meio de um tópico religioso em sua essência, já que nossos espíritos estão buscando entrar em contato com a inteligência suprema. Quanto a estorvar os mais próximos, só se estes não estiverem devidamente concentrados no tema que levou o grupo ao recolhimento.

Achei bastante justas as observações e não quis expor algumas outras questões pertinentes ao tema. Não seria oportuno. Esperaria outro momento em que alguém levantasse o problema.

Na verdade, tal fato não demorou, e de forma muitíssimo surpreendente para mim. É que Maciel, o administrador geral da colônia, em sua palestra semanal, tocou no assunto.

Resumo-lhe a exposição, evidentemente sem o brilho de sua inteligência:

— Meus queridos irmãos, muitos dos que aqui aportam para o início dos estudos evangélicos, sob o ponto de vista super-humano, trazem modismos interpretativos quanto às preces, muito particularmente, o pai-nosso, ao qual acrescentam ideias e expressões, a mais frequente de todas a que solicita *“o pão nosso de cada dia nos dê hoje e sempre”*. Ora, Jesus, ao recitar a parábola dos lírios do campo, aduz que *“a cada dia basta seu mal”* (Mateus, vi: 34.), recriminando quem se preocupava com o futuro. Também há quem não considere certo que Deus manifeste vontade, alterando o trecho, cada qual segundo visão própria do assunto. Aceito que não se pode atribuir ao Pai desejos como os que temos nós em relação ao que possa acontecer de bom ou de ruim. Concebo que Deus seja onipotente, onisciente e onipresente, o que me faz acreditar em que, com qualquer coisa que Jesus nos ensinasse a louvá-lo, incidiríamos no problema de a criatura estar a ditar dizeres ao Criador, na expectativa de agradá-lo com palavras e sentimentos. É evidente que Jesus pregava dentro de determinadas circunstâncias históricas e para o povo reunido na montanha. Se orientasse os juízes da lei no templo, não ousaria ensinar-lhes algo que lhes promoveria distúrbios críticos, conforme a tradição sacerdotal inscrita nas escrituras. Os evangelhos não registram tal ensinamento, com certeza por não haver ocorrido. Que fazer, então, se nosso entendimento julga improcedentes certas passagens importantes, já que a teoria se sobrepõe à necessidade da oração? Buscar ser coerente com as lições que estamos aprendendo,

suspeitando, embora, de que a nossa desenvoltura intelectual não esteja suficientemente aperfeiçoada para casarmos os sentimentos às expressões que os manifestam. E acreditar em que a Inteligência Suprema terá sempre como admitir todas as hesitações promovidas pelas imperfeições de que somos portadores.

Por um bom tempo, considerei a advertência como dita para mim, acatando a autoridade do mentor, voltando a orar segundo a fórmula tradicional. Mas, ao chegar àquele ponto, precisava vencer certa resistência íntima, como fazia no centro espírita ao ouvir os dirigentes recitando o pai-nosso, com confusões típicas de quem não era tão letrado quanto eu. Assim, quando diziam *“não nos deixeis cair nas tentações e livra-nos de todo o mal...”*, a troca indevida do plural pelo singular da segunda pessoa me desviava a atenção para a impropriedade gramatical e eu me perdia quanto ao objetivo precípuo da oração.

Assim foi até que não aguentei mais a pressão da consciência e levantei a lebre durante reunião da turma, em momento oportuno.

Quiseram saber exatamente o que se passava comigo quando me via distraído ou absorto. Muitos atestaram que passaram por situações semelhantes, mas nenhum declarou que jamais prestaram atenção nas disparidades entre as versões. Buscaram esquadrihar minuciosamente as fórmulas de todos os colegas, chegando à conclusão de que a grande maioria modificava algo, seja um simples *Senhor* em passagem propícia, seja uma longa repetição do trecho: *“perdoai os nossos pecados, assim como perdoamos aos nossos inimigos; perdoai as nossas ofensas, assim como perdoamos a quem nos tem ofendido.”*

A verdade é que me arrependi de haver provocado aquele alvoroço. Ocorreu que, a partir de então, se tornou impossível estabelecer padrão uniforme de vibrações nas preces coletivas, já que cada qual passou a prestar atenção na fórmula dos vizinhos, deixando de lado o objetivo da oração.

O Professor Mário tentou reaver a antiga concentração, dizendo somente ele o pai-nosso, mas não adiantou. Poucos se deixavam impregnar da mesma sensibilidade. A grande maioria empacava nos trechos em que se acostumaram a divergir da fórmula empregada pelo instrutor.

Foram tentadas outras preces, mas a dificuldade se acentuou, já que as palavras não repercutiam no fundo da consciência, estabelecendo o auditório a norma de refletir a respeito da validade dos pensamentos e das emoções expressas, admirando-se quando sentiam a grandeza de alma do orador, surpreendendo-se com as novidades dos textos, preocupando-se quando não alcançavam compreender a complexidade das ideias.

O remédio foi trazer uma solução sensória. Na hora da prece, era promovido fenômeno de irisação de beleza quase transcendente, de forma a concentrar a atenção de todos naquele foco. As ondas de alegria e de agradecimento substituíram por bom tempo as palavras. Hoje voltamos à normalidade, todos cômicos de que o importante está na mensagem em si e não em sua formulação.

10. EU AINDA PEGO AQUELE CACHORRO

Calma, irmãos! Não se trata de nenhuma expressão de raiva. Ocorre que passei boa parte da minha vida trabalhando no canil da Prefeitura.

Quando desencarnei, vinha com a consciência atormentada pelo fato de haver eletrocutado milhares de animais sem dono, quase todos com excelente saúde.

Em outros países, teriam servido para alimentação das pessoas. No Brasil, eram transformados em sabão, sem mais nem menos.

Mercê dessa vida inglória, caí na escuridão, não me valendo sequer as muitas lições que ouvira dos veterinários, segundo as quais não havia como manter tão extensa população canina solta nas vias públicas. Explicavam mas não justificavam.

Ali, nas trevas daquela caverna particular, ouvia os latidos sonoros que vinham de fora, como a me prevenir quanto a correr forte risco se me atrevesse a pôr o nariz para fora.

Depois de alguns anos — o que só fiquei sabendo muito depois —, cheguei à conclusão de que os homens deveriam castrar os machos ou esterilizar as fêmeas, o que não cumpriria a letra da lei natural mas permitiria aos bichos conservar a vida e a alegria de respirar o ar fresco das manhãs dos dias tépidos.

Um dia, cessaram os latidos. Compreendi que talvez houvesse sido perdoado. De repente, porém, aquele grito assustador:

— Eu ainda pego aquele cachorro!

Tomei a ameaça a sério e me cobri com a pele do animal. Lídimos fenômeno de licantropia, se assim posso dizer. Comecei a rastejar de quatro, farejando as partes mais profundas da caverna. Juro que a cada nova intimidação, sentia o rabo entre as pernas,

temeroso de que poderiam capturar-me e dar-me o mesmo tétrico destino que eu dera aos cães.

— Eu vou pegar aquele cachorro, qualquer hora!

A voz era poderosa e ressoava nas profundezas da escuridão.

O que mais me assustava não era o fato de morrer, pois sabia que morto me encontrava. O que me fazia tremer era a perspectiva de renascer como cachorro, ainda que me passasse pela mente a possibilidade de ser acarinhado em colo de alguma senhora da alta sociedade. Achava até justo que me programassem morrer sob o guante da lei, mas voltar cheio de pelos e de pulgas, sem raciocínio e sem livre-arbítrio, apenas sob o domínio do determinismo das reações meramente irracionais, instintivas, era como que manter-me naquele antro pela eternidade.

Foi assim que comecei a suspeitar de que os latidos e as vozes eram criações minhas, não existiam na realidade objetiva. Imaginei-me perante Deus, respondendo-lhe com toda a sinceridade:

“Senhor, estou completamente arrependido do rumo que dei à minha vida. Aceitei a tarefa como simples função burocrática, jamais receando receber os proventos da aposentadoria como herança do trabalho de extermínio. Não sei por que não me vêm à cabeça os bois, os coelhos, os porcos, os cabritos, os frangos, os peixes, os crustáceos e demais criações que me alimentaram. Também deveria sentir-me incomodado por esse fato, mas eu ouvi que a carne alimenta a carne e me satisfiz. Se não estou destinado ao paraíso, aceito permanecer neste purgatório, mas sem perder a esperança de sair daqui um dia. Tenho a agradecer-lhe a oportunidade de meditar a respeito do bem e do mal, muito embora não me veja capacitado a fazê-lo com clareza e acuidade intelectual.”

Assim que terminei aquela espécie de oração, fiquei maravilhado com o fato de poder recordá-la integralmente, regozijando-me muitíssimo por conter terminologia bastante sofisticada para minha paupérrima cultura de diplomado no Grupo Escolar.

Estava criando coragem, quando me repetiram a frase bem próximo da abertura, por onde começavam a entrar alguns fochos de luz:

— Aquele cachorro ainda irá cair no meu laço!

Levantei-me decidido e caminhei para fora. Dentro da mente, um pensamento definitivo:

— Se é verdade que dei morte aos cães e provoquei hecatombes de animais para me servirem de alimento, também é certo que meu organismo eliminou inúmeros seres pequeninos, bactérias, micróbios e vírus, porque todos os seres estão preparados, uns mais, outros menos, para exterminar os invasores. Não posso pensar diferentemente em relação ao serviço de prevenção das zoonoses. Se estivesse totalmente errado, também estariam os que vacinam, os que jogam inseticida nos bueiros, os que extirpam as pragas provocadas pelos roedores...

Assim que me vi livre daquela atmosfera viciada e fétida, deparei-me com um senhor de longas barbas brancas e de poderosa voz:

— Cachorrão, por que você demorou tanto a me atender as sugestões? Venha de lá um abraço. Quero levá-lo pela coleira para a colônia em que receberá tratamento adequado, já que está perdido de sarna. Mas isso tem cura.

— Quem é você, amável criatura?

— Eu sou um pobre trabalhador municipal antigamente encarregado de executar as reses no matadouro. Fui enviado para recebê-lo quando despertasse do transe causado pelas vibrações hauridas das vítimas e concentradas em seu coração. Nada que todos os homens não conheçam, apesar de muitos nem perceberem o problema, enquanto outros se esforçam por livrar-se intuitivamente de tal sofrimento moral.

— Essa história de coleira...

— Sentido figurado, meu caro, como quase tudo que lhe perpassou pela cabeça. Vai chegar a hora de você refletir a respeito

das pessoas com quem conviveu e com quem ficou em débito. Mas já houve suficiente purificação dos pecados mais graves. O que ocorreu é que você não tinha como ressarcir-las dos prejuízos. Agora irá meditar sossegadamente até capitalizar os ensinamentos que lhe serão fornecidos relativamente às hesitações para enfrentar de peito aberto a verdade.

— Posso ficar seguro de que não irei voltar como cachorro?...

— A metempsicose só existe na imaginação dos homens, principalmente daqueles que se sentiram animalizados entre as encarnações e levaram tal impressão consigo.

Naquela altura, mal compreendi a palavra metempsicose, mas não tive como refletir no corolário das inferências do raciocínio, uma vez que as emoções daquela hora me incitavam febricitante reação de alegria e de paz, entendendo desde logo que fora aquela prece que me libertara do cativeiro.

11. DE ASAS CORTADAS

Qual mensagem seria melhor do que a que embutimos no fato de estarmos perante os mortais, transmitindo-lhes considerações e ensinamentos adquiridos à medida que progredimos nos estudos da existência, sob o ponto de vista dos desencarnados?

Em tudo quanto expomos, existe a chama da esperança, o louvor da fé e o desejo da caridade. A partir da intenção de demonstrar que todos podem alcançar conforto e paz após a morte, acreditamos que o bastão sempre haverá de ficar nas mãos dos leitores, uma vez que de seu discernimento e boa vontade é que nascerá a crença de que estão deparando-se com mensagens sérias e honestas.

Mesmo quando um ou outro de nós busca redigir de forma bem humorada e lúdica, não há como deixar de perceber que os temas são apropriados para reflexões profundas de caráter filosófico e religioso, com repercussões evidentes em todos os setores constituintes da personalidade.

Hão de dizer-nos que os princípios espíritas, para os bons cristãos, são prescindíveis e que toda a teoria relativa à natureza da dimensão espiritual, por falta de comprovação, apenas incide em acréscimo de preocupação, podendo ser posta de lado, já que, assim que se desligarem da matéria, todos os humanos se depararão com sua contextura *psicoplástica* ou *perispiritual*.

Argumentar contra tais raciocínios não consta de nossos objetivos, tão evidentes são as lições que podemos ministrar através das comunicações. Por outro lado, sabemos que, à vista dos exemplos dados por quase todos os colegas da turma, pouquíssimas são as pessoas com capacidade de compreensão da verdade que vivenciamos aqui. Importa, então, mostrar o caminho ou a possibilidade de extrapolar os limites proporcionados pelo aparato

sensorio dos encarnados, encaminhando-os para a assimilação das diferentes reações psicológicas ou psíquicas, segundo as experiências hauridas durante a vida.

É de todo improvável que este desenvolvimento consiga ganhar foros de importância diante dos relatos criados a partir dos problemas enfrentados pelos companheiros. Mas é preciso que alguém venha enfatizar a necessidade de se considerarem as soluções apontadas como recursos que poderão ser empregados em situações análogas. Eis mais uma relevante observação para quem ainda desconfie de que nós estamos a malhar em ferro frio.

Para dar cunho pessoal à dissertação, posso afiançar-lhes que também relutei bastante até admitir a hipótese de que de alguma utilidade seria uma explanação que evidenciasse a oportunidade desta manifestação.

— Você, Petrônio, disse-me o mestre, irá sacrificar um pouco a linha esplêndida seguida pelos colegas, mas oferecerá, sem dúvida, um bom respaldo crítico para quem possui o hábito das comprovações subjetivas, levantando hipóteses de contradições, a partir da descrição de superior personalidade, como se o escritor dominasse inteiramente a obra, atribuindo-lhe qualidades para ombrear-se com os melhores discursos medianímicos. Não se perca por isso. Pense bastante na estrutura de sua composição e demonstre que o trabalho não se deu de afogadilho. Você verá que a comunicação se inserirá com naturalidade no conjunto dos ditados.

Tentei levantar voo, porém, logo percebi que estava com as penas das asas aparadas rente. Solicitei o apoio da turma e recebi incondicional estímulo para apresentar-me perante este público. Escrevi o primeiro rascunho, cujo resultado me desanimou. Era como se estivesse ainda debatendo-me no fundo da consciência por causa dos males que pratiquei e que começavam a me pesar.

Insisti com denodo inesperado, já que os colegas me ajudaram a pensar sobre o assunto, principalmente no sentido de demonstrar

que existe colaboração e amizade, quando se trata de espíritos de boa índole. Esta é noção básica para incentivar as criaturas a progredirem no aspecto moral, dando de si e esforçando-se para que o colega consiga êxito em todo empreendimento que se fundamente em solidariedade, em fraternidade, na ajuda pela superação dos defeitos e eliminação dos vícios.

Quando vi meu trabalho formulado, discutido e aprovado, não senti que haviam crescido as minhas penas, mas senti algo muito mais confortante: estava voando nos braços da turma, alçando os pensamentos a regiões de muito melhor evolução.

Contaria agora a história do patinho feio, se esta não tivesse merecido pena de superior condição literária.

Apenas para finalizar, caso, apesar de tudo, algum amigo leitor ainda suspeite de que este meu atrevimento não deveria ter constado da obra, ao menos abra parênteses para aceitar que existem pendores diferentes daqueles a que se habituaram nos livros mediúnicos, porque todos estamos a caminho de receber de Jesus sua bênção do mais puro amor.

12. O REPICAR DOS SINOS

Era o que mais almejava quando me via prestes a ser recebido nas plagas santas do paraíso.

Tendo morado durante toda a infância bem próximo da igreja, gostava de acordar pela manhã com a festa que os sinos faziam em tropelia.

Houve um tempo em que os sinos calaram, porque faleceu o sineiro, que também exercia as funções de ajudante geral de ordens dos sacerdotes, funcionário bem mais categorizado do que simples sacristão.

Durante algum tempo, as batidas foram meramente protocolares, anunciando os ofícios religiosos, simplesmente. A alegria havia terminado.

Inesperadamente, voltaram a bater fortes e estridentes, mas descompassados, como se tivesse sido convidado o maior inimigo da igreja para o chamado dos fiéis.

Mas isso durou no máximo uma semana porque, aos quatorze anos de idade, decidi oferecer-me aos padres para substituir aquele que viera para atormentar toda a freguesia.

— Você quer ocupar o lugar do Manuel?

— Quem é o Manuel?

— É o novo sacristão.

— Não. Só quero tocar os sinos.

— Onde você aprendeu?

— Aprendi ouvindo durante toda a vida as batidas...

Não soube completar, mas o padre me auxiliou:

— Vitório, meu filho, eu acho que você tem pelos sinos a mesma ternura que deve ter pelo seu coração, que vem batendo desde que nasceu.

Hoje eu acrescentaria que vinha batendo desde antes, mas, naquele passado ignorante, limitei-me a dizer:

— Se o senhor deixar, eu vou mostrar o que acho que sei.

— Vamos lá.

Notei que o Padre Miguel sorria. Mas não pus tento em que pudesse ser pela ousadia de quem jamais manejara as cordas.

Diante delas, não me atralhei. Peguei a primeira e dei a badalada inicial. Pelo som alcançado, combinei o tempo para o próximo, que repeti para não perder a solenidade do ritmo. Devo afirmar que o meu primeiro concerto deixou bastante a desejar, mas teve um mérito inesperado: era bem melhor e muito mais promissor que os do Manuel.

Foi assim que principiei a minha longa carreira de sineiro, tendo aperfeiçoado o meu ouvido, a ponto de chegar a acionar os carrilhões da catedral. Mas essa é história sem graça e sem lição.

Desde cedo, cumpri a minha tarefa com brio, limitando a minha fé e religiosidade naqueles sons carregados de fortes sentimentos de solidariedade humana, cada vez mais atento para a satisfação dos ouvintes.

Ganhei a vida e o sustento residindo numa comunidade de frades, jamais me dedicando aos estudos regulares. Minha especialização dera-me o saudável respeito de todos, de forma que bem poucas vezes me persignei, me confessei e comunguei. Percorria várias torres e cada sacerdote se inibia a questionar-me quanto aos meus costumes religiosos.

Sem muito o que pensar a respeito dos santos e dos cânones religiosos, com a família a diminuir com o passar do tempo, sem me interessar por formar a minha, regalado no prazer de fazer o que mais gostava, achava que a felicidade poderia concentrar-se naquela simplicidade de duas roupas, a de trabalho e a das datas importantes em que o sineiro era reverenciado por executar partituras mais complexas.

É bem verdade que os tons graves das exéquias e da semana santa não me agradavam. Desempenhava, porém, com muito garbo, o papel tristonho a que me obrigavam, dando aos corações enlutados motivos para reflexões a respeito dos próprios sentimentos, como se o Senhor estivesse cobrando apenas o que lhe era devido.

No geral, os sinos menores de aguda sonoridade prevaleciam nos momentos de festa, a partir da ressurreição comemorada na Páscoa.

Que fazer? Ao completar cinquenta e sete anos, precisei subir ao alto das torres para acionar os sinos, sentindo-os pela vibração, que os meus ouvidos se perderam por completo.

Era para lamentar? Não pelos sacerdotes, que ainda mais me admiravam os toques e me faziam exemplo para quanto sofredor lhes vinha requerer alívio para as dores.

Quasímodo teve seus momentos de paixão. Eu estive sempre enamorado pela sonoridade, pelo timbre, pela melodia.

Certo dia, sonhei que havia despencado junto com um grande sino, que me caía contra a cabeça mais de quinze metros abaixo. Acordei atordoado, ensopado de suor, crente que se tratava de um aviso tétrico para tomar o máximo de cuidado.

Logo percebi que a minha visão tinha sido gravemente afetada. Não que não enxergasse. Mas via apenas sombras, ou melhor, os vultos traziam roupas alvinitentes que mal distinguia. Comecei a viver numa região em que necessitava de um guia permanente. Por sorte, uma voz conhecida se fez ouvir:

— Você quer que eu o ajude em suas tarefas?

— Manuel?

— Sim. Sou eu mesmo.

— Quer ser meu ajudante?

— Perfeitamente. Você está surdo como uma porta, mas, assim mesmo, ouve bem melhor do que eu.

Unimo-nos e, por mais de quinze anos, percorremos as igrejas, até que me cansei, porque não ouvia os sinos e as vibrações me cansaram. Também não me alegravam as paisagens lá do alto, cego que estava. Mas a luz do sol conseguia penetrar através de meus globos oculares.

— Manuel, de onde você veio?

Era a pergunta que repetia sem obter resposta. No dia que confirmei a minha aposentadoria, ele me respondeu.

— Você ainda quer saber de onde eu vim?

— Quero.

— Pois eu nunca me afastei de você.

— Então você se escondeu muito bem.

— Não precisei. A minha condição natural me permitiu ficar ao seu lado sem que você percebesse.

— Que condição?

— A de pertencer ao reino dos mortos.

— Deus permitiu que você saísse do purgatório para me acompanhar?

— A misericórdia divina é infinita.

— Mas você não deveria ter subido ao paraíso?

— Pois, para mim, o paraíso foi ouvi-lo nos sineiros de tantas igrejas.

— Que você está fazendo agora?

— Estou levando-o para um mosteiro importante, onde você poderá recuperar a audição e a visão.

— Na qualidade de morto, de espírito do outro mundo, de alma penada?...

— Santa ignorância! Você ainda não percebeu?

— Percebeu o quê?

— Que você morreu...

— Você está brincando. Como é que não estou sofrendo nas chamas do purgatório?

— Você purgou seus pecados, que eram significativos, nos últimos quinze anos, desde que despencou da torre tendo o crânio esmigalhado pelo grande sino.

— Você vai ter de explicar-me isso bem melhor.

Está claro que explicou com muita paciência, à medida que eu ia recuperando o uso dos sentidos, sob tratamento no hospital da colônia.

Espero que os meus prezados leitores passem a ouvir com mais carinho o soar dos sinos, orando também pelos *repeniqueiros*, nem sempre afinados, que lhes dão vida.

13. MEU VESTIDO DE NOIVA

Era maravilhoso, cheio de tules e de bordados, com a longa cauda aparada por dois anjinhos loiros de cabelos encaracolados.

Dois meses depois do casamento, estava colocando à disposição, através de anúncio de jornal, para aluguel ou para venda.

Realmente, houve várias noivas que foram ver, algumas bem interessadas, outras nem tanto, muitas alugando, nenhuma querendo comprar.

O que sei é que o negócio prosperou. Morando na cidade grande, bem poderia ocorrer que houvesse renovada novidade, de igreja para igreja. Eu mesma busquei outras ofertas nos anúncios e fui adquirindo outros modelos, ajeitando aqui, arrumando acolá, dando emprego para duas ajudantes na costura, acabando por abrir loja especializada.

Tinha muito bom gosto e logo descobria o que caía melhor para esta ou aquela, segundo a altura, a espessura das carnes, a cor da pele. Noiva que entrava no meu ateliê não saía de mãos abanando.

Meu marido ficou na estrada.

Um belo dia, entrou uma jovem bastante nova acompanhada da mãe, visivelmente constrangida porque a cintura demonstrava prenhez de cinco meses. Queria algo bastante discreto porque a cerimônia se daria numa pequena capela etc.

Não foi difícil de perceber que mentiam, mãe e filha. Quando lhes perguntei em que bairro iria casar-se, logo se viram na contingência de dizer que seria numa cerimônia religiosa de uma seita protestante. Insisti e elas acabaram por confessar que o casamento se daria num terreiro de Candomblé.

Na hora de me mostrarem a foto do noivo, porque sempre eu desejava combinar os acessórios com a comparação das características em comum ou díspares, lá estava, de corpo inteiro, o meu ex.

Não tive dúvida. Tendo avaliado que a mocinha era pobre e que estava fazendo o gosto ou a vaidade da mãe, expliquei-lhe que havia um vestido muito bonito mas um pouco fora de moda, que ela poderia levar gratuitamente, pagando apenas os reparos necessários para colocá-lo de acordo com as suas medidas.

Ela concordou e, uma semana depois, com o compromisso de me trazer o álbum de fotos da cerimônia, foi buscar aquele mesmo vestido que eu utilizara.

Nunca mais apareceram na minha loja, nem a filha, nem a mãe, nem o vestido, nem as fotografias. Aliás, também nunca mais vi o meu marido.

Mas eu soube, pela costureira que mandei à festa, que a noiva não se apresentou vestida com a peça que lhe aluguei, tendo preferido vestir-se como habitualmente nas reuniões religiosas de toda semana. Apenas estava maquiada e penteada adequadamente, para distinguir-se das companheiras.

Passados alguns meses, ainda pesquisando nos anúncios as ofertas de vestidos de noivas, lá estava o endereço da rapariga, endereço que gravei na memória, tentada a ir atrás do que me pertencia. Mas não fui. Enviei uma de minhas auxiliares, que voltou de mãos vazias, com a seguinte explicação:

— Seu marido mandou dizer-lhe que aquele vestido era mais dele do que seu, porque foi ele quem incentivou a senhora a abrir a oficina.

Calei uma espécie de revolta do orgulho e fiquei na expectativa de ver na praça mais uma concorrente, o que não aconteceu.

Aí teria terminado a minha historieta, se não houvesse tido um desdobramento inesperado aqui no etéreo.

Ocorreu que, tantas foram as roupas que vendi, que, ao chegar muito mais cedo do que esperava, tendo vivido não mais do que quarenta anos, vim sem perceber que havia morrido. Logo me estabeleci numa loja idealizada, onde, vestida com aquele mesmo modelo do meu casamento, esperava a clientela, curiosa para saber se a cor branca era a mais adequada, se estaria grávida a noivinha, se a família era de posses, ou seja, toda a malícia que aprendi no trato com o público estava vivíssima em minha mente.

Querem saber o pior?

Pois bem, um certo dia, pensei estar diante de um senhor em quem reconheci meu marido, acompanhado de uma jovencinha, para quem desejava encomendar um traje cerimonial. Como obviamente ele não me reconheceu, fiz-lhe todas as perguntas de praxe, dentre as quais esta:

— Sua filha irá entrar numa igreja católica?

— Não é minha filha. É minha noiva.

— Você não tem vergonha de enganar essa menininha, dizendo-lhe as mesmas mentiras que empregou comigo?

Fez-se de desentendido:

— Jamais me casei na vida. A senhora está confundindo-me com outra pessoa.

Subiu-me o sangue à cabeça a ponto de colocar os dois para fora, com expressões muito fortes, eu mesma surpreendendo-me com o vigor das palavras e dos gestos.

Ao longe, ele ainda me dirigiu a palavra:

— Você nunca foi minha mulher.

Aquela manifestação me pareceu absolutamente honesta. Durante algum tempo, meditei profundamente a respeito do período em que habitamos sob o mesmo teto, tendo chegado à conclusão de que houve, sim, uma cerimônia oficial e outra religiosa, mas nós nunca nos sentimos verdadeiramente um casal consorciado em conformidade com as belas palavras que as autoridades dirigiram a nós. Não houve realmente separação,

porque nunca houvera união matrimonial no sentido da conciliação dos desejos e dos caracteres.

Assim que dei por concluído o exame daquele período de vida, assaltou-me a dúvida de que o restante havia resultado em esquecimento e em perdão. Notei que se desfaziam no ar as roupas e apetrechos, os manequins e as estantes, terminando tudo por me deixar estupefacta perante o grande espelho em que se miravam as noivas. Lá estava a minha imagem translúcida para me despertar para a realidade.

Foi o primeiro momento de recolhimento religioso daqueles tempos. Pedi a Deus que me desse coragem para reencontrar o meu marido. Precisava pedir-lhe perdão pelas ofensas.

— Você quer acompanhar-me, Valéria, minha filha?

Era mãe quem me oferecia o braço firme em que me apoiar.

Até agora sinto certa indisposição por não tê-la estreitado contra o peito, expandindo sentimentos de amor e de saudade. Tenho de melhorar bastante para merecer a glória desse beneplácito do Pai. Enquanto isso, inscrevo-me entre os redatores desta turma, na esperança de vir a ser útil para alguma criatura que possa identificar os seus dramas aos meus.

14. TRILHOS E TRILHAS

Existem profissões que demarcam sensivelmente o destino das pessoas após a morte. A minha foi bem assim por razões que passo a expor.

Desde criança, entusiasta das máquinas, admirava o rigor com que as locomotivas seguiam impávidas, rompendo a atmosfera, galgando o espaço, abrindo o futuro.

Claro que tais termos não empregava eu, mísero estafermo estacionado na quarta série primária, sem jamais ter adquirido o diploma do ensino fundamental.

Quer dizer que me tornei maquinista? Quase. Tornei-me motorneiro, que era como se denominava aquele que manobrava os veículos na ferrovia urbana, ou seja, os bondes ou elétricos, como diziam em minha pátria natal.

Cheguei ao Brasil aos dois anos de idade. Contava minha mãe que enjoei a viagem toda, como se não aceitasse aquele meio de transporte solto por sobre o elemento líquido.

Foi aqui que adquiri o vezo das coisas certas e definidas. Mantive o sotaque da família e passava perfeitamente como imigrante da última leva. Em suma, era lusitano da gema, ainda que me corresse grande quantidade de sangue formado na América.

Tudo isto para dizer que me entediavam os estudos e me sentia muito bem quando ouvia a sineta comandada pelo condutor (aquele que tinha a obrigação de avaliar se todos haviam descido ou subido do coletivo, bem como a quem cabia cobrar as passagens). Assim, dava partida, badalava com o sino batido com o pé os transeuntes desatentos, diminuía a marcha quando algum veículo estacionava com perigo para os que se mantinham nos estribos segurando os balaústres e parava, quando havia passageiros no

ponto ou quando recebia o comando sonoro acionado pelos que desejavam descer.

Esforço-me para consignar um costume social que se perdeu, já que hoje se desenvolveu o meio viário dos ônibus, o qual começava a existir ainda quando estava vivo, porém, aposentado.

Foi por essa época que me tornei filósofo. Religioso sempre fora, mas desses que esperam de Deus os milagres de cada dia, repetidos nas festas de todo ano, julgando que Jesus, Maria e José constituíam uma trindade bem mais compreensível do que santíssima do Pai, Filho e Espírito Santo.

Queria as coisas bem definidas, como os trilhos sobre os quais viajei durante mais de quarenta anos de profissão. Eram trilhos sem trilhas, que o destino sabia-o eu de cor e salteado.

Nos últimos tempos, comecei a desconfiar de que a vida não pode ser regulada com tanta firmeza, primeiro porque meus filhos se saíam muito bem em profissões honestas, mas sem trilhos; depois, porque não atinava mais com a necessidade de me deslocar para obter os prazeres simples da mudança de paisagem, vivendo em cidade praiana onde os bondes meramente decoravam o ambiente com seu ar vetusto de saudade morrinhenta.

Essa mudança de perspectiva me auxiliou a aceitar a carrancuda fisionomia da natureza *extrafísica*. No etéreo, ao arribar aqui, vim enjoado, como se tivesse atravessado o Atlântico de volta à Santa Terrinha. Queria ainda a segurança dos carris, por onde sabia que chegaria a porto seguro.

Não vejam a confusão da travessia nas palavras do parágrafo anterior. Era essa a trapalhada que vigorava em minha mente, misturando a direção que imprimia ao veículo sob meu comando, à tormentosa jornada sob o guante de outrem.

Não satisfeito com a penumbra nem com o fato de caminhar a pé, curvado sob o peso dos anos, tentei construir um caminho de ferro sobre os quais faria passar o bonde de minhas recordações mais felizes.

Devo dizer que não me foi difícil estabelecer toda uma intrincada linha de trilhos, nem de montar veículos de diversos tipos e aspectos, inclusive os fechados pintados de vermelho apelidados de *camarões*, os com reboque simples ou duplo e os de socorro mecânico com seu alto guindaste. Não me atemorizei em criar também os postes de sustentação dos cabos eletrificados, de sorte que pude manter-me ocupado por cerca de vinte anos ou mais, caso tivesse oportunidade de contá-los de acordo com a passagem do tempo na Terra.

Mas, quando mais entusiasmado estava com minha obra de engenharia, ouvi uma voz conhecida chamar-me pelo nome:

— Joaquim, querido, vamos para casa.

Só então percebi que minha vida também deveria ser coroada no seio da família. Era meu filho mais velho quem me chamava, mas seu aspecto era de meu avô materno, cuja recordação mantivera através de fotografia descolorida e manchada presa a uma das paredes do corredor entre a sala e o quarto.

Antes que levantasse qualquer hipótese, esclareceu-me, amoravelmente:

— Somos a mesma pessoa. Reencarnei como filho seu, para continuarmos presos um ao outro, para confirmarmos a necessidade de resgate de antigas diferenças. A sua memória está temporariamente apagada, mas você irá lembrar-se de mim, acredito, sem ódio ou prevenção, tantas foram as alegrias que nos proporcionamos em vida. Devo-lhe ainda esta assistência, para conduzi-lo com tranquilidade para a colônia que o receberá como filho de Deus, bem-vindo por ter sido sempre honesto...

— Pare por aí, por favor! De honestidade e de virtudes não estou com vontade de falar, pois quer parecer-me que estou em débito para com aquele cujo nome não se deve dizer em vão.

— Pois saiba que, nestes últimos tempos, você pôde interagir com sua consciência profunda, terminando por compreender que

precisa superar as crises de identidade cuja existência o manteve arredo e distante para a realidade de sua nova contextura orgânica.

As palavras não repercutiram em meu cérebro e pude lamentar muito o fato de não me haver dado aos estudos. Mas seria culpa minha não ter capacidade suficiente para buscar os cursos mais adiantados?

Perguntei naquela hora mas só respondo neste instante:

— Terei sempre de construir trilhas sem trilhos, para poder assegurar-me de que estarei adquirindo asas para galgar as alturas da sabedoria.

Com perdão da ousadia, ainda me restou fôlego para demonstrar que a gente consegue aqui adiantar-se nos conhecimentos, evoluindo naturalmente em todos os setores da composição psíquica do ser. Hoje me sinto muito mais cidadão das galáxias do que simples imigrante europeu.

Que seja esta uma mensagem de esperança para quantos carregam consigo os pecados herdados das civilizações que se julgaram melhor que as outras, mas que descarrilaram na ânsia de transformar em bens definitivos os meros ganhos materiais de um momento efêmero de superioridade.

15. INTELIGÊNCIA REPRIMIDA

Não fui brilhante em vida. Depois da morte, surpreenderam-me as maravilhas de raciocínios abstratos que era capaz de elaborar, tanto que as confusões estranhíssimas dos temas filosóficos se resolveram de imediato, acrescentando-se que a memória me recitava todos os problemas que deixara sem solução.

Não demorou para que reconhecesse, com a ajuda de antigos mestres e amigos, que fora eu mesmo quem optara pela restrição intelectual acentuada, já que abusara, em vida anterior, da criatividade, vamos dizer assim, em termos de fabricar situações em que as pessoas se enredassem e se comprometessem, levando eu vantagem quase sempre. A maior desvantagem, é preciso dizer, é que criei inimigos e hábitos muito perniciosos.

Foi assim que nasci quase apagado, meio moloide, incapaz até de reconhecer o alfabeto, preparado, contudo, para exercer funções manuais rudes, já que o corpo era vigoroso e a disposição para o trabalho bastante acentuada, através de mínima remuneração.

Mas precisei, no etéreo, de um longo período de readaptação, apesar da compreensão dos fatos. É que tinha de eliminar os vícios antigos e estes estavam profundamente arraigados na personalidade.

Vou dar um exemplo elucidativo.

Quando me convidaram para matricular-me no curso de evangelização, segundo o prisma cristão primitivo, aceitei logo, crente de que tiraria de letra todas as questões que me seriam propostas.

Ledo engano!

Logo me vi em papos de aranha para decifrar o mistério da anunciação do anjo Gabriel a Maria.

Queriam saber se era verdade que Jesus ordenara ao mensageiro que avisasse a mocinha que iria ser mãe.

Está claro que atinei logo com a malícia da proposta, pensando que se preparava o espírito dos alunos para o debate da virgindade da mãe de Jesus. Respondi, então, afoito, que era impossível impregnarem-se na mente da juvenzinha os desígnios supremos do Criador, já que não teria ela capacidade de entender os corolários do humanitarismo da vinda do Messias. Afinal de contas, concluía, o cristianismo ainda não havia sido instalado na cultura ocidental.

Aí me revelaram que a minha dedução anulava um dos princípios fundamentais dos textos evangélicos, qual seja, o de que era preciso incentivar o maravilhoso, o inusitado, o miraculoso, uma vez que Jesus iria praticar curas e operar transformações físicas e morais de caráter transcendental.

Do jeito que refletira, traduzia descrença e materialismo, já que caminhava para a concepção de que não teria havido a referida visita nem a gravidez tivera origem metafísica. Iria dizer que José se consorciara fisicamente com a esposa e dessa união carnal é que nasceria Jesus, encarnação completamente natural de seu espírito perfeito.

Não havia como tergiversar. Puseram-me contra a parede: ou aceitava todos os dizeres dos textos sagrados, ou repudiava-os integralmente, buscando explicações de sentido psicossocial, ou seja, atribuindo aos leitores primitivos dos evangelhos muita ingenuidade e profundo desejo de adentrar o reino de Deus, por força dos tremendos males que assolavam o orbe naqueles tempos remotos.

De qualquer forma, teria de justificar a repercussão milenar da narração da vida e dos feitos do Cristo, para entender o espírito humano ávido por ser agraciado com as bênçãos de Deus.

Quando busquei explicações científicas para o procedimento sobrenatural do Peregrino, avisaram-me que, dentre outros, Kardec se havia debruçado sobre isso.

Eu desconhecia o Pentateuco Kardequiano e me obriguei a ler as cinco obras básicas do Espiritismo.

Não sei se o exemplo que dei elucidou o drama de quem precisava equilibrar as forças intelectuais com o poder de discernimento da verdade. A certeza que tenho se concentra no fato de que minha tendência, após aquela crise emocional de caráter fundamentalista, está voltada para a simplicidade dos enunciados, de forma a levar aos amigos leitores o resultado de minhas reflexões e pesquisas.

Irão objetar com as dificuldades da composição que estou levando a cabo. Mas eu lhes peço que se mantenham atentos para o fato de que não são os dizeres que são complexos, mas os próprios temas em si.

Eu não lhes disse que tinha a mente muito aguda e o raciocínio arguto e que admiti uma vida inteira de inteligência bloqueada? Quer dizer que estou sugerindo que a sua percepção dos problemas também advenha do fato de haverem aceitado limitações psíquicas?

Absolutamente, não. Estou afirmando, com a máxima clareza, que ninguém, por mais esperto e lúcido que seja, possui o grau de acuidade mental de Jesus, por exemplo, apesar de obter resultados superiores nos testes psicológicos. E isso decorre do fato de que estamos constantemente crescendo espiritualmente, enquanto seres libertos para a aplicação em todos os procedimentos dos ensinamentos cristãos. Presos à carne, com suas necessidades e interesses, frustramo-nos filosoficamente, porque não conseguimos absorver todos os conhecimentos humanos, muito menos os das esferas superiores.

Havia terminado aqui o meu trabalho, porém, fui procurado por Mário, que me determinou um último parágrafo:

— Não se esqueça de dizer que você está profundamente empenhado nos estudos, preparando-se para tarefas rotineiras de assistência aos necessitados. Muito embora a teoria se aprofunde em diversos setores, o conhecimento das reações e procedimentos

dos seres é que leva a palma na prioridade que estabelecemos para a aprendizagem. Não é verdade?

Completei, então, discretamente, entendo-lhe a sugestão:

— Percebo, Professor, que tudo quanto ficar sabendo a respeito dos outros será transferido para o conhecimento de mim mesmo.

Tal conclusão poderá parecer óbvia, mas quantos ainda não prestam atenção nos próprios anseios, esquecidos de valorizá-los moralmente!...

16. A ARMADURA

Estabelecido na vida, gozava de riqueza considerável. Nada havia de que me privasse. Entretanto, ouvia as palavras prudentes e sábias dos sacerdotes e lhes dava tudo quanto pediam.

Aí me veio à cabeça que estava vestindo, peça a peça, rica armadura que iria impedir-me de ser acutilado pelos inimigos, ainda que provindos das masmorras infernais.

De fato, quando arribei deste lado, logo me senti inteiramente protegido pela carapaça de ferro, com elmo, guantes e tudo o mais a que tinha direito, inclusive com grande e pesado escudo e longa e pontiaguda lança.

Totalmente vestido, comecei a caminhar em meio à escuridão, sem medo, crente de que em breve iria encontrar a saída da caverna.

Entrementes, repassei todos os acontecimentos da vida, considerando-me pessoa de bem, já que a todos os fâmulos tratei com magnanimidade, dando-lhes o conforto de boas dependências em minha mansão. Revi as propriedades e em todas encontrei pessoas felizes, pessoas que não oravam por mim, segundo concluí, porque tinham a certeza de que estaria já na companhia de Jesus.

Mas ninguém me pedia nada, nem a mínima intervenção para a cura de alguma doença de seus filhinhos ou ajuda no sentido de minorar-lhes os sofrimentos morais de algum distúrbio psíquico ou social.

Houve tremendo embate, certa vez, quando me vi atacado por ferozes criaturas, gente de muito má catadura, cujas fisionomias mal distingui iluminadas pobremente por alguns archotes que traziam consigo. Desencadearam o ataque em silêncio. Eu é que lhes rogava por uma palavra que me revelasse a razão daquele inesperado ódio contra alguém que nenhum mal lhes causara.

O pior de tudo é que não me animei a revidar, muito embora brandisse a lança como que a me defender das investidas furiosas. Não sei quanto durou a batalha, mas, quando se retiraram, notei que estava exausto, incapaz de avançar um passo, arfante e alagado de suor dentro daquela tremenda couraça.

Agradei a Deus pela proteção e pelo facho largado aceso ali no chão. Com todo o cuidado, procurei mantê-lo no alto, fixando-o na parede para receber alguma luz. Foi assim que pude avaliar os estragos na minha armadura. Não havia um mínimo risco ou amassado. Aliás, reluzia nas trevas como aço polido.

Verificada a situação da defesa, pus-me a considerar o porquê do ataque. Gostaria de reproduzir todos os pensamentos desconstruídos que me ocorreram, mas não teria mais fim esta comunicação. Basta dizer que, pela primeira vez, suspeitei de que foram apenas protocolares as contribuições caritativas, já que a riqueza acumulada no momento do trespasse excedia em muito a que obtivera como herança.

Enquanto refletia, sem perceber, desatarraxe os calçados, podendo avaliar o quanto me causavam sofrimento, pois estavam fortemente apertados e meus pés completamente inchados. Lembrei-me das frequentes caminhadas que realizava pela fazenda, ainda em plena juventude, e desejei pisar novamente sobre a alfombra sedosa da grama aparada. Mas, naquele lugar, havia um piso duro e poeirento, como se do chão subisse forte magnetismo a atrair o que me sobrava da armadura de ferro.

Tentei retirar as luvas, porém, não consegui. Estavam firmemente ajustadas aos dedos e presas à munheca. Também não me atrevia a soltar nem o escudo nem a arma. De que tinha medo? Recordei-me dos cães soltos no pátio das fábricas, mastins treinados para combater os invasores, guardiães fiéis que, certa ocasião, despedaçaram uma criança que pulara o muro atrás da bola.

Ainda uma vez senti que me escorriam lágrimas pela face, não pela criança, que julgava ser um dos anjinhos que enfeitavam o

paraíso, mas pelos pais, que se desesperaram e insuflaram o poder judiciário contra mim e meus advogados. Paguei-lhes o que me determinaram, muito mais do que pretendiam, mas precisei rogar ao Senhor que lhes perdoasse a maldade do coração, caso contrário iriam cair diretamente nas chamas infernais.

Quando percebi, estava sem as luvas, o escudo e a lança, esfregando as mãos para provocar-lhes saudável fluxo sanguíneo.

Na parede, o archote criara novo brilho, de forma que pude verificar que a abertura de saída estava próxima, tanto que havia um fecho de luz naquela direção.

Elevei o pensamento a Deus em agradecimento pelo alívio do momento e prometi-lhe que iria tentar convencer as forças malignas a não se interessarem pelo casal que ainda vivia. Achei que era inútil manter o elmo, mas não logrei retirá-lo. Somente depois de orar pela criança morta, solicitando-lhe intervenção junto ao Pai, é que descobri a cabeça, deixando cair a pesada proteção.

Não havia notado ainda que a armadura se desfazia aos poucos, sempre como resultado de algum pensamento positivo. Contudo, achei que precisava proteger o peito, porque fora a região que me causou a suprema dor do desenlace. Achava que o coração estava deteriorado. Não encontrava em mim suficiente amor por meus pais, por meus filhos e demais parentela. Da querida esposa nunca ouvi queixume algum. Teria ficado chorando quando parti? Não sabia. Tentei localizá-la pelo pensamento e recebi a informação, que atribuí ao meu poder de imaginação, de que ela estava casada novamente. Aos setenta e dois anos?

Fiz a íntima pergunta mas tive medo de responder a ela. Ao contrário, revi as minhas próprias aventuras de cavalheiro em meio às raparigas da periferia social e me consolei. Em suma, para abreviar, após desejar telepaticamente a ela que fosse feliz no restante de seus dias, dei com as últimas peças ali no chão.

Pensam que tentei sair correndo, deixando tudo para trás? De maneira alguma. A primeira ideia que me veio pus em prática, qual

seja, a de reunir o conjunto do pesado vestuário, pensando que poderia servir para mais alguém na obscura cavidade.

Não sei se desmaiei com o esforço, se fui arrebatado por mãos amigas, a verdade é que despertei envolto em alvos lençóis, entre enfermeiros e médicos. Ao rodear o olhar pela sala, dei com a armadura reluzente guardada em armário de vidro.

Meu pai logo me explicou:

— Trata-se da mesma armadura que usei ao chegar. Espero que não sirva para ninguém mais da família, muito embora seu filho mais velho esteja correndo sérios riscos de necessitar dela.

Meio tonto, argumentei:

— Pelo menos irá servir para protegê-lo dos ataques...

— Não, Tomás. A função da armadura é lembrar-nos de que estamos presos em nós mesmos, pelos laços dos vícios, da imprudência, do egoísmo, do orgulho e de uma caterva imensa de outros defeitos morais. Você irá ter uma ideia mais precisa disto que estou dizendo quando refletir a respeito da sorte que aqueles pais construíram através da lição que passaram aos outros.

— Eles se revoltaram contra a justiça de Deus, quando investiram contra mim.

— Eles lhe deram a oportunidade de resgatar terrível débito. Mas você ainda não está em condições de compreender. Espere pelo dia em que terá de relatar a sua experiência no Umbral.

17. A BOLA DE FUTEBOL

Meu filho de três anos chutou a bola que o pai lhe deu e quebrou um vaso precioso pela doce recordação de minha mãe. Não que ele tivesse tanta força ou que a bola fosse excessivamente pesada. Teve o azar de levantar a bola, encontrando a valiosa peça na beirada do móvel. Caiu e espatifou-se.

Eu sempre fui mãe amorável, porém, naquela hora, subiu-me o sangue à cabeça e, para não dar umas palmadas na criança, peguei uma tesoura e cortei o plástico inteirinho.

Arlindo escondeu-se, sentindo-se ameaçado. Quando meu marido chegou, o fedelho logo foi contar o sucedido, dando relevo à bola e não ao objeto que destruiu.

Com toda a paciência do mundo, o pai saiu (era hora do almoço), levando o filhinho no colo. Meia hora depois, voltou com uma outra bola, maior e mais colorida, e outro vaso, mais alto e mais caro.

Não me senti arrependida nem envergonhada. Estava ainda furiosa e quase que briguei com o Renato. Em todo o caso, lhe disse:

— Você vai estragar esse menino, fazendo-lhe todas as vontades. Ele estava merecendo umas palmadas.

Como resposta, recebi carinhoso abraço e um beijo na face, antes de dar um empurrão nele para repor as coisas nos lugares de antes.

— Por que você está fazendo isso comigo? — perguntei, crente de que teria motivo de confronto, qualquer que fosse a resposta.

Ao invés de responder diretamente, Renato simplesmente acercou-se da mesa, serviu-se de sopa e pôs-se a comer em rápidas colheradas, afirmando entre elas:

— Hoje o escritório vai receber a visita do dono da empresa e precisamos estar todos lá para saudá-lo. Você não quer vir comigo?

Ele sabia que eu não poderia ir. Não notei na hora, mas Renato desviara a conversa para outra razão de desavença. Caí como um patinho:

— Você sabe muito bem que tenho de levar o Arlindo (quase soltei um Arfeio) à creche. Depois, preciso acertar os ponteiros com as empregadas, que me estão aporrinhando a paciência.

Mais diria, se ele não se levantasse, pusesse o paletó e saísse, não sem antes se despedir como de costume, beijando-me a mão e o rosto, prometendo voltar na hora de costume. Quando se despediu do filho, recomendou-lhe:

— Não se esqueça do que o papai disse: chutar a bola, só lá fora e quando a mamãe deixar. Se você quebrar mais alguma coisa, ela tem todo o direito de cortar a sua bola. Está certo?

Não sei se a criança entendeu tudo direito, mas aquelas palavras me calaram fundo na consciência.

Durante toda a tarde, meditei a respeito do desregramento da manhã. Deixei de cobrar das empregadas, suspeitosa de que poderia exagerar nas recriminações, porque estava sentindo-me bastante instável emocionalmente.

Zelosa dos bens morais, cultivando a frequência a um centro espírita, à noite, tendo deixado o Arlindo com a babá, meu marido me levou para a reunião mediúnica semanal.

Lá chegando, estive bastante arredia, temerosa de que algum espírito pudesse vir recriminar-me a fúria com que agredi a criança. Mas não contei nada a ninguém.

Quando ia pela metade a sessão, baixou uma entidade que se identificou como um parente meu distante. Na voz de uma médium bem falante, dedicou alguns minutos para me enviar uma mensagem:

— Clarência, querida, fique na paz do Senhor, na companhia de seu marido e de seu filho. Você está preocupada hoje por haver partido um brinquedo do filhinho, o que a trouxe com medo de receber um forte puxão de orelha. Na verdade, o que você fez não

foi bonito, mas, antes de curvar-se perante sua insuficiência de virtudes, é preciso que entenda a razão primordial de ter agido de forma até violenta. Você está num período de tensão pré-menstrual, simplesmente. Sabendo que fica nervosa à toa, era preciso que tomasse mais cuidado com as reações emocionais à flor da pele. Tome estas palavras como um conselho de quem a ama e pretende protegê-la contra todos os males. Você estava até pensando que se tratava da influência de algum espírito zombeteiro ou infeliz. Poderia até haver acontecido de você ter dado a alguém do tipo a oportunidade de prejudicá-la. No entanto, lá estávamos nós, os seus amigos, tentando amenizar os efeitos do ato daninho que tanto a provocou. Para que saiba, eu só estou aqui conversando com você porque sua mãe me pediu, já que ela se sente meio culpada por você não prestar atenção a certos fenômenos orgânicos. Você se lembra de que sofreu uma boa surra em certa ocasião, quando deixou cair a caixa de porcelana chinesa, verdadeira relíquia familiar? Pois esta é outra razão para explicar a sua conduta. Como vê, para cada pequena atitude desequilibrada, há um conjunto de fatores que devem ser levados em conta para seu entendimento. Por sorte, conseguimos iluminar o Renato, de forma a mantê-lo sereno e cômico de sua condição psíquica daquele momento. Foi o que pudemos fazer em seu favor, contudo, não se esqueça de que, em próxima situação semelhante, você terá de responder sozinha pelos seus atos, já que está tendo oportunidade de refletir bastante sobre tudo que passou. Como derradeira recomendação, se o Arlindo quebrar mais alguma coisa, sorria, pensando que ele também irá passar por momentos de constrangimento. Como conseguir sorrir? É fácil: lembre-se de elevar seus pensamentos a Deus, orando com fé em que receberá as instruções espirituais mais adequadas para compreensão e superação dos problemas. Fiquem na paz do Senhor! Graças a Deus!

Até hoje agradeço as sábias palavras de meu querido protetor, agora reencarnado e em plena labuta espírita.

Quando meu filho, bem mais tarde, bateu o carro e quase perdeu a vida, tudo me voltou à memória, o que espero que aconteça aos caros leitores através do relato da minha experiência, para que não precisem sofrer no coração nenhuma bolada infantil...

18. BEIJOS ARDENTES

Fui beijada de muitas maneiras durante a vida. Minha mãe e meu pai me davam seu profundo amor e proteção e me beijavam com o ardor do orgulho e da felicidade.

Tive irmãos mais velhos e mais novos. Estes também, cada vez mais com o passar do tempo, sempre que nos encontrávamos após meses de separação, me sapecavam calorosos beijos de confraternização e de desejo de saúde e prosperidade.

Meu marido me assaltava com ternura, tendo sido o único a quem ofereci meus lábios, para dele receber beijos de paixão e de luxúria.

Também tive filhos, que me queriam com respeito e veneração, porque sempre me dediquei a eles com muita alegria e verdadeiro apego maternal. Deles recebi, até bem idosa, beijos nas mãos e nas faces, tendo sido os últimos que sobre a minha pele enrugada depositaram os ósculos do final da vida.

Houve, porém, outros tipos de beijos, muitos meramente protocolares, outros nem tanto, porque não exprimiam os reais sentimentos de quem os dava. Eram beijos que não deixavam marcas morais na hora, mas que me queimavam, quando descobria as verdadeiras intenções dos impostores.

Não sou capaz de refrear a vontade de compará-los ao beijo que deram em Jesus na noite da captura. E está dito tudo.

Mas as impressões sensórias se deixam registrar no perispírito indelevelmente, de sorte que as aproximações furtivas da inveja, do ódio, do ciúme, da falsidade e demais sentimentos ruins acabam por ser analisadas com rigor, após o desenlace.

Às vezes, sentimo-nos traídos, porque o nosso beijo tentava corresponder com meiguice e confiança aos que nos aplicavam de má-fé. Outras vezes, o sentimento era de frustração, porque

medíamos o nosso adversário encapuzado pela medida de nossa honestidade e pureza. Finalmente, muitos nos provocaram apenas indiferença e repúdio, estes porque eram descobertos desde cedo ou nos despertavam prévia repulsa.

Tais impressões me causaram muita angústia, assim que me vi consciente na erraticidade. Esperara em vida ser recebida desde logo em regiões de bem-aventurança, tão severa fui com todos os princípios morais e religiosos. Também aceitei pacificamente o papel de dona de casa, não remoendo raivas nem contrariedades. Ajudou-me, neste ponto, o fato de ter seguido as diretrizes (não todas) de Kardec. Mas a obsessão pelos beijos me oprimiu o coração por um tempo indefinido que me parecia eternizar-se.

O primeiro repelão da consciência sofri quando adivinhei que nem todos os meus beijos tiveram o dom transparente da sinceridade. Além de beijar socialmente nos encontros ocasionais e nas festas e reuniões, também retribuí amplexos de quem sabidamente tinha aversão por mim e pelos meus. Esse conhecimento não auferi completamente durante a vida, no entanto, sabia que havia pessoas, mulheres, naturalmente, que me cobiçavam os vestidos, as joias, a casa, os filhos e o marido. Mas eu retribuía os agrados, sem caracterizar a prevenção.

Soubesse naquela hora o que sei hoje, teria evitado chegar-me com tanta desfaçatez, já que a teoria das vibrações captadas metafisicamente me despertou para o fato de que ninguém fica sem conhecer as verdadeiras sensações morais dos que estão ao redor. Mas essas sensações causaram-me mal-estar e a necessidade de superar os defeitos que percebi impregnados na personalidade.

Aqui na colônia, só se confraternizam amoravelmente os que se sabem queridos. Simples afeição por admiração ou respeito queda no âmbito dos cumprimentos formais, sem afetação, contudo. Beijar ardentemente, nem pensar, porque existe um campo de resguardo do perispírito que impede a contaminação

sentimental, tendo em vista o grau de imperfeição que ainda portamos.

Vão pensar que temos medo de receber micróbios e vírus extrafísicos. Nada mais absurdo. O que se passa, na realidade, é que todos os que aqui convivem harmoniosamente têm introjetado no íntimo do ser o conhecimento de que todos estamos evoluindo, mercê da ajuda que conseguirmos dos demais e que pudermos oferecer. Trata-se de obrigação cujo envolvimento emocional é o mais completo possível. Sendo assim, se formos sensibilizar-nos a cada visão dos amigos, nada mais faríamos no âmbito da colônia.

Apenas um raciocínio simples por absurdo. Vocês já refletiram a respeito dos trilhões e trilhões de criaturas que amam e são amadas por Jesus? Querem crer que seja possível a entidades de tanta pureza ficarem a trocar afetos labiais pela eternidade? Será que não têm nada melhor para fazer?

Claro está que estou exagerando, mas a verdade é que, neste ponto em que nos encontramos, ainda esperamos ver retribuídos com sinceridade muitos beijos ardentes.

19. ALGODÃO-DOCE

Vivi até a idade de quinze anos numa roça de algodão. Era esperto para realizar todos os serviços da terra, mas a cabeça tinha dura como as rochas ao sopé das montanhas. Claro está que minha mente bucólica oferecia certas vantagens para a aprendizagem prática de quem está sempre disposto a cooperar com o plantio, já que a renda propiciava a todos melhores condições de vida.

Certa feita, não tinha mais do que oito anos, ouvi o filho do patrão dizer que havia comido algodão-doce ainda mais branquinho que as ramas da colheita. Aquela ideia de se poder comer algo tão áspero para a boca, como às vezes experimentei os pelos do fruto, guardei-a presente na memória, havendo jurado para mim mesmo que haveria um dia, antes de morrer, que iria provar a mesma guloseima.

Com a decadência da plantação, minha família se deslocou para o sul do país, aventurando-se na cidade grande.

Aos quinze anos, estava meio perdido entre os prédios elevados e a gente apressada das ruas. Mas ia aonde me conduziam meus pais, eles mesmos meio perdidos, até que encontramos quem nos medisse a força de trabalho e nos propusesse emprego numa obra em construção.

Foi assim que comecei a lidar com areia, cal e cimento, misturando o reboco, conforme me instruía. Tinha força nos braços e necessidade no estômago, de sorte que me empenhava com vontade, no auxílio ao ganho da família.

Num fim de semana, após termos ido ao culto evangélico, tomei-me de amores por uma máquina que produzia fios de açúcar finíssimos. Fiquei a observar como é que o homem apanhava aqueles tufos que se aglomeravam no palito, admirado e submisso à tecnologia desconhecida.

Para dizer a verdade, fiquei com medo de provar e me decepcionar, porque a minha fantasia havia desenvolvido outra forma para a guloseima. Em todo o caso, criei coragem e dividi com meus irmãos uma daquelas ramas, gozando a delícia que se desfazia em calda no meio da saliva.

Era uma pequena felicidade, porque me senti crescer em poder, equiparando-me ao filho do fazendeiro, pensando que aquela vantagem ele já não tinha sobre mim.

Acho que narrei o que de mais importante me sucedeu na vida. Quanto ao mais, tudo o que me aconteceu recebi com absoluta naturalidade, já que provinha dos desejos do instinto, como o casamento, a paternidade, o sentimento de defesa e de proteção da família, a obediência cega aos desígnios de Deus descritos com fluência e sensatez pelos pastores no templo.

Quando algo saía dos trilhos e me agradava, logo comparava ao doce algodão com que me distraíra; o contrário, era aquele triste dia em que tivemos de abandonar o sítio pelo imperativo da desgraça da população.

Não tinha mais do que quarenta e oito anos quando deixei a convivência terrena e me vi despojado da carne, espírito errante pela extensão do espaço etéreo. Não me sentia pesado, não me arrastava, não sofria nem acusava ninguém, consciente de que Deus iria dar-me de novo a oportunidade de provar a delícia do paraíso, da mesma forma que me deu a de saborear a gulodice. Afinal de contas, paguei o dízimo regularmente e merecia a recompensa prometida.

Essa impressão fugidia do bem com preço marcado foi que me sobrecarregou, quando achei que estava demorando muito encontrar a fabriqueta com seu dono, que figurava como alguém da estatura de um São Pedro, dono da chave e oficial maior de Jesus. Não me esquecia da espada e da orelha que rolou pelo chão, de sorte que temia não estar agindo direito, ou melhor, não estar

raciocinando corretamente ao cobrar o ressarcimento dos sacrifícios de minha vida de trabalho.

Custou-me entender que as coisas não se passavam exatamente daquela maneira e que eu, de certa forma, queria impor-me sobre os desígnios de Deus, estabelecendo-lhe os limites de sua vontade suprema. Sempre que me via forçado a recriminar-me, elaborava uma saída psicológica, recordando-me dos dias de trabalho sob o jugo dos capatazes, no campo e na cidade. Cotejava a minha honestidade e fraqueza intelectual com a ganância dos que me exploraram a vida toda e dizia ser injusto estarem tais pessoas em lugares mais formosos e felizes.

Era como reagia, sem me lembrar dos cantos e das preces que repetia durante as funções religiosas. Foi por essa época que senti forte saudade da esposa e dos filhos. Também meus pais vieram habitar-me a mente, com certeza para comprovarem-me que passara a vida sob tetos cristãos de boa estirpe. Acreditei-me no inferno, já que o isolamento me pareceu o pior dos castigos para quem sempre estivera na companhia dos parentes e dos amigos.

Quando me assopraram que não precisava ser assim, acreditei piamente, porque qualquer coisa achava que seria melhor do que a condição de minha existência naquele deserto.

Tantas, porém, eram as lembranças da vida a que agora dava valor, que criei um algodoal, onde me situei e para onde transportei todas as pessoas da minha infância, não fazendo questão nenhuma de que o filho do dono se recusasse a pôr mãos à obra.

Aos poucos, fui percebendo que aquelas criaturas existiam mesmo, todas elas me ajudando a manter a ilusão, todas trabalhando com denodo para satisfazerem plenamente a necessidade de afirmação de algo positivo.

Certa vez me vi sentado à beira da estrada, que tacitamente me convidava para caminhar em busca da cidade, com o engodo do algodão-doce que ali não existia.

Desta feita, logo me achei carregando sacas de cimento, pilhas de tijolos, empurrando carrinhos cheios de concreto, cantando os hinos da igreja, na esperança sensata de voltar para casa na hora certa, para encontrar minha esposa e meus filhos. Mas essas criaturas não fui capaz de criar. O que me acabou aborrecendo é que jamais chegava o sinal do término da jornada, sempre havendo trabalho e mais trabalho.

Olhei para minhas mãos, buscando os calos e as esfoladuras, mas estavam lisas, como se o serviço não as afetasse mais.

Passou por ali o homem do algodão-doce, dizendo que tinha terminado o açúcar e que iria em busca de mais. Se eu quisesse, poderia segui-lo, assim seria o primeiro a provar a gostosura. No caminho, encontramos mais meia dúzia de amigos que seguiram conosco, até que chegamos ao portal desta colônia. O mais é a história natural de quem está aprendendo que a felicidade toma variadas formas e que só existe, se existir a esperança do reencontro dos amores, a fé em que a verdade está ao alcance da inteligência e a caridade libertadora, que deve exercer-se sem condições.

20. AS INTERVENÇÕES DE MÁRIO

Chegados a este ponto das transmissões, é de todo justo que alguém venha relatar algo a respeito do trabalho interno da *Equipe do Eterno Regresso*, dado que os textos estão sendo apresentados de forma bastante uniforme e regular.

Ocupa-se Mário, na condição de instrutor, de revisar os rascunhos, examinando o que de mais importante deva ser levado a público, dando ao roteiro sua forma definitiva. No que diz respeito à presente exposição, evidentemente, haverá de *sofrer calado*, uma vez que assumimos a responsabilidade de redigir como melhor nos aprouve.

Isto posto, quero registrar que não estamos em estado de rebeldia. Muito pelo contrário, nós estamos eufóricos com a qualidade e a importância das mensagens, tendo em vista a pobreza dos autores, cada um de nós proveniente de vida muitíssimo pouco expressiva, a maioria formada por trabalhadores braçais, muito embora haja também alguns estudiosos da doutrina dos espíritos à luz dos ensinamentos de Kardec.

Claro está que esta primeira parte apenas repete o que os amigos leitores deduziram das leituras efetuadas. Onde, então, o mérito? Acredito que se concentre exatamente na esperança que transmitimos de que todos possam alcançar de forma bastante suave a situação de estudante e trabalhador na seara do bem, assim que desencarnar.

A maioria de nós tem passado a ideia de que ninguém chega à colônia sem um período mais ou menos longo de correrias pela erraticidade. Alguns demonstram sofrimento bastante agudo, outros apenas incompreensão e desassossego. Todos, porém, evidenciam que, após alguns anos de estudo da própria existência carnal ou anterior no etéreo, somos capazes de elaborar raciocínios bastante

lúcidos e teses realistas dos feitos que promovemos ou dos acontecimentos que nos envolveram.

O que deixamos muitas vezes sem explicação é o fato de não ascendermos desde logo a paragens de maior bem-aventurança. Alguns anunciam a necessidade de resgates dificultosos, outros apontam para falhas de caráter ou ausência de virtudes. Nenhum se furta ao compromisso de avisar a respeito das imperfeições naturais de quem caminha pela estrada de orbe tão ínfimo no campo evolutivo. Mas a conduta superior de quem vai passar para mundo mais feliz e aperfeiçoado fica na penumbra de nossa ignorância.

Ocorre que Mário não nos permite “filosofar” a respeito das fantasias de grandiosidade espiritual que todos ainda embalamos. Temos de falar a respeito de coisas concretas, ou melhor, de temas passíveis de serem desenvolvidos ainda mais e melhor pela inteligência dos leitores. Nada deve estar definitivamente concluído; tudo deve manter uma porta aberta por onde entrar a convicção augusta de que todas as virtudes nos serão permitidas pelo Pai, assim que fizermos por merecê-las através de nossos atos.

Se nos lembrássemos das palavras de Jesus, bastar-nos-ia dizer que pelo fruto se conhece a árvore, ou seja, que estamos retratados por inteiro em cada uma das comunicações. Esta assertiva não há de passar como fortuita, porque temos de ressaltar o fato de que é obrigação nossa cuidar de praticar o bem em todas as circunstâncias, inclusive nas redações particulares e íntimas, estimulando os leitores, no mínimo, a que revejam a postura evangélica que vêm adotando.

Por último, já que nos desviamos bastante do ritmo impresso anteriormente, pede-nos Mário que não nos esqueçamos de dizer que existe real preocupação com os rumos atuais da humanidade, que exalta os valores materiais em detrimento dos aspectos espirituais da vida, tanto que até os de melhores condições morais não se atrevem a comparecer perante a opinião dos homens, para

as observações e prescrições que corrigiriam o rumo desastroso da civilização.

Agora é que entra a minha experiência pessoal, porque eu mesmo me bati junto à comunidade em que vivi para que os crimes fossem solucionados e os criminosos punidos no máximo rigor da lei. Fui além e incentivei até a justiça do populacho, como a fórmula para sanar a maldade dos malfeitores, ao menos no sentido de estabelecer o medo como sentimento prioritário a quantos se vissem tendendo à prática dos atos ilícitos e contrários ao bem-estar dos outros.

Esta regra que adotei em vida constitui a maior dificuldade que enfrento aqui, já que acredito piamente na evidência da justiça divina sem a necessidade do perdão, mas realizada por meio da confiança em que todas as culpas poderão ser eliminadas apenas através da compreensão da lei de causa e efeito, ou seja, por meio da debelação da ignorância.

Haverá sofrimento? Sim, no caso se sentir o indivíduo magoado consigo mesmo, antes de entender que seu amor-próprio está inchado, dominando o caráter e enfraquecendo a personalidade. Não, se souber conduzir-se sabiamente, crendo que se trata de mais um aprendizado valioso para dar continuidade ao processo de aperfeiçoamento espiritual.

Muitos de meus colegas não gostaram deste desenvolvimento, nenhum, contudo, manifestou o desejo de obstar-me a transmissão, já que todos querem usufruir desta mesma liberdade. Discordar é norma saudável dos trabalhos e estudos em fase de deliberação. Após o período de pesquisas, as conclusões, estas sim, deverão ser aprovadas por unanimidade. Por isso é que me atrevi a mudar um pouco a fórmula adotada pela turma; nada, porém, que possa causar dissidências ou contrariedades. Afinal de contas, o texto está aí, graças a Deus!

21. FRUTOS VERDES E MADUROS

Notavelmente, posso vir falar de frutos maduros e não apenas dos verdes. Já colhi, na árvore de meus empreendimentos morais, alguns pomos maravilhosos para depositar, com fé ardente, aos pés de Jesus.

Um deles é esta indiscutível capacidade de manifestar-me aos encarnados através da mediunidade, o que venho desenvolvendo há bastante tempo, desde quando fui encaminhada para junto de sagrada mesa evangélica, a fim de receber as instruções iniciais de que estava do outro lado da realidade.

Agora tento redigir mensagem de otimismo e esperança, crente de que obterei sucesso, haja vista as inúmeras composições que alcançam divulgação entre os humanos. Se tanta gente saboreia estes suculentos frutos, por que não irei eu também conseguir um bem madurinho, encarnado e doce?

Que méritos reuni para isto? Estudei bastante e dediquei-me ao exame de todos os sentimentos de culpa que trouxe até esta colônia. Aqui descobri muitas outras falhas, a maioria das quais se encontram em fase de debelação. São os frutos verdes, aqueles que estão altos demais para esta raposa matreira.

No entanto, basta que os amigos tenham a bondade de aceitar-me a comunicação e já terei bons motivos para superar um dos óbices de meu crescimento espiritual: a inveja, uma vez que me sinto trêmula quando observo as magníficas mensagens que chegam até às vibrações dos mortais e que retornam na forma de agradecimentos e preces.

Sei que o objetivo é auxiliar, entretanto, se alcançar comunicar-me com seres sem jaça moral, espiritistas cômicos de

suas obrigações fraternais para com todos os filhos do Senhor, também serei agraciada por sua benevolência e carinhoso afeto.

Estarei sub-repticiamente realizando crítica aos que se endereçam de preferência aos que leem as suas páginas na intenção de encontrar conforto e diretrizes para aperfeiçoamento espiritual? Também, porque considero essas notícias bastante prejudiciais para quem as escreve, quando não têm a estrutura moral necessária para administrar conselhos de caráter superior.

Devo ressaltar que existem espíritos sábios e muito adiantados capazes de se apresentar perante os mortais para deixar orientações preciosas quanto à melhoria do procedimento. Mas, no âmbito desta escola, afora os mentores e administradores, a totalidade dos alunos é carente de conhecimentos e de elevação para sapecarem nos pobres que nos leem recomendações morais. Caso se reservassem a repetir, citando a fonte, as palavras de Kardec ou dos espíritos de luz que lhe davam assistência, ainda assim iria opor-me a eles, pois tais textos se encontram editados e profusamente disseminados no seio da humanidade.

Então, limitar-me a caracterizar o que de bom ou de mau fundamenta minha personalidade é roteiro que me agrada e que me esforço por consignar aqui, embora não diga tudo diretamente, deixando nas entrelinhas muitas de minhas dificuldades, o que assinalo para a reflexão dos amigos.

— Por que você não traz à luz algum fato importante a que tenha dado origem e que possa estabelecer mais claramente a envergadura de seu caráter?

A pergunta me veio da consciência, de forma objetiva e honesta. Ao descrever, os amigos revelam exatamente como são. Pois a minha relutância, agora definitivamente exposta, apenas consigna, apesar do rigor da terminologia que estou empregando, a fraqueza de considerar-me um pouco melhor dos que os outros, ou seja, colocando em termos exatos, sou orgulhosa e egoísta. Orgulho e egoísmo que reconheço e que estou tentando eliminar através de

muita dedicação aos problemas e deficiências dos que lançam até nós seus pedidos de socorro.

Querem mais? Pois, definitivamente, também me sinto prepotente, preguiçosa, sem fé, sem esperança e sem caridade. E muitíssimo maliciosa, o que desejo atenuar, vencendo o desejo de esconder aquele fato real que traria até mim, talvez, a ojeriza de alguns leitores por demais exigentes que não consideram válido transformar a mediunidade apostólica em mero confessionário de fundo de igreja.

Pois odiei meu filho, chegando ao ponto de abatê-lo...

Não consigo narrar o episódio, tão cru e tão trágico foi para minha existência. Até descobrir que matando-o ou não eu permaneceria no mesmo estágio, acrescentando apenas mais um débito ao passivo de minhas dívidas, errei pelo etéreo, rugindo, vendo em cada ser que se aproximava de mim a sombra do desgraçado querendo vingar-se. E o coitado, quando tive a ventura de ser recebida por ele, queria era salvar-me de mim mesma.

Graças a Deus! Abençoado seja aquela criatura que me levou para receber o aviso de minha morte! Abençoados todos os meus parceiros que me facultaram esta declaração e me permitiram ser abraçada por tantas almas de eleição!

Não parece mas acabo de colher mais uma frutinha gostosa, cujo sabor gostaria de poder colocar-lhes na boca. De qualquer forma, relendo o que escrevi, tenho a impressão de que não estou tão longe assim de obter dos leitores o perdão por lhes frustrar mais uma vez a expectativa de encontrar algo nobre e instrutivo.

Fiquem na paz do Senhor!

22. EU COMI A SEMENTE

Dizem que, no começo dos tempos, Deus criou dois paraísos terrestres, onde depositou os primeiros casais de todas as espécies. É lenda ou mito, com certeza, mas consta que deu a cada um dos homens quantidade bem grande de sementes, recomendando expressamente que fossem plantadas.

— Para que, Senhor, se temos tudo o que queremos?

Sábio e prudente, o Pai limitou-se a sorrir, dizendo-lhes que não comessem do fruto da ciência, bastando que se alimentassem das guloseimas da obediência, da fé e da verdade.

Adão, vamos chamá-lo assim, foi aquele que recebeu de Eva o estigma do pecado original. Quando se viu expulso do paraíso, estava a braços com problema sério: as sacas de sementes guardadas debaixo da árvore da vida.

Não podendo carregá-las todas, espalhou-as pelo chão, convidando as aves para que o ajudassem a transportá-las. E saiu de lá com as mãos nos bolsos recém-cosidos pela diligente esposa.

Ora, do outro lado do mundo, o jovem Quiasto, que não desobedeceu ao Senhor, ficou morando na terra santificada, sem comer do fruto da ciência. Procriaram, evidentemente, porque não havia pecado naquilo, pois era o que todas as criaturas faziam, inocentemente.

Também ali havia uma árvore da vida, debaixo da qual se achavam as sacas de sementes. Sem ter muito o que fazer, resolveu Quiasto que deveria atender à recomendação do Pai e pôs-se a cavar o solo, esforçando-se por depositar nele cada grão, solicitando aos cães que o ajudassem a impedir que as aves descessem do céu para devorar as sementes.

A bem da verdade, muitas dessas aves atravessaram o oceano, porque correu entre elas que um bondoso senhor, do outro lado do mundo, lhes havia feito a doação de grande quantidade de

alimento. Foram e voltaram, gordas e nutridas, prontas para se multiplicarem nas paragens natais. Quando chegaram, encontraram a planície coberta de touceiras esguias, desconhecidas e intrigantes.

Uma das aves, mais afoita, após ter ouvido que as sementes haviam acabado, solicitou permissão a Quiasto para provar daquelas intumescências verdes que as hastes iam deitando para fora.

— Vocês poderão fazer o mesmo que eu, ou seja, aguardar para ver o que acontece. Enquanto isso, divirtam-se com as larvas de insetos e outros animálculos que retirei das profundezas do solo. Ou busquem nos rios e lagos os excessos de peixes, para que não se dê que a falta de oxigênio nas águas matem a todos eles.

E assim fizeram.

Depois de alguns meses, cabeludas espigas se desenvolveram e se ofereceram para a colheita. Quiasto gostou do sabor delas enquanto tenras, reservando muitos pés para obter grãos maiores e mais ricos.

Davídia, a esposa, perguntou ao marido:

— Como chamaremos esta bênção de Deus?

— Você está perguntando porque já deve ter um nome. Diga-o logo, mulher.

— Gostaria de chamar de milho.

— Pois assim será.

Ora, Quiasto não sabia da existência de Adão, de sorte que não enviou a ele nenhuma espiga, nem a ninguém mais do outro lado dos mares.

Só muito tempo depois, descendentes remotos do homem que desperdiçou as sementes atravessaram corajosamente o oceano e conheceram aquela bênção divina.

A que vem esta história? Pois a mim me foi dada uma espiga, com a recomendação de que fizesse multiplicar-se. Mas eu, com fome de novidades, assei os grãos e os comi, gulosamente, esquecido da ordem natural das coisas.

Foi assim que passei a vida, recolhido ao lar, junto dos filhos e netos, ensinando-lhes a maneira mais adequada de encher a despensa, para ter o que comer nos tempos das vacas magras. Mas era tudo ilusão de quem sabia onde obter cada vez mais coisas, alijando os semelhantes de sua saúde e de sua inteligência.

Agora que atravessei o rio da morte é que estou tomando contato com a minha consciência profunda, achando-me verdadeira ave predadora, comendo as lições que poderia disseminar entre os menos felizes.

Quando recebi a incumbência desta manifestação, foi como se recebesse de novo aquela espiga graúda e saborosa. Desta feita, porém, estou esmerando-me para debulhá-la, sem perder um único grão, esperando achar terreno fértil e bem irrigado de amor e compaixão, onde poderá crescer e frutificar, produzindo a cem e a mil.

Boa sorte, companheiros! Que a sua colheita seja farta e feliz a sua existência, junto de uma multidão de criaturas bem-aventuradas!

23. INTERPRETAÇÕES ERRADAS

Fui médium bastante requisitado e respeitado na derradeira passagem carnal. Entretanto, diferentemente do que pretendo realizar agora, dava trela a que houvesse manifestações bastante suspeitas, no sentido de que não era bem o que eu dizia que me sopravam ao ouvido da mente. Digo diferentemente porque não desejo incentivar nenhuma rebeldia subjetiva naquele que me está tomando o ditado e que se põe alerta para não prejudicar a comunicação.

De qualquer modo, venho para penitenciar-me por haver logrado muitas pessoas, afirmando que ouvia seus parentes e amigos, quando, na verdade, queria desfazer-me da responsabilidade de deixar-lhes notícias bem pouco felizes. Não que tivesse plena consciência de que havia problemas em relação aos consulentes; ao contrário, evitava saber, mantendo meu espírito imerso numa onda de otimismo refulgente, vendo tão só luz e brilho no fundo do meu coração.

Raciocinei a partir da leitura dos textos dos amigos aqui da casa e cheguei à conclusão de que, numa situação íntima e isolada, o médium pode perfeitamente recusar-se a captar notícias específicas relativas a quem quer que seja. Não é o caso em tela, porque o grande espectro dos temas desenvolvidos junto ao médium e por este devidamente registrados haverá de negar-me o direito de criticar ou, ao menos, avaliar o serviço por ele prestado.

Quero crer que os leitores já perceberam que estou referindo-me aos que deliberam acreditar cegamente em toda e qualquer palavra que lhes traga alívio e esperança. Também não sou assim tão adiantado que possa dar-lhe segura orientação quanto à percepção de que estejam sendo enganados. Não vou, além disso, sugerir que se tenham totais cuidados na aceitação das informações

mediúnicas. Muitos desejam cabais comprovações de que se trata exatamente daquele ser que se anuncia, esquecendo-se de que o conteúdo da mensagem é que deve ser valorizado, analisado e absorvido, caso corresponda aos ensinamentos nobilíssimos do Cristo.

Pois já disse quase tudo. Falta apenas contar que aquele halo de santidade com que era recebido nas diversas casas espíritas me deixava ufano e orgulhoso, tanto que, aos quarenta e cinco anos de idade, comecei a repetir aleatoriamente os textos que memorizara desde que me iniciara na seara mediúnica. Falando claramente: fui abandonado pelos protetores, que, além de tudo, vigiavam para que não se apresentassem espíritos malfazejos, capazes de me iludirem com palavras melífluas, dando-me orientações falsas que pudessem desmascarar-me de vez.

Em casa, nunca me atrevi a oferecer-me aos amigos da espiritualidade para ditados escritos que pudessem conter roteiros de superior qualidade moral. Aliás, a bem da verdade, na juventude, expus-me às impressões subjetivas, desejoso de ombrear-me com médiuns do quilate de Chico Xavier. O resultado foi tão chocho, tão vulgar, tão mesquinho, que abandonei logo a tentativa para não contaminar com tal frustração o sucesso que fazia no centro.

Este desenvolvimento me agrada sobremodo, porque ousou do lado de cá o que dispensei enquanto encarnado. Sinto-me confiante, porque tenho a companhia de tanta gente experiente, estudiosa e trabalhadora, cujos méritos tenho constatado a todo instante. Agora mesmo, titubeando quanto aos termos a aplicar, eles me asseguraram que bastava dar a inflexão correta ao pensamento, para que o médium traduzisse a ideia em jargão próprio da psicografia, em toda a sua extensão e compreensão.

Foi essa minúcia técnica ou doutrinária que me faltou durante todo o tempo em que me ofereci como intérprete dos espíritos. Tivesse eu essa noção, não teria caído na tentação de manter-me sempre no topo das transmissões alvissareiras. Claro está que, em sessões de desobsessão, dava os meus espetáculos particulares,

falando com voz alterada, agitando-me e batendo as mãos e os braços contra a mesa e os pés contra o assoalho, provocando o doutrinador com palavras pouco educadas, para receber a censura óbvia, até me fazer de entendido, como se alguns conselhos de última hora tivessem o condão de efetuar a transformação moral dos espíritos mais obstinados na prática do mal.

Certa vez, arguíram-me o fato de estar representando cenas pouco verossímeis, quanto a salvar-se o infeliz que se arrependia, sem passar por enérgicas reflexões morais. Saí-me bem da enrascada, afirmando que a parte mais profunda da conversão estava a cargo dos protetores e guias do assistido e do centro. Acrescentei o anjo guardião e transportei os coitados para colônias de atendimento urgente, citando aquela cujo nome todos conheciam: *Nosso Lar*.

Penso que tenha realizado uma fotografia de corpo inteiro da personalidade. Não pretendo com isso incentivar a desconfiança de ninguém relativamente aos médiuns dos centros que frequentam. Tenho por objetivo demonstrar que, apesar de tudo, levar palavras de esperança aos que se preocupam com o próprio destino no etéreo, ainda que sem descrever todas as agruras por que passei, pode redundar em algo bom e prático, caso não se interpretem minhas palavras como de alguém desejoso de iludir e de malbaratar o tempo dos leitores.

Se considerarem esta comunicação demasiado falha, lacunosa ou imprecisa, tenham a bondade de refletir sobre a referência que acima fiz aos textos superiores aos meus e alegrem-se por obter um que vocês mesmos poderão compor e transmitir, caso encontrem pessoal com tanta boa vontade quanto estes que me amparam.

Fiquem na paz do Senhor!

24. A DANÇARINA DA COBRA

Lembro-me bem dela. Apresentava-se no circo. Eu era pequeno e ficava extasiado com tamanha falta de medo. A bem da verdade, tremia ao vê-la deixar-se enrolar pelo magnífico espécime.

Depois daquele número, vinham os palhaços e a pantomima final, até que todos os artistas voltavam para agradecer ao *amável público*. Eu não saía até que visse a dançarina conduzir a cobra definitivamente para os bastidores.

A bandinha recolhia os instrumentos e eu fechava a fila dos retirantes, ainda impressionado com a frieza daquela maravilhosa criatura.

Está claro que agora estou rememorando com muita nostalgia um acontecimento simples de minha triste infância. Tantas coisas ruins aconteceram comigo e eu fico a imaginar-me de novo junto ao picadeiro, vendo os requebros da moça com a cobra, ao som de um repicado agudo, como se naquele momento final do número a serpente fosse dar o bote fatal.

Não deu. Somente muito mais tarde é que pude compreender que a noite era, como dizíamos, “uma criança” e que havia tanta coisa mais para acontecer ao meu redor.

Foi num daqueles dias de espetáculo que, ao regressar a casa, encontrei meus pais desesperados. Haviam atirado em meu irmão mais velho. Estava morto. A polícia entrava e saía. Meu tio apanhou-me pelo braço e me levou para a casa dele. Eu tinha oito ou nove anos, mais ou menos. Essas datas não ficam muito nítidas na mente das pessoas. O que de fato me entristeceu foi não encontrar mais o mocinho que me levava ao campo de futebol.

Hoje as coisas não se modificaram muito. Eu ainda sofro com a saudade do mano, de meus pais e daquele meu tio...

Eu sei que deveria sentir-me bastante feliz por estar a conduzir esta mensagem até o mundo dos vivos. Ocorre, porém, que não me habituo comigo mesmo, como ser reflexivo e moralizado. Está difícil de vencer a ânsia do passado, já que nenhum futuro me parece tão alvissareiro. Mas o tal passado conta com uma dançarina e sua cobra...

Quando adulto formado, tive a desgraça de me candidatar ao cargo de professor primário, sem nenhuma vocação. As crianças me “cansavam a beleza”, com perdão da gíria da época, e eu as arreliaava, passando lições impossíveis de serem cumpridas.

Houve uma aluna que me surpreendeu. Um dia, pedi para que escrevessem sobre o circo que estava no bairro e ela descreveu com primor o número da cobra e da dançarina (nesta ordem), muito mais impressionada com o animal do que com a mulher.

Foi a única vez que me enterneci de verdade. A nota máxima que lhe atribuí e a aprovação final com louvor ninguém chegou a entender, tão apagadinha era a menina, jamais destacada para qualquer desempenho nas festividades tradicionais.

Penso naquela nota extraordinária e logo me vem à mente a criteriosa leitura que o meu prezado leitor está efetuando. Terá a mesma contemplação para com meu texto? Serei levado a sério, apesar de não desfilar aqui todas as virtudes, todos os serviços, todos os caminhos para a salvação da alma?

Mário me obriga a conter as lágrimas e me pede para encerrar. Concordo com o mestre, mas não posso deixar de referir-me a outro fato muito importante para esta minha conduta tão diferenciada dos colegas.

Certa ocasião, uns dois ou três anos antes de morrer, lá no centro espírita onde ouvia as palestras e tomava os passes, houve uma reunião mediúcnica para a qual fui convidado. Disse-me o amigo dirigente que eu deveria, pelo menos uma vez, comparecer a uma sessão com os espíritos. Quem sabe, sugeriu-me ele, não estaria em

mim, escondida, a capacidade de me comunicar com os seres de além-túmulo.

Fui com muito medo. Receava que o espírito de meu irmão viesse dizer-me que estava vigiando os meus passos e que não gostara do modo pelo qual tratara os milhares de alunos até a aposentaria. Também temia que o guia do centro pudesse admoestar-me, por me queixar sempre dos magros proventos da aposentadoria, desculpa não só para não contribuir com nada, mas para também ir tomar a sopa que se distribuía entre os pedintes. É verdade que auxiliava no preparo, mas ninguém deixou de perceber com que fito me apresentava para o trabalho.

Nem irmão, nem guia. Apresentou-se uma encantadora de serpentes dizendo-se arrependida por haver maltratado os pobres animais. Dizia que cuidava deles com muito carinho, que os alimentava e mantinha limpos e bem tratados. Entretanto, declarou que fizera muito mal em separá-los de sua criação, pela natureza selvagem que ela sufocou.

Quando me lembrei daquela dançarina da minha infância, me veio instintiva a pergunta a respeito da lascívia da dança, que estimulava a libido dos homens da plateia. Como que tendo percebido a minha questão íntima, disse o espírito que esse era pecado que estava penitenciando há mais de quinze anos.

E mais não disse.

Eu saí dali sem nenhuma empolgação. Deixei de frequentar as palestras, ou melhor, chegava bem atrasado, a tempo de colher o passe que julgava ser reconfortante. Assim mesmo, naquele ambiente sagrado, sentado diante do passista, ainda me deixava perturbar pelas palavras da dançarina, crendo que estava ela sendo injustiçada, porque dera tanta alegria a muitos juvenzinhos inocentes.

Fique o texto para sua reflexão, como a dádiva máxima que pode distribuir este simples professor primário.

25. MEUS BRINCOS DE PÉROLAS

— Olívia, que é que você vai querer ganhar no Natal?

— Brincos de pérolas.

Eu havia acompanhado minha mãe à joalheria para ajustar a aliança dela, que estava muito apertada, e me deixei enamorar por uns brincos lindos da vitrina.

— Não sei se o seu pai vai poder comprar um presente tão caro. Vou conversar com ele.

Quando voltamos para apanhar a aliança, lá estavam os brincos. Minha mãe perguntou o preço e logo foi dizendo-me que não havia qualquer chance de me dar de presente.

Cheia de ideias e de vontade, propus-lhe um negócio:

— Vocês não me compram nada. O dinheiro do presente eu aceito e guardo. E assim vou juntando todo ano um pouco, até chegar a hora de comprar os brincos.

A ideia foi acolhida pela metade. Junto do envelope com determinada quantia, irrisória para a finalidade que lhe pretendia dar, vieram um vestido e um par de sapatos.

Dez anos depois, ainda não tinha completado o valor correspondente. Jamais tocara na economia. Aliás, eu a pus numa caderneta de poupança, com o fito de acrescentar-lhe algum juro, todavia, o meu dinheiro ia sendo corroído pela inflação, de modo que tudo quanto acrescentava não cobria o aumento do preço da joia.

— Mas que falta de lógica! Como é que um par de brincos iria ficar tanto tempo na vitrina?!

Não ficou. Eu é que mantive impresso na mente o desejo de pendurar nas orelhas duas pérolas maravilhosas. Afinal de contas, brincos de pérolas não saem de moda.

Por essa época trabalhava numa casa de família e ganhava um salário mínimo, do qual descontavam uma parte para fazer frente à comida de cada dia. Quando levava o salário para casa, meus pais sempre requisitavam boa parcela para os remédios que tomavam. Foi assim que, um belo dia, meu pai foi internado e eu precisei dispor de toda a quantia guardada para pagamento da conta, numa época em que não tínhamos assistência do governo.

Não adiantou de nada a minha contribuição, porque meu pai acabou por falecer.

De certa forma, a morte dele me ajudou a acumular um pouco mais a cada mês, porque foram cortadas pela raiz diversas despesas.

Já com vinte e dois anos, a pique de ir buscar o adereço, apareceu-me um jovem atraente, que me pediu em casamento bem como as minhas economias, para montarmos o nosso lar.

Nos próximos anos, as despesas de casa impediram-me de guardar um níquel sequer. Só fui poder reservar algum, quando o Roberval desapareceu de casa, levando tudo quanto pôde, indo morar com uma senhorita que lhe dava muito mais dinheiro do que eu, mercê de sua profissão. Acho que já demonstrei em que meu marido se transformou.

Ele só não levou minha dignidade, nosso filho de cinco anos e o sonho de pendurar as pérolas nas orelhas.

Outros doze anos se passaram até que meu filho, devidamente formado no curso fundamental, arrumou emprego, enquanto procurava um clube de futebol onde pudesse demonstrar suas habilidades.

Foi assim que reabri, ou melhor, abri outra caderneta, conseguindo colocar quase a metade do salário de funcionária pública municipal, lotada no departamento de limpeza, por influência da antiga patroa, que tinha por mim uma interessada estima, já que jamais lhe causei nenhum problema com a justiça do trabalho, como via outras empregadas fazendo com as empregadoras.

Foi rápido o crescimento da poupança, chegando mesmo a buscar o preço de um belíssimo par de brincos que iriam contrastar maravilhosamente com a cor negra da pele. Faltava pouco para completar o valor, entretanto, precisei correr atrás de advogado para livrar meu filho da cadeia. Fora preso portando drogas. Nada de emprego, nada de futebol. Ele estava traficando, simplesmente.

Assim que se viu livre, o pássaro ergueu voo e dele só vim a ter notícia pelos jornais, retrato estampado na última página, vergonha infinita para a mãe que dizia a todos que o filho estava profissionalizando-se em um time de outro estado.

Precisava de consolo, sozinha naquela casa, porque minha mãe também havia falecido. Então, uma colega da prefeitura me levou para um centro espírita, onde ela mesma trabalhava nos fins de semana. Eu também poderia ajudar naqueles horários, mas preferi ir à noite, para deixar os sábados e domingos para a igreja. Os padres falavam bonito e prometiam o céu para os sofredores resignados. Parecia que falavam para mim, diretamente. Também gostava de confessar os meus pobres pecados, alguns repetidos da boca para fora, sem coragem já de ajoelhar-me sem ter nada para contar.

Uma vez caí na besteira de dizer que ia ao centro espírita. Precisei rezar quinze terços e prometer que jamais iria tentar o demônio naquela casa de perdição de almas.

Fui despedir-me dos amigos do centro e ouvi deles a recomendação muito ajuizada de que seguisse a minha vocação. Logo me veio à cabeça o desejo de possuir um par de brincos de pérola.

Quando fui saber qual o montante da poupança, percebi que tinha o suficiente para comprar justamente aquela joia com que tanto sonhara.

Entre na loja, perguntei o preço de umas quinquilharias que imitavam brincos, inclusive de pérolas. Escolhi um colar com vidrilhos coloridos, iguais aos que tinha em casa e dos quais gostava

muito, comprei dois deles e voltei para casa com todo o dinheiro que havia retirado da poupança.

Ocorreu-me a ideia de que poderia ser assaltada. Não liguei. As pérolas já não me diziam nada. Não houve assalto. Entrei na igreja, procurei meu confessor e lhe entreguei a quantia toda, pedindo-lhe que rezasse quantas missas fossem pela alma de meus pais e pela salvação de meu filho.

Nunca mais guardei dinheiro algum. Toda sobra mensal levava ao centro espírita, para o fundo da entidade, que distribuía comida aos pobres.

Um belo dia, eu me aposentei. Nunca recebi mensagem alguma de meus pais ou de meu filho, todavia, já do lado de cá, espírito agraciado pela benevolência dos amigos desta colônia por um agasalho imerecido, soube que meus pais estavam bem, reencarnados e sadios. Meu filho, pobrezinho, recuperava-se sob a assistência de um protetor muito severo, que se apresentava a ele sempre vestido como sacerdote, com uma cruz de ouro na ponta do rosário. Era assim que ele se sujeitava ao tratamento.

Eu desconfio de que seja um enviado dos padres que intercederam por meu filho através das missas. Este mistério tenho medo de decifrar. De qualquer modo, não me atrevi ainda a apresentar-me ao coitado, porque me disseram que ele poderá ter uma recaída diante da monstruosidade que cometeu perante o meu afeto e a minha dedicação a ele. Rezo para que logo me deem alvará para abraçá-lo e resolvermos juntos os problemas de nosso passado comum.

Gostaria de dizer agora que trago nas orelhas os famigerados brincos de pérolas, o que daria um toque emotivo a esta narrativa. Mas estaria impingindo uma grande mentira. Desde que aqui aportei, transformei aquelas pérolas em preces pelos irmãos menos felizes do que eu.

Fiquem com Deus e não se esqueçam de sua redatora Olívia, muito auxiliada por todos os colegas e pelo professor.

26. UM HUMILDE SERVIDOR DO CRISTO

O meu desejo maior na vida era o de coadunar os anseios humanos com o supremo desejo de servir a Jesus na qualidade de discípulo, já que apóstolo não poderia ser porque todas as doze vagas estavam tomadas.

Tornei-me estudioso das sagradas escrituras e adquiri a propriedade de discorrer sobre todos os temas bíblicos, guardando de cor os textos das duas escrituras.

Tal habilidade me favoreceu o ingresso no seminário, de onde saí vários anos depois com as ordens devidamente tomadas. Não desejei jamais o clero secular, de sorte que a vocação ao claustro se satisfez plenamente na Ordem dos Franciscanos.

Parece óbvio que suplantei todos os falsos conhecimentos adquiridos no retiro espiritual e que hoje me dedico com afinco ao aprendizado da teoria espírita, conforme os ensinamentos que os espíritos de luz forneceram a Kardec. Acrescente-se a experiência atual como fonte perene de comprovação e ter-se-á a exata noção de que o meu desiderato moral recrudescer, havendo aumentado muitíssimo a convicção de que, sem verdadeira humildade, ninguém consegue alcançar sequer o noviciado cristão na qualidade de servidor.

Valho-me da facilidade do pensamento ortodoxo haurido nos anos de meditação, para afirmar peremptório, com Jesus, que aquele que deseja ser o primeiro entre os melhores tem de ser o servidor de todos.

E o que faz entre os pobres amigos desta *Equipe do Eterno Regresso* tal sumidade?

Venho para demonstrar que cuidei de mim exclusivamente. Fechei-me num egoísmo religioso de alto prejuízo. Desvirtuei a tese do serviço puro e desinteressado, julgando que iria pairar acima do

comum dos mortais, logo requisitado pelo Senhor para trabalhar junto às ordens do Arcanjos e dos Querubins.

Preciso esclarecer que, desde sempre, não me considerei suficientemente apto a exercer o papel dos santos. Esta assertiva é absolutamente honesta, já que não interpunha entre mim e os necessitados os fluidos e vibrações que transformariam a realidade tangível em algo sobrenatural, tendo como resultado algo que seria contado entre os milagres, característica mais assinalada de quem recebe do papa a insigne honra da santidade.

Mas não foi por falta de tentar, uma vez que muitas horas de orações dediquei à súplica para adquirir a capacidade de intervir no mundo físico, através do poder de cura ou de transformação que Jesus ensinou aos apóstolos, tanto que muitos deles executaram milagres deslumbrantes, ao menos para mim, que não notava a inveja crescente, opondo ao mau sentimento a fórmula poderosa da vontade soberana de Deus, que saberia agasalhar-me no reino, no momento oportuno.

Essa aspiração resulta, agora, do conhecimento da verdade, contudo, não mais se trata de estulto desejo de superação dos males espirituais pela operação de um milagre. Agora todos nós sabemos que muito teremos de evoluir, através do estudo e do trabalho em prol dos semelhantes, para alcançarmos cumprir o dever mais importante que Jesus nos pregou: o de amar ao próximo como a nós mesmos, incluindo aí até os inimigos.

Qual é a minha aspiração atual?

Reencarnar-me para enfrentar de novo a pequenez do caráter, aplicando, se possível, os conhecimentos recentemente adquiridos, auxiliando os necessitados, com a certeza íntima de que estarei acumulando riquezas onde a traça não rói etc.

Resta informar que meus parceiros já não me atribuem nenhuma qualidade acima da média da turma. No início, a empolada maneira de expressar-me, com certo rigor enfatado, causava temor nos que não se lembravam de terem tido, em qualquer das

existências carnis, estudos de caráter superior. Como, aos poucos, lhes revelava que tivera em vida a modéstia como objetivo moral, iam compreendendo que esse era o real defeito de minha personalidade.

Conservo, se bem que de forma crítica, a modalidade de escrita que inseri profundamente na mente. Estou tentando simplificar os dizeres, ou seja, a expressão dos pensamentos. Talvez não tenha conseguido, porém, com certeza, estou passando aos leitores a impressão de que é preciso sempre orientar o estilo para a formulação esquemática dos temas, sem apelos à dramaticidade retórica das composições extremamente cerebrinas.

Por último, antes que me censurem os arremessos justamente no campo a que voltei a minha condenação, preciso referir-me ao fato de que não é o texto em si que nos abate o ânimo, mas a formulação de sentimentos fúteis e de ideias não totalmente condizentes com a verdade evangélica. Afinal de contas, as ciências existem também deste lado e elas contêm raciocínios muito sutis que precisam ser enunciados através de vocabulário especial.

Em Roma, como os romanos; não é verdade? Entre os médicos, o jargão da Medicina. Entre os estudiosos da espiritualidade, a expressão mais despojada possível dos adereços subliminares dos que se sentem um pouco mais adiantados.

Podem acreditar que o resultado desta transmissão é o fiel retrato de meu espírito, imagem que não gostaria de ver refletida na comunicação, mas que pode vir a ser elucidativa para quantos estão procurando caminhos para a ascensão preconizada pelo Criador, que fez a criatura simplesmente perfectível.

Em tempo: Matias foi o escolhido para substituir Judas Iscariotes¹.

¹ *Atos dos Apóstolos*, 1:26.

27. SEM PENA DO MÉDIUM

Era como aspirava um dia transmitir minhas comunicações do etéreo, já que, por meu intermédio, muitos sofredores transmitiram vibrações pesadas, deixando-me exausto a cada noite de trabalho mediúnico, no centro espírita.

Fique bem claro que não pretendia, de fato, chegar a esse ponto, porque significaria que estaria numa área da erraticidade destinada aos espíritos inferiores. No entanto, dizia aos colegas que me desferraria, assim que pudesse, e todos riam, pensando que se tratava de mera facécia.

— Eles não têm pena de mim. Não vou ter pena também.

Ajudava nas tarefas mais sacrificadas das sessões, recebendo os obsessores mais empedernidos, dando-lhes voz e gestos, trejeitos faciais, incapaz de fazer-me respeitado. Não fossem os diversos diretores de reunião interferirem, com a ajuda dos mentores da espiritualidade, e eu talvez me visse possuído.

Já do lado de cá, o pouco que havia de desejo de realizar a promessa insólita terminou na primeira vez que me levaram a presenciar uma reunião mediúnica daquele tipo. As criaturas eram tão horrendas, tão miseráveis, tão de dó, que, pela primeira vez, deixei escorrer lágrimas sinceras de compaixão.

Quando vivo, muitas vezes encarava tais entidades como via os facínoras e criminosos, cujos rostos se estampavam nas páginas dos jornais escandalosos, juntamente com a descrição de seu caráter e a narração de seus feitos macabros.

Não preciso dizer que algumas daquelas faces se reproduziam nos rostos dos sofredores à minha frente, quase sempre fluidamente atados para não causarem danos aos incautos e ingênuos. Não senti medo, jamais, acreditando-me resguardado

pelos guias e protegido pelo meu passado de esforços contínuos para prestação de serviços tidos por mim como evangélicos.

Eis porque hoje não me aventuro a provocar nenhuma reação intempestiva do escrevente que me apanha o ditado. Com certeza, não estou passando-lhe toda a segurança a que se habituou com as mensagens de criaturas melhor aparelhadas que eu. Mas também não estou pressionando-lhe a mente para formular o quadro de meu estado espiritual.

Eis tudo, no que tange ao que pretendia escrever a respeito da mediunidade. Passo agora a outro ponto igualmente importante para mim: o fato de não ter conseguido convencer nenhum dos parentes mais chegados a iniciarem-se, ao menos, na doutrina espírita. A esposa levou os filhos para a Igreja Católica. Meus irmãos frequentavam templos protestantes, com exceção de um que se dedicava aos trabalhos e obrigações em um terreiro do Candomblé. Meus pais partiram para cá bem cedo, aqui chegando sem nenhuma preparação quanto à realidade que enfrentariam, tanto se afeiçoaram à ideia de que iriam festejar com os anjos sua entrada no paraíso.

Era o único a manter-me íntegro e fiel a Kardec, com as restrições já apontadas. Não era estudioso, pois gostava da parte prática. A leitura nunca foi o meu forte. Quando a turma se reunia para as discussões filosóficas, eu ia providenciar o café, ou arrumar os livros da biblioteca, ou preparar o material para a próxima exposição. Até ir tirar o pó dos móveis era desculpa para não permanecer ao pé dos estudiosos.

Durante a vida, acreditava-me com inteligência inferior, julgando que apenas quem não raciocinava muito é que tinha condições de receber comunicações que significassem o exato pensamento do espírito.

Houve até um dia que ousei sugerir isso aos colegas, mas precisei ouvir que determinados médiuns com extensa produção psicografada impressa, com muitas edições de largas tiragens, não

poderiam ser tidos na conta de insignificantes quanto ao intelecto. Ao contrário, disseram-me que, quanto mais inteligente e culto, maior o domínio que exerceriam sobre os comentários dos espíritos, não permitindo que os menos habilitados pudessem oferecer contribuições de caráter inferior. E comprovaram-me com passagem que encontraram em Kardec naquele mesmo instante.

O que me impressionou mais no episódio foi o fato de que o amigo que encontrou a referência o fez automaticamente, abrindo o livro na página certa, como que impulsionado por mão invisível. Não me ocorreu que suas palavras é que poderiam estar sendo inspiradas, o que seria mais lógico de admitir, já que sempre existe a possibilidade de abrir-se um livro em determinado ponto, quando existe muita familiaridade com o conteúdo.

Perguntei ao frade da mensagem anterior se ele teria considerado o fato milagroso, quando vivo, e ele me respondeu:

— No exercício de meu sacerdócio, não veria no episódio nada que recomendasse a canonização do autor. Contudo, se ocorresse em momento crucial da comunidade, perante todos os paroquianos e mais o clero presente, com certeza iria enfatizar a ajuda extraordinária de Deus, que estaria, sem dúvida, para mim e para os outros, por trás de semelhante proeza. Mas não deixaria de notar que as palavras que acompanhariam o gesto estariam sendo sopradas pelo Alto.

Achei que não estava sozinho na minha interpretação esdrúxula e elementar, satisfazendo-me a análise de que, provavelmente, estaria certo na conclusão de que os menos inteligentes estariam mais aptos a captar comunicações mais grosseiras. Se tivesse exposto tal pensamento, acho que ninguém me contestaria. Mas a tal resultado só vim a chegar muito tempo depois, em outra condição existencial.

Quero deixar claro que foi esta presuntiva conclusão que me trouxe perante o leitor, porque tal esclarecimento pode chegar de forma oportuna a alguém que se satisfaça lendo textos menos

importantes, como os nossos, tantas são as pessoas que se enfaram com os silogismos do codificador, o que tive bastante tempo para lamentar no que se referiu a mim mesmo.

Em suma, relendo todo o texto agora transcrito, acho que verdadeiramente aqui estive sem nenhuma pena do médium.

Orem por mim, por favor.

Mui modestamente,

Claudionor.

28. COMO AS FASES DA LUA

Explico-me.

Saí da Terra crente de que tinha sido volúvel. Um dia, era um vestido, logo no seguinte, outro, sempre muito contente com as mudanças. Uma que outra vez, faltaram-me recursos e precisei repisar a mesma roupa, cheia de preocupações com o futuro. Nunca, porém, me deixei embalar por pessimismo, sempre pronta a receber as dádivas de Deus com alegria e boa vontade.

Quando aqui cheguei, intrigava-me o fato de não haver caído nas correrias do báratro. Aliás, jamais cheguei a desconfiar de que mereceria o regalo desta convivência amiga, entre pessoas de tão elevado teor moral.

Era religiosa mas não me apeguei a nenhum santo em particular. Desconfiava de todos, no sentido de que não me habituaria a ficar presa às recomendações infundáveis do “faça isso, não faça aquilo, porque é perigoso para a sua saúde espiritual”. Adivinhei o processo saudável da evolução infinita, confiando plenamente em que Deus é misericordioso e vela por todas as criaturas.

Achava, todavia, que minha inconstância iria pesar-me consideravelmente, já que não admitia como certo estar a preparar-me todos os dias para aparecer em público de forma a surpreender pela novidade.

Agora é que me veio à mente a Lua com as suas fases. Não existe nada nela que não seja absolutamente natural, tanto que, do ponto de vista dos terrenos, aquelas fisionomias lunares mais não são do que sua posição relativamente ao Sol, que projeta sua luz sobre o satélite e produz a sombra que lhe dá os diferentes aspectos.

Eu era simplesmente natural. Tudo que fazia reflexionava a tendência psíquica que me era inerente. Não fazia por maldade. Quero crer que bem poderia passar a vida toda com apenas um costume. Talvez lamentasse não possuir outros, mas não iria concentrar minha vontade de realizações nos diversos campos de atuação vital com o prejuízo de um fator meramente externo.

Eis-me aqui a favorecer a reflexão dos amigos encarnados, sem a contrapartida das revelações apoiadas em episódios.

Se disser que amei a um homem e me casei com outro, isso terá alguma importância?

Só a da ilusão de que poderia ter sido feliz de maneira diferente.

Quer dizer que não amei o meu marido?

Não de forma apaixonada, arrebatadora. No entanto, dei-lhe quatro maravilhosos filhos, estes, sim, jamais relegados a segundo plano. A todos amei igualmente, o que me faz pensar em que é possível querer bem a mais de um homem, mantendo-se a fidelidade ao sentimento de preferência à aliança conjugal.

Onde estarão aqueles dois homens neste momento? Serão espíritos livres? Ou estarão disputando-me em encarnada luta?

Como estas questões são periféricas! Do ponto de vista humano, quem sabe alguém possa desconfiar de que estejamos contemplando uma situação falsa e desagradável. Contudo, nós convivemos em harmonia, uma centena de espíritos mais ou menos adiantados que compartilharam muitas existências carnis juntos, ora na condição feminina, ora na masculina, seja formando duplas, seja formando triângulos, quer na condição de cônjuges, quer na de pais e filhos.

E essas alternâncias são absolutamente naturais, como as fases da Lua.

O sexo não é uma ilusão como prática, mas não deve ser considerado como armadilha moral que nos encaminhará ao fogo crepitante dos infernos, para o resto da eternidade. Entendi isto de

uma vez por todas quando aceitei a perda do homem que amava, recebendo um outro que passei a respeitar, a admirar e também a amar. Compreendi que o coração das pessoas tem a capacidade de enternecer-se durante toda a vida e que tive a sorte de meditar a respeito, tendo em vista o meu caso pessoal.

Gostaria de encaminhar de forma original este apanhado de impressões pessoais, porém, não tenho desenvoltura de escritora e peço ainda pela vontade de cambiar de estilo a cada momento, como trocava de roupa. Valha-me a compreensão de que estou trabalhando para eliminar os defeitos e adquirir as virtudes.

Não é isso que é o mais importante, principalmente se considerarmos que a aquisição das virtudes se reflete nas obras de benemerência provindas do amor crescente que irá conduzir à plenitude da verdade?

Deus esteja com todos nós, em nossas almas, abençoando-nos todos os atos em prol dos semelhantes!

29. NA HORA H

Sempre que me vi perante algum grave problema, alguma situação delicada e até mesmo um fato novo sem grande importância, na hora H, perturbava-me e toda a arrogância de quem se julgava suficiente e capaz de enfrentar qualquer coisa ruía, desatinando-me a ponto de somatizar as frustrações, o que me fez adquirir várias enfermidades.

Foi assim com tudo, até que conheci os trabalhos em um centro espírita.

Ali entrei temeroso de que iria sofrer a desdita de novos insucessos, todavia, fui recebido tão amavelmente pelos dirigentes e também pelo corpo de guias espirituais, conforme me asseguraram na primeira sessão mediúnica a que compareci, que me vi, de repente, em um mundo completamente diferente, como se houvesse adquirido nova personalidade.

De fato, ao deparar-me com as tarefas rotineiras de ajuda ao próximo, humildes serviços prestados quase sem esforço, como limpar um pé de salada para o almoço ou remover a sujeira do pátio, deixava-me impregnar pela elevação evangélica que se traduzia em oferecer de mim com compaixão e sem egoísmo. Esses trabalhos miúdos é que me serviram de ponte para alcançar a limpeza da alma.

E o que era que estava atrapalhando-me a desenvoltura?

O medo de ser tido em conta de pessoa sobremodo inferior, já que não conseguia realizar as tarefas sociais a que me submetia como forma de cristalizar na mente dos parentes e dos amigos que era um ser de boa formação espiritual e intelectual. No fim, as doenças que me acometeram nada mais eram do que o modo

errado ou sacrificial de *sobressair-me*, já que chamava a atenção sobre mim.

Não foi, contudo, como um passe de mágica que me regenerei. Foi preciso conquistar pedacinho por pedacinho aquele terreno inóspito de minha personalidade claudicante. Somente depois de alguns anos é que pude enfrentar as dificuldades com denodo, a ponto de vencê-las ou contorná-las com inteligência.

Imaginem vocês, amigos, estar aqui nesta escola, sendo arguidos e solicitados a apresentar uma redação conclusiva a respeito do pior defeito e da maior vitória da existência, que, em suma, é o tema deste grupo. Não é para deixar a pessoa, pelo menos, com a perspectiva de realizar algo não totalmente fecundo, em função do objetivo de oferecer aos leitores algo que possa dar-lhes motivos para reflexão?

Pois não hesitei, desta vez, tratando deste assunto com a máxima facilidade, já que me dei ao trabalho ainda vivo de examinar conseqüentemente o principal embaraço para a conquista de um lugar ao sol. Eis a lição que gostaria de deixar impressa, ou seja, que sempre é bom dedicar um tempo para a fiscalização dos medos, dos temores, dos anseios e das angústias, quando se adquire a consciência de que julgamos possível executar tudo, sem, todavia, lograrmos êxito.

Analisem a frase: “julgamos possível executar tudo, sem, todavia, lograrmos êxito”. Não é verdade que se apresenta bastante confusa? Pois é o exemplo vívido do que pretendo demonstrar. Se tenho afirmado que não hesitei e que tudo me veio de modo bastante ágil e escorreito, como é que, de repente, me vejo em papos de aranha para expressar um simples pensamento? Pois agora tenho a oportunidade de corrigir e melhorar o texto, dizendo que muitas vezes pensamos estar capacitados a executar qualquer coisa, mas, na hora H, os pensamentos se cruzam e as emoções se intensificam, a mente fica nublada e a vontade de realizar o melhor possível desanda, sob a influência perniciosa de que não estamos

habilitados para a tarefa, principalmente por sermos de fato paupérrimos culturalmente (no caso em tela).

Outro aspecto importante para caracterizar a minha falha psíquica se concentra na ansiedade da prontidão, quer dizer, no desejo veemente de fazer tudo em um instante, como um prato de restaurante que chega à mesa um minutinho depois de solicitado. Eu gostaria de evidenciar aptidão e presteza para qualquer serviço, do mesmo modo que os leitores podem ter a impressão de que este ditado está sendo estruturado neste preciso instante da comunicação mediúnica.

Se ainda estivesse sob a diretriz do condicionamento que me atezou tanto tempo, com certeza esta mensagem não chegaria a compor-se. Dediquei-me, porém, a suplantar as deficiências inúmeras em todos os setores mentais em jogo, de sorte que estou podendo usufruir a paz necessária para apresentar o resultado de longo período de redação, cheio de correções e substituições.

A última observação também quero ressaltar como importante, isto é, que também é preciso saber qual é a hora H de encerrar, ou o mensageiro acaba tornando-se excessivamente descritivo.

Gostaria de terminar com uma graça e um agradecimento, mas faltam-me os recursos da improvisação, já que estou tendo esta intuição neste exato momento. Fique, então, o aviso de que nem tudo o que se pretende fiel ao pensamento se consegue exprimir através das palavras.

Graças a Deus!

Belarmino.

30. A NOSTALGIA DA CARNE

Tenho acompanhado os trabalhos do pessoal desta minha *Equipe do Eterno Regresso* e venho analisando os sentimentos que se revelam nas mensagens. Tenho para comigo, talvez por ser esta a diretriz principal de meu procedimento, que existe, no fundo de cada personalidade, uma espécie de saudade dos tempos em que perambulavam pela Terra. Desde o nome adotado para o grupo, já se pode perceber que a classe aspira por retornar à carne, ainda que seja através destas comunicações íntimas.

Eu mesmo não posso criticar tal atitude, porque, desde quando integrava o corpo diretivo de um centro espírita, desenvolvi a tese de que o homem vive para resgatar débitos, criando compromissos cármicos cuja natureza corresponde à inferioridade própria dos habitantes do planeta, o que gera constante necessidade de regresso ao ambiente físico.

Muito embora compreendesse a existência obrigatória dos sofrimentos advindos da inexorabilidade da morte, na qualidade de espírita convicto sublimava a dor moral, substituindo tal impressão desagradável pela ideia fundamental da doutrina, ou seja, pelo reencarnacionismo. Passava, assim, a considerar a somatória dos prazeres e das dores e, com Jesus, concluía que os sofrimentos do parto são largamente compensados pela alegria da prole.

Por isso, ia levando a vida, trabalhando intensamente em prol dos assistidos pelo centro, desleixando bastante a família, pouco importando-me se não iam os parentes conquistar, por meu intermédio, as virtudes que lhes faltavam. Dava palestras e enfatizava a principal divisa dos espíritas: *fora da caridade, não há salvação*, contudo, não me sentia inseguro quanto ao desempenho junto àqueles a quem devia maiores cuidados, porque punha nas mãos misericordiosas do Pai a salvação de todos, aspirando mui

secretamente obter novas oportunidades de trabalho efetivo no campo da matéria, quando, pensava eu maliciosamente, teríamos maior domínio da mente, podendo realizar de forma bem mais cabal a transformação das almas.

Não nego que este discurso esteja impregnado de recriminações muito sutis, no que respeita aos amigos responsáveis pelas casas de benemerência sob a égide da doutrina de Kardec. Mas não estou desejoso de demonstrar nada. Apenas cito o meu caso particular e suas consequências espirituais, para amavelmente advertir para o problema. Longe de mim desejar impor-me em campo tão profundo e tão complexo.

Resta considerar a observação que fiz relativamente aos colegas de grupo. Evidentemente, após algumas aulas em que o debate do tema acendrou as ideias, todos concordaram com a perspectiva ideológica que levantei, opondo, todavia, a concepção de que a tal imperfeição apontada ainda está atuante em nossa psique, porque, mesmo no etéreo, a realidade é fortemente tangível para nós, como se vivêssemos no mundo dos mortais. Disseram-me que a nostalgia a que me referi não era propriamente da vida terrena, mas da liberdade de praticar abusos aqui absolutamente impossíveis.

Considerarei muito justas as ponderações e acresci outro fator importante: nós sabemos que não podemos abusar na erraticidade, pois estamos com a memória fresca dos acontecimentos que nos envolveram nas trevas, durante a caminhada inicial para a ascensão a este patamar. Ora, o receio de resvalar novamente para fora da colônia, caindo naquele ambiente pesado das vibrações ruins, tem como fundamentos dois prismas essenciais da existência etérea: primeiro, não seria uma recaída propriamente dita, mas a confirmação da inferioridade espiritual; segundo, haveríamos de enfrentar séria crise moral por causa do arrependimento e do remorso de perder as regalias da paz, da fraternidade e do auxílio que recebemos neste local de estudo e aprimoramento.

De qualquer modo, meu ponto de vista foi levado em conta e muitos parceiros passaram a considerar melhor a hipótese de livrarem-se dos débitos aqui mesmo, esforçando-se por tornar amigos os desafetos, através de influência mediúnica ou fluídica, priorizando a conquista dos valores em falta para a ascensão incoercível dos bons aos páramos da bem-aventurança.

Quanto a mim, tento impregnar-me desse ideal supremo, que nada mais é do que a consagração da tese evolucionista, fundamento do Espiritismo.

Pensem comigo e não deixem de considerar a importância do desejo de permanecer encarnados para o desempenho das ações que visem à melhoria espiritual.

Um derradeiro aviso: caso não se julguem sagazes para a descoberta de males psíquicos de tanta astúcia ou se sintam imunes à nostalgia aqui descrita, de qualquer modo, elevem o pensamento a Deus e realizem sua melhor prece, agradecendo toda a ajuda recebida ou o discernimento adquirido, sem se esquecerem destes amigos, que muito vêm lutando para transformar as vibrações humanitárias, que estamos aprendendo com o Professor Mário, em textos proveitosos e lúcidos.

Fiquem com Deus.

Eduardo.

31. NITRATO DE PRATA

Para mim, o mistério. Diziam os meus maiores que era para aplicar o nitrato de prata, produto cuja natureza sempre desconheci, mas cujo nome soava aos meus ouvidos como a palavra mágica da cura absoluta de qualquer moléstia.

Eu era assim. Não aceitava pacificamente as explicações mais claras e pungentes, no entanto, deixava a fantasia absorver-me todo o conteúdo mental, de sorte que os bens materiais me pareciam afastados totalmente da praticidade dos atos comuns. Eram o orgulho e o egoísmo que me faziam ufano do meu intelecto, sem máculas na intimidade de meus raciocínios pelo avesso.

Ainda hoje soletro a palavra ecumenismo como sendo a pureza dos sentimentos de todos os comandantes religiosos. Não lhe fui ao enalço do significado, pois me bastava saber que havia gente importante incentivando o roteiro do amor e da luta pela verdade.

Temo não ter total domínio da expressão e, por isso, me afasto dos companheiros na hora das discussões. Reservo-me, a demonstrar modéstia, sem o intuito, porém, de me pôr a par dos temas e suas implicações morais e filosóficas. Tenho para mim que o verso da medalha sempre conterà o prisma mais importante, de modo que, pelo contumaz receio de falhar na adoção de um ponto de vista ponderado, coloco a desconfiança de que nem tudo está sendo ventilado, apelando para a fé no desenvolvimento espiritual prometido para todos.

Empaquei, deveras, durante muito tempo numa teimosia atroz, tanto que esbarrei nos conceitos mais elementares e não pude compreender os mecanismos naturais do vaivém reencarnacionista. Isto ainda encarnado, quando analisava o teor das palestras e o mérito dos palestrantes pela rama. Assustei-me ao comprovar que a morte me surpreendeu despreparado, muito

embora houvesse reflexionado a meu modo nos últimos quinze anos da existência terrena.

Falto de princípios calcados na mente sob os argumentos sadios de Kardec, achei-me também vinculado a um mundo de fantasmas deprimidos. Transferia os sentimentos para os seres alados com que preenchia o vácuo e dava-lhes as tenebrosas cores das profundas cavernas por onde reverberavam as angústias dos sofredores.

O melhor de tudo para mim foi o despertar do desejo de amainar as dores expressadas pelos gritos e pelos improperios. Sabia que sempre poderia contar com o auxílio dos poderosos guias e protetores, mas, da mesma forma que não entendia como é que o nitrato de prata poderia curar, ali também suspeitava de que existiam anjos para efetuar a salvação dos condenados.

E não era porque não orasse. Orava e muito, porém, não atinava com o significado mais profundo das expressões sagradas dos textos que conhecia de cor. Enquanto repetia os termos, como que a esfregar a casca do tronco, não deixava de pensar que tinha de retirar o saboroso palmito de dentro, examinando as minhas ânsias como únicos pontos importantes em toda a criação. Orava mas não pensava em tornar a prece a alavanca para arrancar-me do atoleiro, onde me sentia afundar-me cada vez mais.

Até perceber que precisava criar no fundo do coração as virtudes primordiais da fé e da esperança, não alcancei elucidar-me quanto ao fato de que a prática da caridade não traz a salvação, sem que haja a internalização na personalidade não só do conceito exato mas também do sentimento correspondente ao ato em prol dos que se debatiam na escuridão.

Pretendi exasperar o meu caro leitor com a nebulosa descrição do meu caráter, enquanto ser oculto nas trevas da ignorância. Tentei demonstrar-lhe que a clareza do entendimento dos textos evangélicos é mínima parte da compreensão que deve existir do âmago das lições ditadas por Jesus. Também me esforcei para

condensar as lacunas de interpretação, como forma de envolvê-lo nos emaranhados das sutilezas doutrinárias, como a pobre mosca presa aos fios gosmentos tecidos pela aranha da dúvida e da malversação dos recursos intelectuais.

Aspiro a facilitar a utilização do nitrato de prata, mas quero enfatizar que todos devemos estudar a química, para saber como se dão as reações dos elementos em face uns dos outros. Além disso, é preciso conhecer em que sentido os resultados são bons e em que sentido são maus. Não basta dizer que Deus é pai de infinita misericórdia e que Jesus é o divino mestre. Necessitamos sempre respeitar-lhes a perfeição, porém, buscando entender como nos será possível melhorar-nos com a aplicação racional e emocional da misericórdia de que somos alvos e dos ensinamentos que herdamos.

Fique hermética esta dissertação o mais possível, porque não temos como abrir as portas da felicidade. Temos a chave, mas precisamos orientar-nos para entender como é que funciona a fechadura. Por enquanto, estabeleçamos que não iremos oferecer os comentários mais preciosos e elucidativos. Por enquanto, aceitemos que as imagens substituam os dizeres precisos e exatos.

Haverá um dia que conversaremos ao pé do fogo da compreensão, embalados pela nostalgia do amanhã, para onde destinamos todos os nossos sonhos de pureza e harmonia. Velemos, enquanto isso, para que o amor dos nossos maiores nos aplique aquele nitrato de prata da cura espiritual.

Graças a Deus!

Aristides.

32. A VISÃO NOTURNA

Pretendi ter a capacidade de enxergar no escuro. Acabei cego pelas loucuras que pratiquei contra os meus olhos.

Só esta introdução deveria bastar para prevenir os leitores quanto à imprudência dos sonhos contra a natureza. Na verdade, precisei acostumar-me a sentir o ambiente com os demais sentidos, para o que os desenvolvi muito mais do que o comum da gente. Mas esta é história que qualquer cego poderia vir contar.

Quanto a mim, o que me caracterizou a existência carnal foi um apego absurdo à teimosia, pois não admiti nunca que fora o culpado da desgraça que me abateu. Aliás, cheguei ao ponto de afirmar que não haveria outro meio de obter o que pretendia, pois a falta da visão era como o mergulho na escuridão mais absoluta, o que me facultava imaginar todos os ambientes e todas as pessoas.

Também no plano das conquistas espirituais, quedei totalmente impossibilitado de enxergar um palmo adiante do nariz. Aferrei-me num materialismo obtuso e só via a vida como a resultante das tendências deterministas do cosmo. Por isso, impedi minha inteligência de aceitar Deus e a religião.

Como vim parar neste meio feliz e adiantado?

Ocorre que, apesar de tudo, não pratiquei o mal. Apesar da limitação física, abria a bolsa para o socorro dos infelizes. Não acreditava nos espíritos, porém, auxiliava como podia nas campanhas de assistência aos necessitados. E tinha longas conversas com a criançada, porque a palavra fácil me favorecera a criação de histórias cheias de aventuras, com heróis corajosos e donzelas belíssimas.

Ao meu lado, durante muito tempo, minha irmã, que me guiava pelo mundo dos videntes e que tinha muito medo que eu praticasse contra a vida a mesma insensatez que me tirara a visão. A

ela dedico este pequeno esboço biográfico, a ela, que ascendeu a paragens mais felizes e evoluídas, mercê do muito sacrifício com que resgatou os poucos débitos que tinha para comigo e para com a espiritualidade.

Quando aqui cheguei, procurei-a por toda a parte, desejoso de lhe ouvir de novo a voz paciosa e terna orientando-me a caminhada. Mas batia com a cabeça contra as paredes, cego ainda, inconsciente de que tinha morrido. Essa infernal condição durou até o dia em que me sentei no chão e me pus a meditar a respeito do fato de estar voltando a uma situação conhecida, ou seja, a um momento anterior à encarnação, quando admiti a hipótese de crescer moralmente dentro de um lar terreno onde seria agasalhado com amor e carinho.

A lembrança da existência na erraticidade foi que me despertou para a realidade atual. Achei que não precisava mais manter-me longe da luz e abri a mente para a aceitação da vida de além-túmulo. Foi como tirar a espessa venda com as mãos. Mas foi aí que comecei uma correria desenfreada pelos rincões estranhíssimos que criava, já que me deixei envolver pelo forte arrependimento de ter perdido a oportunidade de melhorar-me espiritualmente.

O que me salvou e me conduziu para este lugar?

As historinhas que fui relembrando, porque falavam das virtudes masculinas e femininas. Aos poucos, pude conceber as alegrias infantis dos irmãozinhos e atinei com o fato de não ter sido inútil a minha peregrinação. Foi nesse ponto que pude receber a companhia de um grupo interessado em me demonstrar reconhecimento, justamente alguns daqueles seres a quem havia feito o bem (e aqui cabe a expressão inteiramente), sem olhar a quem.

Hoje partilho desta felicidade de informar mediunicamente aos encarnados como todos podem superar as deficiências físicas ou

morais, para fazerem jus a uma paz interior que lhes dará tranquilidade para os estudos e para a prática do socorrismo.

Especificamente aos que estão impedidos de ler com a vista esta manifestação, recomendo que pensem positivamente numa restauração através das obras de benemerência, não dando jamais trela àquela vozinha da consciência que não aceita a justiça divina tal qual se apresenta aos mortais. Não caiam também na armadilha de acusar os malfeitores, como se os crimes que cometem se originam no fato de terem todos os sentidos intactos, afirmando que, se fossem cegos, não procederiam desse jeito. A maldade está na alma e todos devemos precaver-nos contra as formas que adquire, pois se disfarça, inclusive, com fantasias de ateu.

Qual Diógenes com sua lanterna, houve um tempo, nas cavernas da ignorância, em que buscava um espírito puro, dando-lhe as características da perfeição. Devo ter passado perto de Jesus e o deixado para trás, porque a minha concepção não brindava as melhores qualidades, uma vez que não possuía eu os méritos que buscava nos outros. Essa a pior cegueira.

Estejam onde estiverem, amigos, sempre encontrarão caminhos seguros para virem a ser recebidos em festa pelos seres que os antecederem na espiritualidade. Sejam felizes!

Antenor.

33. A TEIA

Ardiloso, montava as armadilhas em que pegava os incautos. Fazia-o por princípio, ou seja, gostava de aprisionar os infelizes para considerar-me superior a eles. Era a minha mais forte tendência psíquica e isso me custou algumas dezenas de anos afastado de qualquer ser no mundo dos desencarnados.

Mas não quero adiantar-me. Preciso, antes de chegar aqui, contar a proeza que me marcou perante a sociedade humana de forma indelével.

Tantas aprontei sem consequência que, um mau dia, tive a oportunidade de executar cabal demonstração de minha habilidade. Foi por ocasião de uma festa nacional em que as atividades cessam quase por completo.

Achei que poderia dar um golpe definitivo para a minha independência econômica. De posse da chave da firma onde trabalhava, esgueirei-me pela madrugada e entrei no prédio, ficando à vontade para perpetrar as mudanças de escrituração que implicariam em desvio financeiro para determinada conta bancária que havia aberto com nome falso.

Não quero engrandecer-me com o crime, porém, necessito dizer que as contas da falcatrua só foram descobertas no final do ano, quando já havia recolhido o fruto, pobre fruto, da apropriação indébita.

O problema foi levantado sem, contudo, ser solucionado. Buscou-se inutilmente quem poderia estar por trás da falcatrua e tudo terminou sendo abafado pela diretoria, cada um desconfiando dos demais, ninguém pensando em mim.

A urdidura tinha sido tão inteligente que a firma se desfez por falência, acabando por se despedirem os funcionários, sem se ressarcir a nenhum dos prejuízos salariais e morais. Como todos,

entrei na Justiça do Trabalho com representação contra os donos, exigindo os meus direitos.

Já se vê que a minha vida deu uma guinada muito forte para a área dos benefícios materiais. Imaginei-me dono de uma loja em ponto de grande movimento, requeri empréstimo protocolar num banco oficial e apliquei a soma das importâncias no negócio, favorecendo o que hoje se conhece como *lavagem de dinheiro*.

Dei emprego a quinze pessoas e introduzi-me na sociedade dos empreendedores. Os lucros, evidentemente, superaram as minhas expectativas, de sorte que pude prestar contas ao fisco, sem forjar notas fiscais e sem burlar a contabilidade, da qual me encarregava com particular denodo. Tudo fiz como se a realidade estivesse sendo retratada de modo perfeito e coerente.

Foram dezoito anos de gozos inenarráveis até que me deparei inválido numa cadeira de rodas. Não foi o destino; foi o abuso da natureza, como se meu poder estendesse ali também a minha teia. Estava lúcido mas impedido de me mexer.

A medicina deu o veredicto fatal da impossibilidade de reversão do quadro. Disseram-me que havia os encantadores, os adivinhos, os magos, os feiticeiros, os que tinham pacto com os demônios. Achei que poderia obter o benefício da cura, sem pagar com a minha alma, muito menos com a fortuna que guardara.

Evidentemente, depois de ser empurrado de terreiro em terreiro, sem resquício de cura, terminei nas mãos de um curandeiro espírita, desses que incorporam médicos e realizam verdadeiros milagres. Para mim, não houve milagre, entretanto, me vi às voltas com um grupo de médiuns que davam sustentação ao trabalho de cura, os quais reservavam para os que não obtinham saúde o agasalho das preces e do interesse pela prática amorável do bem. Em suma, de repente, empurrado pelo enfermeiro, estava frequentando uma casa espírita, ouvindo palestras, participando de um círculo de estudos das obras de Kardec, com a curiosidade aguçada para as teses da existência após a morte.

Não havia como não se chocarem no meu íntimo as coordenadas antigas com as novas. Tal descrição, porém, vou eximir-me de fazer. Para encerrar o episódio na carne, vou referir-me ao voto que fiz de devolver à humanidade tudo quanto dela havia roubado. Na prática, desfiz-me das propriedades de forma inteligente, quer dizer, abri o capital e transformei as firmas em sociedades anônimas, distribuindo as ações que me couberam entre os empregados, realizando vendas cujos resultados pecuniários destinei à casa espírita. Enfim, abri mão do processo em vias de conclusão e absolvi legalmente os antigos patrões, ou melhor, seus herdeiros, já que a maioria já pertencia ao mundo dos espíritos.

Morri e *reouve o uso* dos membros paralisados, passando a sofrer a desdita do medo, não das pessoas por mim prejudicadas, mas do fator preponderante de minha personalidade, isto é, precisei levar avante a análise dos últimos anos de vida, para sentir se não fora por malícia que executara todas as obras de benemerência. Tão ardiloso sempre fora que necessitava enfim esclarecer o quanto de pureza moral figurava em cada moeda distribuída.

Ainda estou nesse exercício, porém, sinto-me bem mais leve, a ponto de realizar a composição, colocando-me no centro da teia tecida com muito amor e boa vontade.

Armando (apelido que estou prestes a abandonar. Graças a Deus!).

34. O RASGADOR DE SEDA

Era só encontrar-me com alguém cuja estima desejava e logo varria o solo com a pena de meu chapéu. E isso a vida toda. Não foram poucas as pessoas que corresponderam ao meu gesto, de forma que pude entender que também poderia representar algo de importância para a sociedade.

Ocorre que era bem constituído mentalmente, com boa inteligência e rapidez de raciocínio, podendo, através dos diálogos, reconhecer o quanto de pureza ou de aspereza havia nas personalidades alheias. Por isso, facilitava o bom relacionamento, utilizando-me de expressões amáveis e corteses.

Salpiquei durante toda a curta vida os meus encômios, algumas vezes desmedidos, por toda a parte, obtendo quase sempre bons resultados. Se, às vezes, era traído pela excessiva confiança que depositava nas pessoas, não me afastava do princípio adotado, porque as recompensas eram bem maiores que os castigos.

Quando conheci meu primeiro centro espírita, aos dezoito anos, já portava comigo aquela característica, de forma que o pessoal logo se apegou ao jovem promissor, cheio de boas palavras e belos sentimentos. Quanto a mim, julguei os mais velhos bastante compenetrados dos serviços que prestavam naquele ambiente austero, admirando-me do fato de que me houvessem permitido bem cedo chegar-me à mesa das comunicações mediúnicas.

De início, mantive-me afastado dos trabalhos, não dando oportunidade a nenhuma transmissão. Isso arrastou-se por mais de ano, até que, na falta do orientador da sessão, os colegas de mesa me apontaram como doutrinador eventual. Aceitei meio receoso mas com a convicção de que poderia conversar franca e lealmente com qualquer entidade trazida pelos guias da casa.

De fato, o primeiro com quem conversei foi um pobre sofredor, suicida e temeroso de continuar infeliz, já arrependido,

curvado sob a angústia de haver levado a desolação aos filhos menores. Como o ocorrido se dera há mais de quinze anos, julguei que estava próximo o término da crise de consciência, podendo manifestar a esperança de um breve regresso ao seio dos bons familiares e protetores. Aconselhei-o a visitar os parentes magoados, para constatação de que a vida deles não ficara paralisada no tempo, mas que haviam superado a tristeza, podendo ter acontecido que muitos, aplicados ao estudo da doutrina espírita e elevados pelas lições de Jesus, já teriam perdoado o seu gesto de desespero e angústia.

Estou narrando o primeiro caso, com o fito de demonstrar que foi suficiente para me fazer crer que estava habilitado a prosseguir como doutrinador e conselheiro. Não tecia elogios muito facilmente, como na vida secular, mas jamais ralhei com quem quer que fosse, sempre com ânimo propício a insuflar nos corações carentes de amor ou de amizade, certa predisposição para admitirem os próprios erros, à vista da imperfeição reinante neste planeta de expiação e proações.

Aos vinte e cinco anos, deixei a Terra, envolvido em trágico acidente, cuja causa se deveu à imperícia e à imprudência de um motorista de coletivo. Foi por ocasião de meu noivado, estando cheio de planos de conquistas pessoais no campo afetivo. Não me desesperei, porém, nem atribuí culpa ao infeliz, que se viu, desde logo, perseguido por muitos dos passageiros mortos no acidente.

No primeiro momento, cuidei dos familiares e da moça, que se viu desiludida e desesperançada. De imediato, porém, percebi que me deixava emocionar, a ponto de me desequilibrar, sempre que recebia as vibrações pesadas dos que não haviam compreendido que o homem, em sendo mortal, está sujeito a passar para o outro lado da existência a qualquer momento. Solicitei ajuda aos gentis protetores do centro, que se esforçavam para fazer que entendesse os problemas daquela repentina mudança energética, e deles recebi o apoio desejado, qual seja, o de cuidar dos meus, para que pudesse

ser designado membro do grupo de socorristas que partiria para assistência aos companheiros de acidente que se digladiavam nas trevas.

Gostaria de narrar os sucessos particulares relativos a cada um dos litigantes, no entanto, não conseguiria escrever tudo em menos de cinquenta laudas. Registro, então, que alguns se perderam em busca de um fantasma criado com base na figura do motorista, enquanto outros se deixaram convencer de que nada mais haveria que fazer para restabelecer o vínculo vital.

Quanto ao causador da tragédia, não me foi possível agregá-lo ao contingente que trouxemos à colônia, porque se afadigava com a lembrança de que deixara filhos menores em situação de penúria. Como não havia decorrido muito tempo, não tinham até aquele instante adquirido o consolo das criaturas citadas em meu primeiro trabalho de doutrinação.

Desejei ficar na companhia dele, mas não aguentei as sensações do remorso e do desconsolo que o pobre fazia expandir ao redor. Como eu não havia adquirido o domínio de meu cabedal psíquico, foi preciso que os instrutores me retirassem de perto do condenado, estando eu em péssima condição perispiritual.

Foi nesse frenesi provocado pelo desejo de praticar ato superior às minhas forças que compreendi, finalmente, que a minha fina educação deveria mesclar-se a conhecimentos teóricos mais profundos do que seja a virtude e sua aplicação no campo de atuação aberto pelo espírito de benemerência.

Se me fosse dada aqui clarividência para expor como realizar com perfeição todos os atos do socorrismo, talvez não conseguisse, porque estou prestes a oferecer aos leitores palavras de agradecimento pela magnânima aceitação da mensagem deste amigo, com que todos poderão contar a qualquer tempo e lugar.

Está claro que me veio à mente o fato de que, daqui a vinte ou trinta anos, poderei estar impedido por inúmeros fatores restritivos da liberdade, inclusive por poder estar reencarnado, contudo, se

requisitarem o agasalho de alguém desta colônia em meu nome (Valdomiro), com toda a certeza serão atendidos, desde que se mantenham íntegros em sua disposição de se aperfeiçoarem constantemente, o que me parece óbvio pelo fato de que chegaram a esta altura da obra.

Jamais pensem em mim sem uma oração, porque os primeiros que são auxiliados são vocês mesmos. Fiquem, pois, na graça do Senhor!

35. O PILOTO E A AEROMOÇA

Na carlinga, sentia-me dono da existência, com o poder de vida e de morte, pensamento a que não dava trela, para não me engrandecer de forma bastante prejudicial aos que se punham debaixo do meu comando. Por isso, levava o manche com precisão, conduzindo a aeronave de forma a mais condizente com todas as normas internacionais da navegação aérea.

Tempo houve em que precisei esquecer de mim mesmo, para lembrar-me da família, porque, com mais de vinte anos de profissão, me encantei com a jovialidade de recém-chegada à equipagem. Adentrou em meu coração da mesma forma que conquistaria a afeição de qualquer cinquentão, desacostumado com as carícias sutis do contato macio e aveludado de uma voz quente junto ao ouvido.

Reagi de modo inesperado, deixando-me envolver pela fugacidade da paixão. Era meu primeiro voo em rota de colisão afetiva. Mas não tomei a iniciativa da aproximação carnal. Pus-me no meu lugar e tentei sublimar pela fantasia os renascentes ardores juvenis.

Durante mais de quatro meses, revoei naquele céu estrelado, recusando-me a planar com o piloto automático. Sabia que, se deixasse a natureza dominar a minha pobre condição humana, iria perder altura, arriscando-me a pouso forçado, em região totalmente desconhecida.

Sinto-me desfalecer, quando pinto o quadro da falência imaginária. E me reconheço muito fraco, quando relembro que venceu a hesitação, ao me aprestar para pôr os sentimentos à mostra para a querida esposa, mãe de meus quatro filhos.

Ocorre que não me afinei ainda com as pressões que se exercem sobre a mentalidade inadvertida, como se, a qualquer momento, pudesse resvalar para a infidelidade, pondo em risco a segurança do itinerário planejado de comum acordo com os controladores da torre de comando.

Onde se encontra minha esposa? Em segundas núpcias, que a felicidade não depende dos que partem para o mundo dos mortos. Penso que ainda sinta saudade de mim, apenas para confortar-me. Em meus sonhos, a frustração do amor inconcluso me conduz para os momentos dos felizes e efêmeros contatos com a jovem dentro do impecável uniforme da companhia. Revejo-a sempre maquiada e bela, adornada com aqueles brincos de asas de ouro, discretos e adequados.

E me vem a pergunta que não consigo sopitar:

— Que teria acontecido para minha existência terrena e etérea, se tivesse cedido à tentação?

Eis o drama que consegui definir junto aos companheiros, para deles receber a sagrada colaboração, com vistas à efetiva solução do meu problema pseudo-sentimental, pseudo-material.

Alguns simplesmente enxugaram algumas lágrimas. Outros limitaram-se a abraçar-me. Houve uma companheira que me beijou as faces, saindo para isolar-se da turma. Ninguém me trouxe o conforto do exemplo que eu solicitava. No entanto, o meu passado não me condenava, embora me angustiasse perante a falta de clarividência íntima.

O mestre fez-me um sinal, parecendo dizer que eu deveria esperar pelo refazimento das emoções dos colegas. Acredito que ele mesmo tivesse sido atingido por recordações de diversas passagens pessoais de mesmo cunho.

A reação de todos me fez desenvolver a ideia de que o amor sublime não existe no campo material, porque o influxo das tendências atávicas se exerce inexoravelmente. Quando o indivíduo

se presume apto a suplantar o desejo, cria dentro da alma um fogo que vai consumi-lo até mesmo após o despertar da consciência na erraticidade.

Não queria consultar as lembranças da fadinha com suas asas de ouro. Tinha medo de que poderia deparar-me com a mesma frustração, com os mesmos temores, com a mesma desesperança. No entanto, atraía-me a curiosidade mórbida pela possibilidade de haver representado algo mais do que um chefe de equipe para ela. Teria levado consigo vida afora a recordação daquele cinquentão desajeitado?

Era a questão seguinte para o colegiado estudantil. Aí as participações se acenderam e as discussões brindaram-me com inúmeras saídas, durante várias reuniões. Todas elas partiam do princípio de que a realidade deveria prevalecer, umas elegendo a minha condição como primordial, outras favorecendo a privacidade dos sentimentos alheios, muitas conduzindo-me para os arquivos escolares, a maioria instigando-me para a consulta aos mentores e dirigentes da colônia, no sentido de obter permissão para convocar o espírito da moça.

Ponderei que seria melhor examinar a fórmula exterior e social aplicada por aquela criatura à própria existência na Terra. Imaginei-a casada e feliz, com os filhos e netos, dado o tempo que havia escoado desde a minha passagem para cá.

Nem precisei pedir alvará para tal visita. O próprio Mário me trouxe a recomendação dos maiores, para que eu fosse levado à presença dela, com a condição de ser acompanhado por toda a turma.

Encontrei-a com os traços ainda belos e com a organização corpórea saudável, entretanto, não me arrepiei nem refiz a comoção dos primeiros encontros. Tratava-se de uma outra pessoa, sem o brilho, sem os atrativos, sem a compostura hierática da deusa dos ares.

Voltei murcho. Aliás, todos voltamos arrastando os pés, como se nos pesasse a marcha obrigatória por via terrestre, já que ninguém se atreveu a sentar-se na cadeira do comandante.

Mário estipulou uma condição para a minha mensagem:

— Você só poderá redigir esse significativo episódio de sua existência depois de elucidar-se definitivamente quanto à razão de ter a crise durado tanto tempo.

Hoje, obtive a condescendência do mestre e pude retratar-me de corpo inteiro.

Fiquem nas graças do Senhor!

36. O COCO FURADO

Eu pertenci às praias do Nordeste. Isso de trepar nos coqueiros era comigo mesmo. Mas eu não venho para descrever o ofício, senão para dizer que, à noite, ficava imaginando que tinha asas e que voava, levando a minha sede a mitigar no alto das árvores. Não era um sonho dormindo, mas de olhos bem abertos, desejoso de ver os pássaros a furar os frutos, porque alguns encontrava perdidos para a safra.

Um dia, estava a derrubar quando minha vista se perturbou e desmaiei, caindo bem do alto, aterrissando já no etéreo. Não tivera muito tempo para julgar a vida como dom divino. Aos vinte e dois anos, esforçava-me para dar de comer à mulher e ao filho. E me perdia em devaneios, vendo os transatlânticos passarem, perdidos no horizonte. Acho que, se me dissessem que o paraíso deveria ser alcançado atravessando o mar, eu iria pedir para ir de navio.

Que destino esperava por mim deste lado?

Era de esperar-se que ficaria à beira-mar, no promontório mais alto, a mergulhar os pensamentos na profundidade do oceano, embalado pela brisa da tarde e pela maré que se levantava. No entanto, de tudo o que conheci em vida, ficou-me apenas o areal branco salpicado de sangue. Nem o coqueiro soube criar para enfeitar a paisagem. Quando muito, ao meu lado, companheiro solitário, um coco partido, furado, oco, vazio.

Tomei o fruto na mão e ergui-o, consultando-o a respeito da vida e da morte, qual bronco Hamlet que desconhecesse o ser e o não ser.

Diga-se, de passagem, que não me lembrei de nenhuma prece, de nenhum culto, de nenhum santo nem de Deus. Não acusava, não me repreendia, não procurava entender. Vi minha esposa em lágrimas e de luto. Só. A partir daquele dia tive a certeza de haver morrido. Mas havia sol e luar. Não havia mar nem peixes, nem

redes, nem cocos, nem anzóis, nem parceiros, nem transatlânticos. À noite, subia um mormaço que me dava estremeções de febre e eu procurava, em meio à escuridão, as árvores da vida e da morte. Sempre em vão.

Não vi mais minha companheira nem percebi meu filho crescendo. Também não me sentia só, capaz de imaginar todas as cenas das festas e dos agrados gentis da mocidade. Se me faltavam os seres de corpo e alma, tinha-os dentro do coração. Foi esse afeto que me conduziu, certa vez, por caminho iluminado artificialmente. Queria encontrar qualquer um que pudesse me indicar onde haveria cocos para derrubar. Era a minha aspiração.

E achei um palmeiral muito bonito, de árvores bem baixinhas, todas muito carregadas. Não me precipitei. Sabia de antemão que não encontraria nenhum fruto inteiro. Pensei nas milhares de almas sedentas e concluí que muitas teriam ficado sem o precioso líquido. Raciocinei mais profundamente e cheguei a resultado no mínimo surpreendente para quem não via transcendência em nada: minha sede era uma aparência de realidade, porque, se estava morto, não poderia sofrer o castigo de Tântalo.

Logrei assimilar o vocabulário desconhecido como se fosse natural em meu cérebro e, deslumbramento total, inferi que tivera outras existências carnis, provavelmente em regiões distantes daquela praia deserta da última peregrinação terrena.

Veio-me à inteligência a causa do desmaio: estava faminto, havendo deixado a última porção de farinha para a mulher. Iria saciar a fome com as dádivas da natureza. Deu no que deu.

Foi quando desejei ardentemente saber como estavam os meus, rogando aleatoriamente às forças da espiritualidade que me levassem até eles. Certo de ser atendido, recolhi-me em reflexões e predispus-me a esperar o momento oportuno da assistência.

Foi quando me apareceram dois velhos conhecidos de outras eras, gente boa, apesar de rústica, que me disseram que, para ser

atendido, precisava desenvolver as virtudes essenciais da fé, da caridade e da esperança.

Perguntei-lhes se não tinham percebido que sempre agira pela fé, pela caridade e pela esperança. Disseram-me que teria de comprovar os sentimentos através de roteiro que incluía a confiança na misericórdia de Deus, o que poderia alcançar se os seguisse.

Considerei que aquele areal me havia proporcionado instantes de muito respeito pela existência. Solicitei-lhes permissão para agradecimento sentido e realizei uma espécie de hino à natureza que me agasalhara.

Partimos e pude observar que as pegadas na areia ficavam cada vez menos marcadas, até que desapareceram completamente. Estava flutuando cada vez mais alto. Mas não tive medo de cair. O fenômeno me atraía completamente a atenção e comecei a desejar que a caminhada durasse uma eternidade. Mas a recordação da esposa e do filho me acordaram para a necessidade de me apressar.

Foi como cheguei a este patamar um pouco acima da crosta. Logo me matriculei em curso de primeiras letras, fui agraciado com a lembrança de duas vidas anteriores e pude conhecer as razões que me levaram a aceitar as condições desfavoráveis para bom crescimento intelectual. Mas essas são conquistas fáceis de adivinhar.

Em tempo: sempre que me vem a vontade de matar as saudades da vida simples, crio um coco bem saboroso e delicio-me com sua água nutritiva. Em breve, terei de recepcionar minha mulher. Espero poder orientá-la para ser feliz também aqui, se possível, ao meu lado. O mais o tempo haverá de providenciar, porque Deus é pai de infinita misericórdia e amor absoluto.

37. PERIGO IMINENTE

Aos poucos, fui despertando para a compreensão de que nem tudo o que se passa no campo da intuição representa real prevenção dos espíritos, relativamente aos fatos que envolvem os encarnados. Pode perfeitamente ocorrer que nós mesmos transfiramos medos e até suposições para o âmbito das revelações subjetivas, passando ou a criar séria expectativa ou a exigir que tudo decorra dentro dos parâmetros mentalmente estabelecidos, para colocarmo-nos a cavaleiro sobre o destino.

Entregue aos devaneios da previsão inoperante dos acontecimentos, gastei alguns anos significativos de minha vida, sempre advertida carinhosamente por mamãe:

— Lídia, controle essa sua fantasia. Não queira transformar meros sonhos em triste e opressora realidade. Conte-se com o que você vai conquistando através de esforço e de trabalho, porque as coisas não caem do céu, de repente.

Eu era jovem e não punha tento na verdade contida na advertência materna. Continuava supondo que era possível prever o futuro, a partir de impressões decalcadas em acontecimentos conhecidos. Cheguei a imaginar desastres terríveis, sempre envolvendo parentes e amigos, de sorte que qualquer viagem ou simples ida de casa para o trabalho logo avultava como algo trágico e definitivo.

Está claro que não dizia a ninguém tudo quanto conjeturava. No máximo, arriscava palpites de noivados e casamentos felizes ou prêmios de loteria. Quando se tratava de adivinhar o sexo dos fetos, não julgava que fosse verdadeiramente um processo de previsão, o que jamais me levou a falar nada a respeito.

Um dia, previ desagradável situação de assalto na via pública envolvendo meu irmão mais velho. Havia dito a ele que não saísse

aquela noite, que havia o perigo iminente de algum ladrão abordá-lo. Disse até que atacavam em duplas e ele foi roubado por dois marginais armados.

Quando nos refizemos do susto e da raiva, lembrei-lhe o que lhe havia dito e tive de ouvir a observação mais corriqueira em casos que tais:

— Foi você quem atraiu os assaltantes com a sua mania de chamar a desgraça.

Naquele dia, chorei muito e prometi a mim mesma nunca mais falar nada que não fosse absolutamente positivo.

De fato, encerrei a minha carreira de pitonisa, sem, contudo, refrear os impulsos íntimos que me levavam a desconfiar de que tais ou quais coisas iriam suceder. Nunca mais, contudo, consegui acertar nenhuma previsão, a não ser fatos muito evidentes, como as intempéries e as melhorias do clima.

Aqui chegando, transferi-me para a condição de insufladora de ideias e suspeitas. Enquanto corria aérea e mentecapta, sem destino, pelos rincões obscurecidos da consciência, ainda atrapalhada pela estupidez de morte inadvertida debaixo de composição de trem urbano, vislumbrava outras ocorrências, ou melhor, a possibilidade de outras ocorrências e buscava as pessoas que corriam maiores riscos, tentando avisá-las da tragédia próxima.

Tantas fiz que acabei sensibilizando um grupo de socorristas, já que sofria muito por não alcançar avisar um único mortal por meio intuitivo. Era bem intencionada, no mínimo, embora totalmente ignorante dos meios de pôr em prática uma ação benéfica no plano da espiritualidade.

Matriculada nesta turma, ainda procurava entender como é que mesmo os daqui não conseguiam divisar o futuro como resultante de fatores vitais. Muitos sabiam quais as dificuldades de saúde de seus protegidos, mas faziam questão de demonstrar que eram médicos a seu modo, capazes de diagnosticar a formação das moléstias pela condição geral da saúde dos indivíduos. Ninguém

havia que dissesse quem sairia vencedor neste ou naquele páreo, nesta ou naquela eleição, embora devessem acertar muito mais do que os encarnados, porque exploravam o conhecimento da força dos animais e do desejo das pessoas. Prêmios da loteria, ninguém encontrei que tentasse adivinhar. Aliás, sinto-me forçada a revelar que muitos ficam ao lado das bolinhas dos sorteios, para ver se conseguem influir no peso, na velocidade ou no movimento delas. É óbvio que, entre eles, existem muitas disputas, porque seus “pupilos” encarnados não possuem os mesmos bilhetes.

Um dia, levei à classe o último problema que restava insolúvel em minha mente:

— Vocês podem dizer-me se as forças superiores, os espíritos de eleição, os que vigiam mais do alto os acontecimentos e a necessidade real dos espíritos encarnados, à vista de haver quase sempre afortunados que levam somas muito elevadas, não desviam a sorte para tais criaturas?

Depois de algum debate, desinteressada a maioria pela proposição, houve um companheiro que pôs uma pedra pesada e definitiva na minha esperança maliciosa de haver achado brecha na muralha dos conhecimentos prévios:

— Não se esqueça, Lídia, que a sorte ou o azar podem ter a aparência que lhes emprestamos, podendo constituir-se exatamente em seu contrário, conforme a destinação que dermos aos sucessos. Se formos acatar a sua sugestão, teremos de assentir que a sua morte foi levemente provocada por algum espírito benigno entre os protetores, com o intuito de levá-la a entender que nada na vida acontece por acaso. Não é verdade que você não se preocupou com tal aspecto de seu passamento, voltando-se para a prevenção dos fatos fortuitos que poderiam causar transtornos indevidos? Se a minha explicação surtir efeito, vai contrariar a sua tese, pois você passará a agir de forma adequada ao novo conhecimento e nada disto redundou das percepções fugidias,

senão que foi o fruto de longa meditação e entranhado estudo da realidade.

Ainda agora estou imaginando se algum leitor inteligente não esteja pensando em presentear um amigo com exemplar desta obra, desencadeando outros desejos de melhoria através da reflexão sobre os temas aqui apontados.

Deus nos proteja e nos mantenha a mente aberta para a assimilação da verdade!

38. O CONTADOR DE ANEDOTAS

A frase que mais gostei de ouvir, durante toda a vida, foi:
— Conte outra.

Gostava de provocar a argúcia dos ouvintes, estabelecendo situações cômicas das mais variadas e sutis. E me divertia com eles, rindo mais que todos.

Não me profissionalizei, entretanto, não havia reunião em que não aparecia com alguma piada nova, com algum caso engraçado, com algum episódio hilário.

O espírito folgazão não eliminou a seriedade dos estudos do espiritismo como doutrina moral e religiosa. Dada a facilidade de exprimir-me, pediam-me sempre para expor pontos de interesse, sabendo que eu imprimiria à aula o cunho risonho das tiradas oportunas. De resto, eu o fazia incentivado pelos oradores espíritas, todos devidamente preparados para uma ou outra facécia de agrado.

Quando aqui arribei, assumi o lado sisudo da personalidade, considerando que, a partir do etéreo, não se admitiria mais o riso fácil provocado por engodos e quiproquós, que são as diretrizes básicas para o encantamento do desfecho das historietas cômicas.

Essa atitude, tomei-a ainda em vida, num desses arroubos da imaginação, criando ambientes em que nenhum deslize se admitiria, ainda que se tomassem por personagens criaturas inexistentes, colocadas em situações embaraçosas.

Por isso, quando ouvi antigo companheiro pedir para contar outra, assustei-me deveras, considerando-me em região atrasada, dado que precisaria reagir de forma grosseira, ao avesso das considerações anteriores.

Claro está que não censurei o amigo, mas não deixei de pespegar-lhe um safanão moral, revelando-lhe os raciocínios que me levaram a guardar no armário da memória todos os arremedos facetos da vida.

Não obtive um inimigo mas devo confessar que lhe causei tremendo mal-estar, precisando da intervenção de um dos guias da colônia, em época em que ainda postulávamos a matrícula. E tal intervenção se deu de forma absolutamente inesperada, pois ele me perguntou se eu não conhecia nenhum chiste envolvendo espíritos.

Precisei esforçar-me para não ofendê-lo, muito embora soubesse que iria revelar meus pensamentos em contrariedade. Atinei com a melhor saída e pedi-lhe para que me contasse alguma anedota corrente entre os irmãos da casa.

Ele esforçou-se para me fazer rir:

— Dois recém-chegados procuravam a porta do céu. Um achava que deveria haver uma grande abertura, enquanto o outro afirmava que São Pedro tinha a chave, indício claro da existência da porta. Discutiam, quando passou por ali outro novato, empurrando um carrinho de pipocas. Como não chegavam a nenhuma conclusão, levaram o problema ao outro. Este pensou um pouco e respondeu: “Foi bom que vocês me alertassem. Como é que vou estourar milho inexistente, para pessoas sem fome?” E os dois seguiram caminhando calados, certos de que não haveria nem portas nem aberturas nem São Pedro.

Definitivamente, eu me vi com inteira razão. Os do etéreo perdem a inspiração, não por não sentirem a necessidade do descanso mental que uma brincadeira sadia oferece, mas porque se situam em patamar onde as alegrias são mais espirituais, mais profundas, cheias de sentimentos e de emoções felizes.

Refleti que existem regiões onde as pessoas são exatamente as mesmas que eram na Terra, havendo total possibilidade de sentirem o mesmo, quer quanto à arrelia dos outros, quer quanto ao esquecimento das dores por alguns instantes.

Voltei-me para os encarnados e, com grande esforço de concentração, encontrei-me perante famoso palhaço na hora do desenlace. Queria saber se mantinha a mesma disposição para brincar.

Ao meu lado, aquele mesmo orientador me explicou:

— Esse daí está compenetrado de que irá deparar-se com forças muito superiores, a quem deverá prestar contas, conforme os ensinamentos de sua religião. Por isso, está transformando toda a alegria com que contagiou o povo em serviço prestado por amor aos semelhantes. Eu não conheço a história da vida dele, contudo, se tudo quanto fez teve o sinete da boa vontade e do viço feliz de quem promove o sorriso leal e franco, haverá de se encontrar conosco, para seguirmos evoluindo nas pegadas de Jesus.

De fato, o cômico despertou diante de nós e logo nos reverenciou, como se fôssemos os enviados de Deus para conduzi-lo ao paraíso. Devo confessar que, no primeiro momento, senti certa vontade de sorrir pela falsa impressão que lhe causamos, porém, logo me enchi de brios e me pus a orar, pedindo aos irmãos da colônia que nos dessem força para explicar ao recém-chegado o que exatamente estava à espera dele.

Ele entendeu logo e, batendo na testa, soltou uma exclamação de profundo agrado, dizendo-se obtuso, rindo a bom rir, contagiando-nos com a sua alegria dócil e prazenteira, dando-nos os braços e forçando-nos a levá-lo conosco:

— Vamos trabalhar, seus preguiçosos. Vocês não estão vendo que precisam carregar esta alma depenada?... Ou estão achando que tudo o que têm de fazer é ficar filosofando pela eternidade? Se assim for, no máximo, conseguirão fazer rir os tolos e os práticos, que vão vencer os obstáculos através do bem que irão praticando em sua caminhada ascensional.

Cotejei a minha reação de contador de anedotas amador com a atitude absolutamente profissional do outro e concluí que, até para ser engraçado, é preciso aliar a virtude à inteligência. Foi por

isso que me atrevi a atender ao pedido dos colegas para descrever minha psique, apesar de considerar muito difícil a compreensão pelos encarnados de um texto sem bom exemplo de dito espirituoso.

Qualquer dia eu chego lá...

39. O SALVADOR DA HUMANIDADE

Como eu gostaria de acreditar em que Jesus, verdadeiramente, representa aquele que veio para salvar a humanidade, o messias enviado por Deus para sacrificar-se em prol de abrir caminho para que todos cheguem até o reino do Senhor.

Mas eu queria que Jesus efetivasse alguns milagres espirituais da mesma forma que curou os leprosos, que deu luz aos cegos, que ressuscitou os mortos. Queria que ele dissesse:

— Homens de todos os quadrantes, erguei-vos perante Deus e apresentai-vos para a peregrinação definitiva!

Aí, todos iríamos caminhar impávidos, rumo à bem-aventurança, de mãos dadas, entoando hosanas e saltérios.

Mas Jesus disse que a cada um seria dado conforme o que obrassem de bem em favor dos semelhantes, amando-os indiscriminadamente, sem ver se eram ou não inimigos. Assim não vale, porque acrescentaria ao sofrimento da carne mais as dores espirituais pela descoberta da inferioridade em que estamos mergulhados. Eu desejava a salvação pura e simples, contudo, Jesus nos ofereceu o seu exemplo de compaixão e solidariedade, incentivando-nos a que trilhássemos a mesma senda da perfeição, sem sermos perfeitos como ele.

Em vida, trabalhei bastante pelos necessitados, porém, sempre receoso de ser desrespeitado, maltratado, ofendido, agredido e assassinado. Não confiei jamais na proteção dos espíritos benignos que cercavam de cuidados o centro espírita e nos diziam que estávamos sob o amparo de entidades de superior virtude. Por isso, não aceitava entrevistar criminosos nos presídios, nem levar a palavra da fé e da esperança aos doentes no isolamento dos hospitais.

Desconfiava, desconfiava, desconfiava...

Vivi mais de oitenta anos e só no finalzinho, percebendo que não faria diferença viver ou morrer, estive no caminho de um desbeijado da vida, que me deixou a carcaça a apodrecer no meio de matagal, enquanto ia vasculhar o interior de minha casa para se apoderar dos poucos pertences que ainda possuía. Sei que se frustrou, porque as células que achou não deram para adquirir sequer a garrafa que lhe manteria o vício.

Em lugar de agradecer-lhe a forma rápida do despacho, ergui a voz do coração, para pregar-lhe idealmente que estava fazendo comigo o que os algozes fizeram com o Cristo.

Só muito mais tarde é que vim a compreender que a necessidade de encontrar um salvador da humanidade tinha que ver com a consciência obliterada pela íntima ambição de ser eu mesmo aquele messias.

Parece um absurdo que tenha sido esse o resultado final da pesquisa psíquica que levei a cabo, tendo estudado as obras de Kardec e tendo ouvido tantas exposições de companheiros dotados da doutrina espírita. Não me bastaram as inúmeras doutrinações que ouvi e que exarei em sessões de desobsessão. Queria a salvação pelos dotes de outrem. Não atinei que precisava agir em consonância com as teses que dizia aceitar e que divulgava em quanta oportunidade me aparecesse.

Trago este meu exemplo para suplantar as possíveis suspeitas dos leitores quanto a estar este grupo a simular perfeição ou a disfarçar imperfeições. O meu objetivo primordial é levantar a dúvida da melhor concepção de vida ativa e sua prática. Se quiserem um conselho adicional, recolham-se em meditação e vejam se admitem o fato de que estamos todos necessitados da compaixão divina, para pleitearmos um lugar em colônia mais adiantada, onde os espíritos privam da felicidade de não se magoarem com o fato de que os terráqueos estão em luta fratricida.

Sei que a minha palavra não terá grande efeito, no entanto, se disser algo de bom, podem acreditar, irei repetir exatamente o que

ensinava nas aulas e nas palestras, culminando por recomendar a melhor prece, com o máximo de concentração na bondade de Jesus e na misericórdia divina.

Deus de amor infinito, tende compaixão pelos que sofrem a desdita de colocar-se à frente dos necessitados, como se todo o mal do mundo neles se concentrasse. Ao menos, Senhor, fazei que compreendamos que vossas bênçãos se espargem sem cessar pelos universos e que somos nós que não nos pomos dignos de recebê-las. Um gole d'água em vossa fonte de perene benignidade nos faria as criaturas mais gloriosas e saciadas. No entanto, antes de beber, costumamos encher nossos cântaros, porque julgamos que nos cabe dessedentar os demais, como se fôssemos melhores que eles. Que este nosso rogo tenha o condão de significar um passo mais na conquista da humildade que nos iluminará um dia. Assim seja!

Davi, pela Equipe do Eterno Regresso.

REFLEXÃO FINAL

Notável este sistema de comunicação mediúnica! Tivéssemos mais brilho e nossas composições alcançariam todos os intelectos, com as palavras mais adequadas para a percepção pelos mortais dos pensamentos que nos levam a tentar contagiar-lhes a alma.

Fizemo-lo, sim, em quarenta mensagens cheias de otimismo e esperança. Talvez tenhamos demonstrado, aqui e ali, muita fraqueza e influxos do mal arraigado nas consciências. Todavia, temos por obrigação manifestar o nosso contentamento por tornar aparente o que em nossas discussões dispúnhamos como defeitos a serem vencidos.

Esta tendência ao realismo psíquico é a recomendação mais forte dos mentores da *Escolinha de Evangelização*. Queremos atingir a inteligência e a sensibilidade de pessoas falíveis, indicando-lhes possíveis caminhos de superação dos vícios e maus procedimentos. Por isso, não nos atrevemos a exaltar a perfeição. Ao contrário, limitamo-nos a exaltá-la em Jesus, na trilha dos amigos espirituais de Kardec, para que não nos impinjamos como seres superiormente dotados.

Estamos aprendendo a dominar os impulsos que visem a prejudicar a quem quer que seja, e isto nos tem ajudado a sentir o quanto de sofrimento causamos no passado e a pressentir o quanto devemos aperfeiçoar-nos até merecermos subir mais um patamar evolutivo. Trata-se de humildade buscada e pleiteada; e também exposta com toda a lealdade que nos é possível.

A todo o momento estamos recebendo parceiros de vida, que nos chegam temerosos dos açoites da consciência. Desde que tenham entendido que deverão melhorar, perdendo e auxiliando a todos, sem restrição de qualquer natureza, são logo admitidos nos cursos de evangelização, o bê-á-bá da doutrina dos espíritos.

É assim que recomendamos que os amigos leitores cheguem a este lado, ou seja, cheios de confiança de que serão bem recebidos e encaminhados aos setores em que se sentirão mais confortáveis, dentro dos parâmetros de seus próprios méritos. E não somos nós que estabelecemos os roteiros de suas atividades, senão que vocês próprios se capacitam a escolher os rumos em que se tornarão menos infelizes, para maior produtividade dos esforços.

Não estamos querendo transformar esta derradeira exposição em aula de bons princípios. Estes estão por demais divulgados em todos os veículos de comunicação do movimento espírita. Estamos desejosos de enfeixar as vibrações de amor em harmonia com as expectativas dos encarnados que buscam lenitivo para os sofrimentos, em livros de apoio espiritual. Se conseguirmos este simples mas difícil objetivo, ficaremos exultantes e todas as nossas preces se voltarão para a exaltação da benignidade do Criador e para agradecer-lhe efusivamente tão generosa dádiva.

Abramos os nossos corações para recebermos em graça as bênçãos do Senhor! Assim seja!

Mário.

Indaiatuba, de 10.01 a 12.03.02.